



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA -**  
**PROFHISTÓRIA**

MANUEL MACHADO GONÇALVES RAMOS

**CANTANDO A REFORMA PROTESTANTE: O PROTAGONISMO**  
**DAS MULHERES NO INÍCIO DO MOVIMENTO**

JOÃO PESSOA- PB  
OUTUBRO DE 2023

MANUEL MACHADO GONÇALVES RAMOS

**CANTANDO A REFORMA PROTESTANTE: O PROTAGONISMO  
DAS MULHERES NO INÍCIO DO MOVIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História. Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Azevedo Maia. Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

JOÃO PESSOA- PB  
OUTUBRO DE 2023

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

R175c Ramos, Manuel Machado Gonçalves.

Cantando a Reforma Protestante : o protagonismo das  
mulheres no início do movimento / Manuel Machado  
Gonçalves Ramos. - João Pessoa, 2023.

130 f.

Orientação: Paulo Roberto de Azevedo Maia.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Ensino de história. 2. Reforma Protestante. 3.  
Canção - Recurso didático. 4. Mulheres reformadoras. 5.  
Argula von Grumbach, 1492-1568. 6. Paródias. I. Maia,  
Paulo Roberto de Azevedo. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37:94(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

ATA Nº 11

Aos catorze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às nove horas, através da Plataforma Google Meet (meet.google.com/hii-jbdh-frg), instalou-se a banca examinadora de dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) MANUEL MACHADO GONÇALVES RAMOS. A banca examinadora foi composta pelos professores Dr. LUCIANO AZAMBUJA, examinador externo à instituição, Dr. DAMIÃO DE LIMA, UFPB, examinador interno, Dr. PAULO ROBERTO DE AZEVEDO MAIA, UFPB, presidente. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte da professora Dra. PRISCILLA GONTIJO LEITE, coordenadora do Programa, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, passou a presidência dos trabalhos ao professor Dr. PAULO ROBERTO DE AZEVEDO MAIA, que de imediato solicitou a (o) candidato (a) que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada "Cantando a Reforma Protestante: o protagonismo das mulheres no início do movimento", marcando um tempo de vinte minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o professor Dr. PAULO ROBERTO DE AZEVEDO MAIA, presidente, passou a palavra ao professor Dr. LUCIANO DE AZAMBUJA, para arguir o (a) candidato (a), e, em seguida, ao professor Dr. DAMIÃO DE LIMA para que fizesse o mesmo; após o que fez suas considerações sobre o trabalho em julgamento; tendo sido **APROVADO** o candidato, conforme as normas vigentes na Universidade Federal da Paraíba. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao Programa, no prazo de trinta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção anexa. O candidato não terá o título se não cumprir as exigências acima.

Dr. PAULO ROBERTO DE AZEVEDO MAIA, UFPB, Presidente

Documento assinado digitalmente

LUCIANO DE AZAMBUJA  
Data: 29/12/2023 12:40:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. LUCIANO AZAMBUJA, IFSC, Examinador Externo à Instituição

Documento assinado digitalmente

DAMIAO DE LIMA  
Data: 29/12/2023 15:56:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. DAMIÃO DE LIMA, UFPB, Examinador Interno

Documento assinado digitalmente

MANUEL MACHADO GONCALVES RAMOS  
Data: 29/12/2023 16:14:59-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

MANUEL MACHADO GONÇALVES RAMOS, Mestrando

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é resultado do meu esforço isolado. Muito pelo contrário, ele teve influência de diversas pessoas queridas que fizeram e fazem parte da minha jornada. Expresso aqui meu profundo agradecimento a todas elas.

Em primeiro lugar, agradeço a minha mãe, Simone. Ela foi, desde sempre, minha maior incentivadora nos estudos. Sei que a conclusão desse sonho não é uma realização só minha, mas dela também. Enfim posso dizer: conseguimos, mãe. Obrigado!

Agradeço também a minha esposa, Any. Ela foi o meu suporte durante todo o processo da pesquisa e escrita deste trabalho. Tê-la ao meu lado torna qualquer jornada mais fácil. Este trabalho também é seu, meu amor. Obrigado por tudo!

Dedico também a minha linda filha, Catarina, que veio ao mundo durante o processo de escrita desta dissertação. Papai te ama!

Agradeço a meus irmãos, Érika e Everton. Sou muito grato a Deus pelas suas vidas.

Agradeço a todos os meus colegas e amigos do mestrado: Marcos, Lucas, Alisson, João Pedro, Emilíio, João Maria, José Thiago, Maria do Socorro, Rosane, Fabricío e Monique. Aprendi demais com todos vocês. Quem sabe não estaremos juntos no doutorado?!

Agradeço ao meu orientador Professor Dr. Paulo Maia. Muito obrigado por todas as ricas observações, sugestões, críticas e elogios.

Agradeço também a todos os demais professores do ProfHistória da UFPB. Em especial a professora Cláudia Lago e ao professor Damião de Lima. A disciplina “Metodologia no ensino de História: o pesquisador-professor e o professor-pesquisador”, ministrada pela professora Cláudia foi fundamental para a montagem do projeto inicial. A disciplina “Avaliação no ensino de História: para que, o que e como avaliar?”, ministrada pelo professor Damião foi, com toda certeza, a que mais me impactou no que diz respeito ao meu fazer pedagógico. Nela pude rever toda minha prática docente, bem como

encontrar um espaço na universidade onde, de fato, se abraça a diversidade dando-se espaço para ideias divergentes se expressarem. Obrigado, professor!

Agradeço também a todos os meus alunos. É desafiador ser professor em nosso país, mas também é extremamente gratificante poder contribuir, em alguma medida, com a formação dessa garotada.

Por fim, agradeço a Deus. Ele tem sido bondoso comigo desde sempre. Sem Ele nada poderia fazer. Finalizo tal trabalho com a certeza que Ele é Senhor de tudo, inclusive da História.

Soli Deo gloria.

## RESUMO

O presente trabalho investiga o potencial da canção enquanto um recurso didático eficaz no ensino de História, tendo como recorte temático a Reforma Protestante, com foco na atuação e influência das mulheres reformadoras e apologetas Argula von Grumbach e Marie Dentière. Os conceitos estruturantes do quadro teórico foram articulados sobre os referenciais de MacGrath (2007, 2012, 2014), Lindberg (2017), Delumeau (1989), Salviano (2021), Napolitano (2002), Bitterncourt (2011), Brum (2020), Morais (2017), dentre outros. Quanto ao produto final, elaborou-se e foi aplicado um conjunto de quatro oficinas direcionadas as turmas do 7º ano da Escola Municipal do Ensino Fundamental Professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque. O propósito global dessas oficinas consistiu na reflexão e avaliação da eficácia da análise de canções enquanto ferramenta pedagógica no âmbito do ensino da história. Além disso, visou orientar e analisar paródias criadas pelos próprios estudantes. O tema central abordado nas oficinas, bem como na produção das paródias, foi a Reforma Protestante, com ênfase na figura notável da reformadora Argula von Grumbach.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de História; Canção; Paródias; Mulheres; Reforma Protestante.

## **ABSTRACT**

The present work investigates the potential of the song as an effective didactic resource in the teaching of History, with the Protestant Reformation as its thematic focus, focusing on the performance and influence of women reformers and apologists Argula von Grumbach and Marie Dentière. The structuring concepts of the theoretical framework were articulated based on the references of MacGrath (2007, 2012, 2014), Lindberg (2017), Delumeau (1989), Salviano (2021), Napolitano (2002), Bitterncourt (2011), Brum (2020) , Morais (2017), among others. As for the final product, a set of four workshops were developed and implemented aimed at the 7th year classes of the Escola Municipal do Ensino Fundamental Professor Lynaldo Cavalcanti in Albuquerque. The overall purpose of these workshops was to reflect on and evaluate the effectiveness of song analysis as a pedagogical tool in the context of history teaching. Furthermore, we aim to guide and analyze parodies created by the students themselves. The central theme addressed in the offices, as well as in the production of parodies, was the Protestant Reformation, with an emphasis on the notable figure of the reformer Argula von Grumbach.

**KEYWORDS:** History Teaching; Song; Parodies; Women; Protestant Reformation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1- O USO DE CANÇÕES NO ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	13
1.1 CONCEITUANDO CANÇÃO .....	13
1.2 A IMPORTÂNCIA DA CANÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	15
1.3 O OBJETO CANÇÃO EM DUAS DISSERTAÇÕES DO PROFHISTÓRIA .....	21
1.4 A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES EM MÚSICAS EVANGÉLICAS.....	29
1.5 AS MÚSICAS .....	31
<b>2. A ATUAÇÃO DE ARGULA VON GRUMBACH E MARIA DENTIÈRE NA REFORMA DO SÉCULO XVI</b> .....	49
2.1 A INCLUSÃO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO E NO ENSINO DE HISTÓRIA .....	49
2.2 IDEIAS TÊM CONSEQUÊNCIAS: O RESGATE DE DOCTRINAS REALIZADO NA REFORMA .....	54
2.3 A ATUAÇÃO DE ARGULA VON GRUMBACH E MARIA DENTIÈRE NA REFORMA RELIGIOSA DO SÉCULO XVI.....	60
2.4 ARGULA VON GRUMBACH.....	61
2.5 MARIA DENTIÈRE .....	67
<b>3. EXPLORANDO A REFORMA PROTESTANTE ATRAVÉS DA ANÁLISE DE CANÇÕES E DA CRIATIVIDADE PARÓDICA</b> .....	73
3.1 A ESCOLA .....	73
3.2 CONCEITUANDO OFICINA E PARÓDIA.....	74
3.3 O PLANEJAMENTO .....	77
3.4 APLICAÇÃO DAS OFICINAS E RESULTADOS.....	81
3.5 AS PARÓDIAS DO 7º ANO “A” .....	98
3.6 AS PARÓDIAS DO 7º ANO “C” .....	103
3.7 O QUADRO GERAL.....	111
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	113
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	116
<b>ANEXOS</b> .....	123

## INTRODUÇÃO

O propósito central desta pesquisa é examinar o potencial da utilização da canção como recurso didático no ensino de História, com um enfoque específico na temática da Reforma Protestante. Nosso interesse concentra-se na análise da participação e influência de duas mulheres, Argula von Grumbach e Maria Dentièrre, nesse movimento histórico. Diante desse objetivo, surge a indagação sobre a razão pela qual optamos pela escolha específica do meio "canção" em detrimento de outras formas de linguagem, bem como a motivação por trás da exploração da história das mulheres. Nesse sentido, julgamos relevante apresentar tais justificativas por meio de uma breve narrativa de vida.

A minha ligação com a música teve início na minha infância, quando comecei, no contexto eclesiástico, a cantar em coros. Além disso, a presença significativa de um tio próximo, que não apenas cantava, mas também tocava violão, exerceu uma grande influência sobre o meu gosto pela apreciação e execução musical, especialmente no que diz respeito ao canto. Recordo-me, inclusive, de algumas ocasiões em que participei de shows de talentos realizados na minha cidade.

Na adolescência, busquei aprofundar meu entendimento musical por meio da participação em cursos que abordavam teoria musical e técnicas vocais, na época oferecidos gratuitamente, pela prefeitura e pela igreja católica matriz de minha cidade. Nesse período também fui integrante de bandas marciais e um grupo de frevo de rua, em ambos desempenhando a função de percussionista, tocando tarol.

No início da juventude, no período de minha trajetória universitária, sempre busquei cursar disciplinas eletivas relacionadas à área da música, incluindo o estudo do canto coral. Essas vivências contribuíram consistentemente para fortalecer meu interesse e empenho no âmbito musical. Consequentemente, ao concluir minha graduação em licenciatura em história e iniciar minha jornada como educador, tornou-se inevitável que a música continuasse desempenhando um papel significativo em minha vida.

Entre os muitos desafios presentes em sala de aula, deparei-me, muitas vezes, com a dificuldade de tornar evidente, para o alunado, a realidade de que o estudo da história é algo atrativo, relevante e necessário. Nesse sentido, ao longo da minha trajetória como docente, adotei por diversas vezes o uso de canções, como uma estratégia para promover a dinamicidade do ambiente de aprendizagem, visando tornar as aulas mais interessantes e significativas para os alunos. As canções eram usadas das mais variadas maneiras, como por exemplo: 1. Para fomentar uma questão problematizadora e estimular discussões sobre um dado tema no início das aulas; 2. Para sintetizar um conteúdo no desfecho de uma exposição; 3; Como fonte, para analisar, a partir dela, um assunto. Essas abordagens, em geral, sempre demonstraram impactos positivos no desempenho dos estudantes, inclusive alcançando não apenas o aspecto cognitivo, mas também o afetivo. Recordo-me, por exemplo, de alunos do nono ano que ainda se lembravam, com entusiasmo e certo saudosismo, das letras das paródias utilizadas em minhas aulas quando estavam ainda no sexto ano.

Enfim, uma das razões por optar abordar, no mestrado profissional em ensino de história, a pesquisa sobre canções, diz respeito a toda essa minha trajetória envolvida com tal objeto.

Mas e quanto à história das mulheres? Por que pesquisar sobre a atuação das mulheres na Reforma Protestante? Para responder a tais questionamentos, recorro novamente a minha narrativa de vida, pois tal opção também se deu em decorrência das minhas experiências pessoais e profissionais.

Onde estavam as mulheres na Reforma Protestante? Essa questão nunca me veio à mente até o ano de 2020, quando fui apresentado e confrontado com a temática ao ouvir um podcast<sup>1</sup>. Nele, a entrevistada, Rute Salviano<sup>2</sup>, abordou quais os papéis e influência de algumas mulheres no contexto da Reforma religiosa do século XVI. Tal dia foi marcante para mim, pois houve a descoberta de um problema que sequer tinha noção que existia. Claro que, ainda na graduação, já me havia deparado com a realidade do

---

<sup>1</sup> O podcast em questão é o Bibotalk. Um programa de entrevistas, de visão protestante, que debate temas como Filosofia, História, Teologia, etc. a partir de uma perspectiva cristã.

<sup>2</sup> Historiadora brasileira dedicada, principalmente, ao estudo das mulheres na história da Igreja Cristã.

silenciamento que foi imposto as mulheres na história em geral, mas nunca o havia relacionado a esse movimento (Reforma Protestante) em questão. Esse evento foi então um episódio provocador que deu origem as minhas pesquisas sobre o assunto. E por qual razão o recorte das mulheres no início do protestantismo chamou-me tanta atenção? Pois bem, aprendi, desde a graduação, que todo objeto de pesquisa geralmente está associado ou a uma paixão avassaladora por parte do pesquisador, ou há algum desconforto e inquietação. No caso dessa pesquisa, ela está intimamente ligada a minha própria trajetória de vida.

Como a maioria dos brasileiros, nasci em uma família católica, mas, aos meus 17 anos, tornei-me protestante<sup>3</sup>, e, desde então, sempre fui envolvido com a área de ensino no meio eclesiástico. Quase paralelo a minha conversão, iniciei também minha graduação em História, e, no 3º período do curso já estava lecionando a disciplina em uma escola da rede estadual de ensino do município em que residia<sup>4</sup>. Afrontado em 2020 com a pergunta “onde estavam as mulheres na Reforma Protestante?”, me perguntei como, mesmo tendo uma vivência longa em uma igreja protestante<sup>5</sup> e ainda tendo feito o curso de História, nunca tive um encontro com tal assunto. Por que minha liderança eclesiástica ou mesmo meus professores da universidade não falaram absolutamente nada a respeito das mulheres e seus papéis no início do protestantismo?

Em consonância com a constatação da ausência de representação feminina no contexto do ensino voltado para a Reforma Protestante, tanto a partir de minha vivência pessoal religiosa, quanto também no contexto acadêmico, percebi também que, no âmbito profissional, a partir de uma análise de livros didáticos com os quais já havia tido contato, a identificação dessa mesma lacuna.

Ao folhearmos rapidamente a maior parte dos livros didáticos, percebemos que a História parece ter sido feita unicamente por homens, visto

---

<sup>3</sup> A instituição ao qual aderi foi a Igreja Adventista do Sétimo Dia, uma organização que surgiu nos Estados Unidos no século XIX, que tem por uma das principais figuras históricas uma mulher, a autora Ellen G. White.

<sup>4</sup> O município em questão é uma cidade do curimataú paraibano chamada Cacimba de Dentro. A primeira escola ao qual me referi foi à escola Estadual do Ensino Médio e Normal Pedro Targino da Costa Moreira. Nessa escola fiz o curso do magistério e, como já dito, minha primeira experiência enquanto professor foi justamente nela.

<sup>5</sup> No ano de 2020 já havia tido algo em torno de 11 anos de experiência enquanto protestante.

que as mulheres, na maioria das vezes, sequer são mencionadas, e, quando são, aparecem apenas como meras coadjuvantes das narrativas<sup>6</sup>. Na realidade, esse fato revelador da maior parte de nosso material didático aponta para toda uma falta de representatividade e de protagonismo das mulheres na produção e no ensino de História. Em 12 anos ministrando a disciplina de história, nunca percebi a presença das mulheres nos capítulos que tratam da Reforma do século XVI. Pois como é habitual, na maioria dos materiais voltados para o ensino básico, os nomes que geralmente são citados são o de João Calvino, Filipe Melâncton, Ulrico Zuínglio, Martinho Lutero, entre outros. Notadamente, apenas figuras do sexo masculino.

Mas afinal de contas, onde estavam as mulheres em meio a essa revolução? Será que pouco ou nada contribuíram para tal movimento? É possível se aproximar da Reforma por meio da experiência feminina? Percebi então que tanto minha liderança clerical, quanto meus professores da graduação<sup>7</sup>, não me apresentaram tal problema porque também o desconheciam.

Enfim, essa relação do objeto de estudo com minha particular realidade pessoal (religiosa), acadêmica e profissional foi o que motivou a presente pesquisa. Inquieto pela invisibilidade imposta as mulheres na história, e, precisamente pela ausência delas na Reforma religiosa do século XVI, optei por realizar um estudo e levantar biografias de mulheres que atuaram diretamente nesse movimento.

A estrutura da dissertação, feita em três capítulos, está disposta da seguinte maneira.

O primeiro capítulo aborda o uso da canção como uma ferramenta eficaz no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de História. Para tanto, o texto apresenta, a partir de uma revisão de literatura e também da análise de duas dissertações do ProfHistória, uma reflexão sobre as possibilidades do uso da canção em aulas de História, bem como, ainda, uma análise de como as

---

<sup>6</sup> O pesquisador compreende que houve, nos últimos anos, um crescente esforço no sentido de mitigar essa lacuna. No entanto, em sua experiência docente lidando com livros didáticos, se observa ainda uma tendência de tais materiais privilegiarem uma narrativa predominantemente centrada em figuras masculinas.

<sup>7</sup> A mesma experiência da graduação se repetiu no mestrado em ensino de história. Quando me questionaram, no primeiro período, sobre o tema que queria abordar na pesquisa, absolutamente todos os professores confessaram também desconhecer, com exceção de Catarina Von Bora, esposa de Lutero, narrativas de outras mulheres no movimento.

mulheres são representadas em canções evangélicas contemporâneas, exemplificando assim um possível caminho que o docente pode realizar para fazer análises de canções em sala de aula. As dissertações do ProfHistória discutidas foram "Quais histórias nos contam essas canções? A utilização de canções no ensino de História," de autoria da pesquisadora Michele Valentim Moraes, e "'Maria da Vila Matilde' e 'Marido de Orgia' Formas de dizer/cantar sobre violência contra mulheres: a canção popular brasileira no ensino de história," de autoria da pesquisadora Leticia Morales Brum. As canções evangélicas examinadas foram "Uma mulher de fé", do cantor Kleber Lucas e "Guerreiras de Jeová", da cantora Deusiane Oliveira.

O segundo capítulo discorre acerca da importante atuação de Argula von Grumbach e Maria Dentièrre, grandes mulheres escritoras apologetas, na Reforma religiosa do século XVI. Atrelado a essa discussão, o capítulo ainda se propõe a esclarecer as principais ideias resgatadas pela Reforma que acabaram por motivar os papéis desempenhados pelas mulheres referidas acima.

Por fim, o capítulo três, aborda o resultado final deste estudo dissertativo, o produto, composto por um conjunto de quatro oficinas que foram ministradas nos dias 15, 16, 17, 18 e 22 de agosto de 2023, direcionadas a duas turmas do 7º ano da Escola Municipal do Ensino Fundamental Professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque. O propósito global dessas oficinas consistiu na reflexão e avaliação da eficácia da análise de canções enquanto ferramenta pedagógica no âmbito do ensino da história. Além disso, visou orientar os estudantes na criação de uma série de paródias. A decisão de orientar os alunos na criação de paródias durante as oficinas fundamentou-se em uma abordagem pedagógica que busca promover a síntese e a reflexão aprofundada dos conceitos abordados. A elaboração de paródias exigiu por parte deles uma compreensão do evento histórico estudado e de suas nuances, a fim de traduzi-lo de maneira condensada e criativa. Além disso, a atividade incentivou a pesquisa detalhada, uma vez que os alunos precisaram extrair elementos relevantes para a construção de suas paródias. O tema específico escolhido para ser abordado durante a realização das oficinas, bem como na produção das paródias, foi a Reforma Protestante, com ênfase na figura da reformadora Argula von Grumbach.

## 1- O USO DE CANÇÕES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Este capítulo aborda o uso da canção como uma ferramenta eficaz no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de História. Para tanto, o texto apresenta, a partir de uma revisão de literatura e também da análise de duas dissertações do ProfHistória, uma reflexão sobre as possibilidades do uso da canção em aulas de História, bem como, uma análise de como as mulheres são representadas em canções evangélicas contemporâneas, exemplificando assim um possível caminho que o docente pode realizar para fazer análises de canções em sala de aula.

### 1.1 CONCEITUANDO CANÇÃO

Ao iniciar uma escrita acadêmica, é crucial garantir ao leitor uma compreensão precisa dos conceitos presentes no texto. No contexto deste estudo de pesquisa, um conceito de particular relevância para que o leitor possa contextualizar a discussão é o termo “canção”. Portanto, cabe aqui inicialmente questionar: o que, de fato, constitui uma canção? Vejamos, então, o que alguns pesquisadores da área apontam como uma possível definição.

Santos (2022) afirma que canção é “uma categoria da música em que é possível cantar a melodia. É uma camada da música que está também vinculada à poesia e à literatura” (p. 26). A partir dessa definição inicial, algo que se pode perceber é que canção e música são “objetos” distintos, sendo a música algo mais amplo, abrangente e canção sendo uma categoria da música. É isso que afirma Tatit quando diz que “o que faz uma música ser considerada uma canção é a *fala* por trás da melodia”. O autor ainda afirma que

“canção é diferente de música ou de poesia, pois ‘não adianta fazer poesia, porque, se ela não puder ser dita, não vira canção. E você pode ter também uma música extremamente elaborada, mas se ela

não suscitar uma letra, não tiver entoação, também não é canção” (DIGESTIVO CULTURAL, 2007).<sup>8</sup>

Nessa perspectiva, a canção se difere da música porque ela extrapola o elemento melódico, sendo necessária a presença da letra e também da entonação, uma espécie de melodia vocal, que leva em consideração, por exemplo, a variação de altura e ritmo da voz, que acabam por dar vida às palavras.

Uma última definição acerca da canção que abordaremos aqui foi apontado por Azambuja (2007) em sua dissertação intitulada “Leitura, canção e História- Mundo Livre s/a contra o Império do Mal”. O autor, explicando o conceito de canção proposto pela historiadora Mariana Villaça, afirma que

“a canção é produto de um conjunto indissociável constituído de palavra, a letra, sem, no entanto, reduzir o som da palavra à simples condição de veículo de algo que deve atravessá-lo; música propriamente dita, melodia, harmonia e ritmo, e toda a sua decorrente natureza percussiva, timbrística e performática; a performance vocal, levando em conta as questões específicas da voz humana, e por último, os aspectos técnicos e tecnológicos de todo o processo e etapas que envolvem a produção fonográfica” (2007, p. 12, 13).

Sob essa ótica, podemos perceber um conceito bastante abrangente e holístico do termo canção, sendo ele o resultado de diversos elementos interligados, tais como: palavra, letra, melodia, harmonia, ritmo, timbre, performance vocal, aspectos técnicos e tecnológicos na produção fonográfica. Para as pretensões desta dissertação, me utilizarei do conceito conciso de canção enquanto “letra e música” acopladas. Um ponto a ser destacado ainda, é que, nesta pesquisa, a canção irá ser encarada como um recurso didático, usado para potencializar o processo de ensino e aprendizagem de História. Por fim, cabe aqui também a ressalva de que, apesar desta pesquisa lidar, primariamente, com a ideia de canção, a palavra música também estará bastante presente. Tal fato será notado pelo leitor, pois, por vezes, também me utilizarei da palavra “música” no corpo do texto. Isso se dará em pelo menos

---

<sup>8</sup> Silva, Débora Costa e. O que é canção, por Luiz Tatit. Disponível em: [https://www.digestivocultural.com/blog/post.asp?codigo=1567&titulo=O\\_que\\_e\\_cancao,\\_por\\_Luiz\\_Tatit](https://www.digestivocultural.com/blog/post.asp?codigo=1567&titulo=O_que_e_cancao,_por_Luiz_Tatit)

Acesso em 24 de setembro de 2023.

duas circunstâncias principais: 1. Em trechos em que trato de forma mais ampla da linguagem sonora ou musical. 2. Em contextos em que autores, usados como referências nessa pesquisa, fazem uso das palavras “canção” e “música” de forma intercambiável, refletindo uma flexibilidade semântica. Com estas considerações iniciais, prosseguiremos com a discussão do tema.

## 1.2 A IMPORTÂNCIA DA CANÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Entre os desafios presentes no âmbito do ensino de História, o docente depara-se, de forma recorrente, com a dificuldade em demonstrar a relevância dessa ciência para o alunado, bem como torná-la mais atrativa. Esse é um dos grandes desafios do professor de História: como fazer com que o alunado tenha empatia e interesse pelo conhecimento histórico? Nesse sentido, a busca por novas metodologias de ensino torna-se um possível caminho para lidar com tal dificuldade. Tal pesquisa, portanto, buscou se aventurar numa reflexão acerca do uso da canção enquanto uma possibilidade metodológica para o ensino de História.

A música é algo presente e relevante para a humanidade desde o período prévio ao surgimento da escrita. “Os instrumentos mais antigos, flautas feitas de ossos com apenas um orifício, são do Paleolítico Inferior, usados provavelmente em caçadas para imitar sons ou cantos de animais e pássaros, ou para os homens se comunicarem” (PIRES, 2019, p. 6). Como uma forma de linguagem, ela ocupava um lugar central na vida das sociedades antigas, acompanhando diversas situações da vida cotidiana, como cerimônias religiosas e militares, eventos relacionados à agricultura e celebrações. Ela era considerada um meio de comunicação e expressão cultural, possibilitando a disseminação de narrativas, crenças e costumes de uma geração para outra. Andrade aponta que “a música é uma das mais extraordinárias invenções do homem, pois lhe permite comunicar sentimentos, ideias e emoções de uma forma que nenhuma outra arte consegue” (2011, p. 9). Ele ainda explica que ela é “um elemento fundamental da cultura de um povo, pois reflete e influencia

seus valores, práticas e tradições" (2011, p. 10). É por essa razão que tal elemento vem sendo objeto de estudo de tantos pesquisadores, inclusive na área da História. Nesse campo, a música pode ser vista como fonte para a compreensão de diferentes períodos históricos e suas culturas. Barros, por exemplo, aponta que

“devemos considerar que a própria música – uma composição ou o registro de uma performance musical – pode ser fonte para a compreensão de aspectos históricos em geral. Através da fonte musical, podemos perceber estágios de desenvolvimentos tecnológicos, aspectos da cultura material, circunstâncias políticas, estruturas econômicas, padrões culturais, relações de gênero, transformações geracionais, processos de difusão.” (2019, p. 29)

A canção, sendo escrita (letra) e música, se torna um objeto de estudo pertinente para o historiador na medida em que ela pode oferecer informações acerca de aspectos sociais e culturais que não são contemplados por outras fontes. Isso se deve ao fato de que as letras e melodias das canções podem refletir o contexto histórico e cultural no qual foram produzidas, e, portanto, fornecer uma visão única e valiosa sobre as perspectivas, sentimentos e crenças das pessoas. Napolitano explica que "a música é um importante elemento para compreender as transformações sociais e culturais de determinado período histórico, na medida em que ela reflete e influencia as práticas e valores de uma sociedade" (2002, p. 156). Em harmonia com Napolitano, a historiadora Bittencout também afirma que "a música é um importante meio de expressão artística que, de alguma forma, se relaciona com a história e a cultura de um povo" (2011, p. 378).

Mas não somente no campo de trabalho do historiador, o uso da música também é extremamente valioso para a área do ensino de História. Bittencout explica que "o trabalho com a música em sala de aula pode se constituir em um recurso didático para o ensino de história, na medida em que permite o contato com o universo cultural de outras épocas e contextos" (2011, p. 378). A canção é algo extremamente presente e apreciado no cotidiano dos adolescentes. Eles as ouvem nas mais diversas ocasiões, inclusive na escola. Enquanto professores, sabemos das dificuldades que encontramos em sala de aula para

motivar e fazer com que as discussões propostas façam sentido para o alunado. Nesse caso, a canção pode ser vista como um recurso pedagógico valioso para aproximar os alunos do conteúdo apresentado, uma vez que está inserida em seu universo cotidiano e pode, por meio de sua linguagem musical e lírica, conscientizá-los para a compreensão das sensibilidades e emoções expressas em um determinado período histórico, no qual ela foi criada. Na realidade, o uso da música enquanto um recurso pedagógico em sala de aula já é algo proposto em diversas diretrizes como, por exemplo, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básicas) de 1996 que “reconhecia a importância das novas linguagens, entre elas a música, no currículo da educação básica” (JESUS, 2018, p. 28) e nos “Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), baseados em pressupostos da psicologia da aprendizagem piagetiana e no construtivismo” (JESUS, 2018, p. 28). Tendo em visto isso, a utilização da música como ferramenta de ensino pode estimular os alunos a se engajarem no estudo da história, tornando o aprendizado mais envolvente e significativo. Ferreira (2004) indica que

"A música também pode ser um instrumento de reflexão crítica sobre a história e a sociedade. Por meio dela, é possível analisar e questionar valores e padrões culturais que foram impostos ou naturalizados pela sociedade, bem como perceber como tais valores e padrões mudam ao longo do tempo" (p. 23).

O pesquisador Diogo Silva Manoel também aponta que

É possível afirmar que a canção é um bom vestígio para reunir informações sobre diversos aspectos de um período histórico, justamente por seu poder de comunicação e apropriação pelos indivíduos. (2014, p.4)

Napolitano (2002), ainda afirma que "a música pode ser vista como uma forma de resistência cultural e política, na medida em que permite a expressão de ideias e sentimentos que não encontram espaço na esfera pública" (p. 93). Um exemplo evidente da utilização da canção para desafiar as normas estabelecidas pode ser observado em algumas canções produzidas no período

da Ditadura Militar, tais como Cálice (1973) de Chico Buarque e Gilberto Gil, Apesar de Você (1970) de Chico Buarque, Para Não Dizer Que Não Falei das Flores (1968) de Geraldo Vandré, O Bêbado e a Equilibrista (1979) de João Bosco e Aldir Blanc, entre outros. As canções em questão ilustram adequadamente a concepção de Napolitano, uma vez que foram empregadas com o propósito de contestar um regime ditatorial da época, veiculando concepções e emoções dos indivíduos que percebiam tal regime como uma ameaça à democracia.

Em minha experiência enquanto pesquisador e docente, desde o ano de 2010, período em que comecei a lecionar, o exemplo mais recorrente que percebo fazerem uso quanto ao uso de canções e o ensino de história é, justamente, o da utilização de canções que abordam o período da Ditadura Militar no Brasil. Esse é o exemplo mais nítido que me vem à mente de como a música vem sendo empregada como recurso didático ou enquanto fonte histórica no ensino de História. Jesus (2018) explica que

“Como fonte histórica, através da música podemos descobrir as diferentes perspectivas da população a respeito de determinado fato histórico, seus posicionamentos e pensamentos sobre os mais diversos assuntos, que influências atuam sobre a população daquele período, os recursos técnicos existentes e utilizados, o que faz parte de seu imaginário, dentre diversas outras informações” (p.29).

A música, nesse sentido, favorece para que haja a concretização do alvo principal almejado pelo campo da História Cultural que é, segundo Chartier, “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (1982, p. 16). Entretanto, não basta para o docente ter ciência que é viável utilizar-se de músicas como recurso didático no ensino de História, é oportuno destacar aqui também que é necessário que ele esteja adequadamente preparado, visto que essas canções não podem ser utilizadas meramente como adereço para conferir maior atratividade à aula, mas precisam desempenhar um papel efetivamente relevante no processo de ensino-aprendizagem. KUYUMJIAN (2005) assinala

isso ao dizer que "a música não pode ser vista como um mero objeto de decoração do ensino de história, mas sim como um recurso didático que pode e deve ser utilizado na sala de aula" (p. 21). Antes de empregar tal instrumento no ambiente escolar, é imprescindível ter plena consciência de como manejar e manipular tal recurso a fim de viabilizar um trabalho exitoso, voltado para a promoção de um processo de aprendizagem mais democrático e profundo.

Um dos primeiros aspectos a serem considerados ao utilizar canções em sala de aula é a necessidade de contextualizá-las adequadamente, a fim de compreendê-las em sua totalidade. De acordo com Bittencourt (2011), "para compreender a música em sua plenitude, é preciso contextualizá-la no tempo e no espaço em que foi produzida, analisando as condições sociais, políticas, econômicas e culturais da época" (p. 385). Dessa maneira, para trabalhar com uma determinada canção em sala de aula, o professor deve buscar informações sobre o ambiente em que ela foi produzida, tais como local, período, circunstâncias e propósito.

Ao se utilizar a canção em sala de aula, é fundamental contextualizar os alunos acerca do momento e das características em que a canção foi criada. Isso fornecerá ao alunado uma noção geral do período e das condições em que a música foi pensada, permitindo-lhes compreender melhor o contexto histórico do evento abordado. Como mencionei acima, um exemplo muito citado, no qual tive contato, do uso da música no ensino de História diz respeito às canções produzidas no período da Ditadura e, um exemplo prático dessa abordagem é a canção "Para Não Dizer Que Não Falei das Flores" (1968), de Geraldo Vandré, que pode ser utilizada em sala de aula para discutir a Ditadura Militar de 1964. Para contextualizar adequadamente essa canção, o professor deve investigar quando e onde ela foi produzida, bem como as circunstâncias políticas, econômicas e culturais que influenciaram sua criação. Nesse caso específico, de forma sintetizada, uma possível conclusão que poderíamos ter ao longo da discussão em sala seria a de que Geraldo Vandré, compositor da música, foi um dos principais artistas de protesto no Brasil na década de 1960. Que sua obra, em linhas gerais, era conhecida por trazer uma mensagem engajada, com críticas ao regime militar e ao autoritarismo e que "Para Não

Dizer Que Não Falei das Flores<sup>9</sup> tornou-se um símbolo da resistência contra a ditadura, com sua letra exaltando a liberdade e a democracia, e criticando a censura e a violência do regime militar. Poderia-se ainda fomentar uma discussão acerca da realidade de que a canção foi proibida pelas autoridades militares, ou seja, que foi objeto de censura, mas que mesmo assim tornou-se um grande sucesso popular, sendo cantada em manifestações, comícios e outros eventos políticos.

O trabalho com a canção em sala de aula pode ser uma ferramenta valiosa para a compreensão de eventos históricos e o resgate da memória de personalidades que fizeram a história de um país. Como afirma Ferreira (2004), "pode ser uma ótima forma de trazer à tona a memória de fatos históricos que marcaram uma sociedade ou uma geração" (p. 69). Além disso, a canção pode ajudar a enriquecer a aprendizagem, tornando-a mais envolvente e prazerosa para os alunos, incentivando-os a desenvolver habilidades importantes, como a análise crítica, a interpretação e a reflexão sobre a realidade social e cultural de seu tempo.

Após a etapa inicial de contextualização acerca do ambiente e espaço em que a música foi produzida, é necessário partir para um segundo momento da análise da canção. Conforme Bittencourt (2011) ressalta, a análise da música como fonte histórica pode ser realizada a partir de diferentes perspectivas, tais como a letra, a melodia, o contexto histórico de sua produção, entre outras (p. 384). Nesse sentido, a letra, a melodia e o ritmo são elementos que se tornam alvos do segundo momento de análise, uma vez que cada um desses componentes pode fornecer informações valiosas sobre a época em que a música foi criada e as ideias e sentimentos que ela transmite.

A análise da letra da canção é uma das formas de identificar as principais ideias e mensagens que o compositor desejava transmitir. A letra pode trazer informações sobre os acontecimentos históricos, as relações sociais e políticas, os conflitos e tensões presentes na época em que foi produzida. É importante considerar o vocabulário, as imagens e as metáforas utilizadas na letra, pois elas podem refletir as ideias e valores presentes na sociedade da época. É possível identificar também a visão que o compositor

---

<sup>9</sup> A música em questão também pode ser pensada como uma crítica da esquerda ao movimento Hippie "Flower Power", que surgiu em meio à Guerra do Vietnã.

tinha sobre determinado tema, bem como as críticas que ele fazia em relação à sociedade e aos poderes instituídos. Além disso, a análise da composição musical também pode revelar informações sobre o estilo e as técnicas musicais utilizadas, bem como sobre as influências e tendências musicais da época. A melodia e o ritmo podem fornecer pistas sobre as emoções e os sentimentos que a música evoca, bem como sobre as intenções e as mensagens que o compositor desejava transmitir. A análise da estrutura musical pode indicar a presença de elementos que são típicos de um determinado período ou de uma região específica, por exemplo. Dessa forma, a análise da canção enquanto fonte histórica pode fornecer elementos importantes para a compreensão de determinado período histórico ou de um determinado tema, aproximando os estudantes de diferentes épocas e contextos históricos. Kuyumjian (2005) ressalta essa possibilidade das análises de músicas quando afirma que ela “é uma importante fonte de história social, uma vez que refletem em suas letras, melodias, ritmos e interpretações os valores, ideias, sentimentos e visões de mundo que os diversos grupos humanos constroem no decorrer do tempo” (p. 15). Enfim, concordamos com o mesmo autor quando ele afirma que “o ensino de história, quando articulado com a música, pode contribuir para a formação de uma consciência crítica, aberta às diferenças culturais e capaz de compreender a complexidade do mundo em que vivemos” (2005, p. 31).

### 1.3 O OBJETO CANÇÃO EM DUAS DISSERTAÇÕES DO PROFHISTÓRIA

Para concluir esta seção, onde refleti sobre o uso de canções no ensino de história, considere relevante apresentar e analisar pelo menos duas dissertações do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) que também exploraram o tema das canções. Os dois estudos selecionados para esta análise são: “Quais histórias nos contam essas canções? A utilização de canções no ensino de História,” conduzido pela pesquisadora Michele Valentim Moraes, e “‘Maria da Vila Matilde’ e ‘Marido de Orgia’ Formas de dizer/cantar sobre violência contra mulheres: a canção popular brasileira no ensino de história,” de autoria da pesquisadora Letícia Morales Brum. As categorias de

análise para leitura e análise das duas dissertações foram: objetivos, percurso metodológico e resultados.

A primeira dissertação analisada do ProfHistória que lida com a temática da canção foi “Quais histórias nos contam essas canções? A utilização de canções no ensino de História” da pesquisadora Michele Valentim Moraes. Tal trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Henrique Pereira Oliveira, e defendida no ano de 2017.

O principal objetivo desse trabalho, segundo a própria autora, foi o de

“apresentar uma proposta de trabalho referente às práticas pedagógicas que envolvem o uso de canções como documento histórico, com alunos do ensino básico, tendo em vista a necessidade de aproximar estes alunos da disciplina e promover uma maior compreensão do conteúdo trabalhado em sala, promovendo um processo de descoberta e construção do conhecimento histórico de forma mais crítica e autônoma” (MORAIS, 2017, p. 9).

Moraes ainda aponta que “mais do que uma discussão teórica sobre o tema, esse trabalho busca apontar possibilidades e caminhos possíveis para que outros professores desenvolvam suas próprias metodologias” (2017, p. 19).

Como fica evidente, a intenção da pesquisadora, em síntese, foi o de, em sua dissertação, pensar o objeto canção enquanto fonte histórica e apontar possibilidades de como docentes podem fazer uso de tal instrumento em sala de aula.

Moraes afirma que, se o docente deseja se utilizar do objeto canção enquanto fonte em sala de aula, ele deve se ater a realidade de que a canção é “um complexo de fatores sonoros, como o som, a melodia, os arranjos, e não sonoros que poderíamos entender como a letra, o contexto histórico que foi produzida, compositores/intérpretes e recepção” (2017, p. 27). E que, sabendo disso, ele deve levar em consideração para análise a sua integralidade e não apenas a letra. Para Moraes “estudar canção a partir de uma perspectiva historiográfica não significa selecionar uma letra e usá-la como um texto

qualquer, é preciso entendê-la como um todo, forma e conteúdo, veiculação e recepção” (2017, p. 24).

Na parte propositiva da pesquisa, Moraes “apresenta uma experiência realizada em sala de aula com a utilização de canções com alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola da Ilha, escola da rede privada de ensino de Florianópolis, situada no bairro Córrego Grande” (2017, p. 21). Ela optou, enquanto recorte temporal, o período da ditadura militar no Brasil.

Basicamente, o percurso metodológico tomado pela pesquisadora nessa experiência foi: 1. Audição de uma canção contemporânea (24 horas por dia, da cantora Ludmila); 2. Discussão de como a música pode apresentar uma temporalidade por meio dos ritmos, letras, instrumentos, etc.; Análise da canção (orientado por um questionário entregue aos alunos). O ponto de partida da docente nesse primeiro momento foi o de analisar uma canção completamente desvinculada do tema da Ditadura, mas que serviu para despertar o alunado para a realidade de que é possível estudar a história por meio do exame de canções.

Posteriormente foi proposto aos alunos que pesquisassem, em casa, três canções do período da Ditadura. O resultado da pesquisa foi que

“Cada aluno apresentou quais eram as canções que eles haviam escolhido e os motivos da escolha. Nesse momento a turma ficou bem dividida, alguns acolheram sugestões dos pais, destas as mais citadas foram “Cálice” e “Apesar de você”, ambas cantadas por Chico Buarque, e, “Alegria, alegria” cantada por Caetano Veloso, mas também foram citadas “BR-3”, cantada por Toni Tornado e “Mosca na sopa”, de Raul Seixas. Outros apenas pesquisaram na internet e escolheram as que gostaram mais ou a que o título chamou atenção, foi o caso de “Que as crianças cantem livres”, do Taiguara, “Que país é esse?” do grupo Legião Urbana, “Pro dia nascer feliz”, cantada por Cazuza, “Eu sou terrível” do Roberto Carlos, “É proibido proibir”, de Caetano Veloso entre outras. E, outros escolheram músicas que já conheciam porque tinham o hábito de ouvir em casa com os pais, como as canções do Chico Buarque, já citadas, e “O bêbado e o equilibrista”, cantada por Elis Regina, “Sinal aberto”, do Paulinho da Viola e “Roque Santeiro”, que fazia parte da trilha sonora da novela Roque Santeiro, que teve sua primeira versão censurada. Conforme os alunos falavam tudo era registrado no quadro para que todos

vissem e conforme as canções se repetiam, eram assinaladas para marcar as repetições. No total foram 24 canções diferentes trazidas pelos alunos” (MORAIS, 2017, p. 46).

O passo seguinte tomado pela docente foi o de dividir a turma em duplas e iniciarem o trabalho de análise das canções. Cada dupla examinaria duas canções, sendo uma delas escolhidas pela docente e a outra pela própria dupla. O roteiro seguido para análise foi o mesmo tomado da canção de Ludmila.

Por fim, a última aula foi dedicada para a elaboração de um texto que respondesse a seguinte questão: “o que vocês descobriram sobre a ditadura militar através da elaboração deste trabalho?”. A resposta deveria posteriormente se compartilhada de forma oral entre a turma.

Uma das conclusões da autora quanto ao resultado de sua experiência foi que

“A audição comparativa entre uma canção do presente e uma canção do passado, analisando ponto a ponto das canções, desde os instrumentos utilizados até o simbolismo das palavras para cada período apresentou bom desempenho entre os alunos. Os alunos conseguiram compreender com mais amplitude a canção enquanto fonte histórica e relacioná-la como algo palpável para o estudo a ponto de perceberem que seus gostos musicais não deveriam interferir na compreensão da mesma” (MORAIS, 2017, p. 64, 65).

Além disso, ela explica ainda que

“No debate realizado após a entrega do texto final, diversos alunos apontaram que o que eles mais gostaram em todo o processo foi de ter saído do livro didático e que ao mesmo tempo eles não faziam ideia de como fazer e por isso tiveram dificuldade na pesquisa e na interpretação das letras. Eles não sabiam se tinham que interpretar o que estava escrito ou tentar descobrir a intenção de cada letra. Identificar as mensagens nas “entrelinhas” para eles se demonstrou a parte mais desafiadora do trabalho, ao mesmo tempo consideraram a mais interessante” (MORAIS, 2017, p. 70, 71).

A segunda dissertação analisada do ProfHistória que lida com a temática da canção foi “‘Maria da Vila Matilde’ e ‘Marido da orgia’ Formas de dizer/cantar sobre a violência contra as mulheres: a canção popular brasileira no ensino de história” da pesquisadora Letícia Morales Brum. Tal trabalho foi orientado pelo Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Natalia Pietra Méndez, e defendida no ano de 2020.

O principal objetivo desse trabalho, segundo a própria autora, foi

“Desenvolver uma reflexão sobre a canção popular brasileira como recurso didático e seu uso como documento ou fonte na sala de aula, por meio de oficina didática para o Ensino Médio, através da qual estudantes consigam problematizar temas sensíveis por meio de uma abordagem temporalizada (permanência, mudanças e “o que fazer”) (BRUM, 2020, p. 7).

No que diz respeito aos “temas sensíveis” apontados em seu objetivo, Brum se propõe a trabalhar com a temática da violência contra as mulheres. A autora explica que sua dissertação “trata da violência contra as mulheres ouvida através da canção popular brasileira, inserida nas aulas de história do terceiro ano do ensino médio” (BRUM, 2020, p. 14).

Como o objetivo de Brum é lidar com canções, em seu texto ela ainda explica que nas oficinas a proposta foi

“A escuta de duas canções compostas em contextos distintos, mas com a mesma temática para pensar a dimensão histórica. “Maria da Vila Matilde” (2015) interpretada por Elza Soares e “Marido da Orgia” interpretada por Aracy de Almeida (1937)” (BRUM, 2020, p. 7).

A parte propositiva da dissertação foi justamente o experimento das oficinas. Elas foram realizadas nos meses de agosto a novembro no ano de 2019. As turmas que participaram foram os 3<sup>o</sup> anos B, C e D. Em termos de organização da oficina, a pesquisadora aponta que ela “foi estruturada em quatro momentos, com atividades específicas: a Problematização Inicial, o

Desenvolvimento da Problematização, a Aplicação dos Conhecimentos e a Reflexão/Síntese” (BRUM, 2020, p. 80).

O primeiro momento da oficina foi destinado a problematização inicial. Brum indica que tal ocasião “tem dupla função no processo ensino-aprendizado, pois é a ocasião onde identificamos os conhecimentos prévios dos educandos e educandas acerca do tema que será estudado e procuramos sensibilizá-los para o estudo intelectual e emocionalmente” (BRUM, 2020, p. 41).

Nessa primeira oficina a pesquisadora fez uso de algumas fontes para estimular uma discussão inicial com os alunos, sendo elas: o site “Relógios da Violência” e também dados da Secretaria de Segurança Pública/RS sobre violência contra mulheres. Alguns questionamentos foram feitos, tais como: “o que configura a violência, como e contra quem ocorre violência? Por que as violências acontecem? O que podemos fazer para prevenir? Neste momento foi utilizado o quadro onde as contribuições foram escritas” (BRUM, 2020, p. 41).

Além da busca por identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema violência contra as mulheres e também estimular uma discussão sobre o assunto, foi também dedicado, nesse primeiro momento, tempo para uma primeira audição da canção Marido de Orgia. Após a escuta, foram distribuídos alguns pequenos textos com casos de violência ocorridos contra mulheres e também uma cartilha com as Leis 11.304/06 (Maria da Penha) e 13.104/15 (Feminicídio). A ideia da pesquisadora, além da difusão das Leis, era propiciar um momento de reflexão sobre o assunto, oportunizando a comparação de fontes: canção e os textos.

Na segunda atividade realizada por Brum, foi feita novamente a audição da canção “Marido da Orgia”, acrescentando também a audição da segunda canção, “Maria da Vila Matilde”. Foi-se então discutido sobre os instrumentos musicais utilizados, os possíveis significados das letras, etc. enfim, as primeiras impressões da turma sobre a canção. Após esse primeiro diálogo foi distribuído fichas para análise. Com elas em mãos, os “alunos e alunas procederam à verificação das diferenças e semelhanças entre elas e, também, compararam o contexto histórico no período de produção das fontes” (BRUM, 2020, p. 42). Nessa etapa, se “objetivou perceber permanências e mudanças na

temporalidade, identificar os sujeitos históricos da canção – quem fala/canta, de quem fala/canta, para quem fala/canta” (BRUM, 2020, p. 94).

No terceiro momento, a pesquisadora orientou o alunado na montagem de um painel sobre o tema até então abordado nas oficinas. A ideia, nessa etapa, seria o de “aplicar o conhecimento”. A proposta era que o painel respondesse a seguinte indagação: “E hoje, como a sociedade brasileira trata as mulheres?”. Três pontos deveriam ser pensados: 1. Quais os avanços? 2. Quais as permanências? 3. E de que maneira podemos avançar mais ainda?

O 4º e último momento foi dedicado para uma reflexão acerca de tudo que foi abarcado ao longo das oficinas. Como última atividade, os alunos foram orientados a realizarem uma produção sobre a experiência do uso da canção enquanto fonte histórica. Nessa produção final, a docente explicou que eles teriam liberdade para apresentar uma síntese na forma como julgassem melhor, podendo ser paródias, poesia, canção, encenação, etc.

Um dos resultados obtidos na confecção dos painéis, proposto na terceira etapa da oficina, foi que

“Com relação ao tratamento dado às mulheres no Brasil o painel 1 revelou: violência de gênero, violência contra as mulheres, machismo, falta de valorização do trabalho doméstico (identificado como algo que os homens não fazem), salários menores em relação aos salários pagos aos homens, assédio, violência contra as mulheres” (BRUM, 2020, p.105).

Esse primeiro painel foi dedicado ao tópico das permanências. Quanto ao segundo, dedicado para sintetizar, de acordo com a ótica dos alunos, as mudanças, o resultado foi que

“Os grupos procuraram relacionar as conquistas através das seguintes palavras-chaves e expressões: direito ao voto, estudo, independência financeira, “ganhar seu dinheiro”, “as leis mudaram”, legislação, “não depender”, “não precisa pedir pro pai” (BRUM, 2020, p. 106. 107).

Por fim, o terceiro e último painel, que foi destinado para responder o tópico “O que fazer?”. O resultado foi que

“As palavras – chaves e expressões relacionadas pela turma, foram: Chega de Violência, a palavra “chega” com ponto de exclamação, lutar pelos direitos, lutar pelos direitos iguais, “não aceitar mais o machismo”, “Denuncie” (escrito bem pequeno), Lei Maria da Penha, “o que fazer?” escrita mais de uma vez a palavra Oficina e um bilhete “Sora, mais trabalhos como esse” (BRUM, 2020, p. 108).

No que diz respeito à última atividade, promovida no quarto momento, o resultado foi que houve as seguintes produções do alunado: Cartaz expondo o tema da violência doméstica, cartaz respondendo a pergunta “Por que há leis exclusivas para mulheres?”, um poema cuja temática abordava a questão do assédio e os demais grupos escolheram canções com temáticas machistas com a finalidade de denunciar a violência contra as mulheres.

Após analisar ambas as dissertações, torna-se perceptível a existência de pontos de afinidade e, simultaneamente, elementos que as distinguem. As convergências se manifestam predominantemente no âmbito da abordagem e utilização que as autoras conferem ao objeto "canção". Ambas exploram a canção como um documento histórico em suas respectivas investigações. Além disso, elas compartilham o objetivo comum de destacar possibilidades e direções para os educadores no que tange ao aproveitamento da canção como ferramenta pedagógica em sala de aula. Nesse sentido, ambas optaram por adotar oficinas como estratégia para viabilizar o uso eficaz desse recurso.

Uma dos pontos de distanciamento entre as dissertações reside na escolha do tema abordado em conjunto com o objeto "canção". Enquanto Moraes investiga o período da Ditadura Militar no Brasil, Brum concentra sua análise na problemática da violência contra as mulheres. Quanto à abordagem metodológica para a implementação de oficinas e a utilização da canção, observam-se tanto convergências quanto divergências. Ambas as pesquisadoras incorporam a audição atenta das canções e a aplicação de questionários como ferramentas analíticas. No entanto, uma distinção notável no trabalho de Brum, em comparação com o percurso traçado por Moraes, é a ênfase mais acentuada nos momentos de aplicação prática do conhecimento, promovendo uma participação mais ativa dos alunos na produção de conteúdo.

A análise das duas dissertações foi extremamente significativa, especialmente no contexto da reflexão e planejamento do produto final desta pesquisa.

#### 1.4 A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES EM MÚSICAS EVANGÉLICAS

A prática do uso de músicas enquanto uma ferramenta de ensino não foi algo restrito ao campo da educação. A Igreja cristã, do passado e do presente, também ensina seus conceitos teológicos e bíblicos aos seus fiéis por meio desse instrumento. É válido destacar que a música possui uma relevância que transcende o seu papel como recurso pedagógico. Através dela, é possível acessar e compreender aspectos culturais, crenças e valores religiosos de um determinado grupo social. De fato, a música pode desempenhar tanto o papel de propagadora quanto de reflexo de uma cultura, uma vez que carrega em si as marcas e influências da sociedade que a produziu.

No segundo capítulo da presente obra, será abordada a temática acerca do papel das mulheres na Reforma religiosa do século XVI. Durante a discussão, um dos aspectos secundários analisado foi o processo de disseminação das principais ideias que permearam o referido movimento. Antecipando para o leitor uma das conclusões, veremos que algumas mulheres desempenharam um papel ativo na propagação dessas ideias por meio de obras literárias. Todavia, é relevante destacar que a disseminação dos princípios reformistas não se limitou somente à literatura, mas também se estendeu à música. De fato, as canções desempenharam um papel fundamental na divulgação e consolidação do movimento da Reforma Protestante no século XVI. Por meio de hinos, salmos e cânticos, os líderes protestantes foram capazes de transmitir suas ideias e doutrinas aos fiéis, além de mobilizar e inspirar a comunidade. Como bem pontua Palermo (2018, p. 27), "no esforço de pregar através da música e auxiliar as igrejas do movimento da Reforma, sobretudo as pequenas congregações, foram publicados breves

hinários". Nesse sentido, tanto os reformadores quanto as reformadoras se valiam da música como uma ferramenta pedagógica<sup>10</sup>, uma vez que ela era utilizada como meio de educação e doutrinação. Muitas das canções traziam consigo ensinamentos sobre a Bíblia e a teologia protestante, além de refletir as ideias e valores da época.

Nos últimos anos, embora a utilização da música venha se destacado como uma importante fonte de pesquisa histórica e um recurso didático valioso, ainda há algumas limitações e muito ainda o que aprender. Pesquisas como a de Chaves (2006), intitulada "A música caipira em aulas de História: questões e possibilidades" identificam, por exemplo, uma tendência na qual os livros didáticos frequentemente utilizam canções de MPB em sala de aula, enquanto outros estilos e gêneros musicais são ignorados. Isso sugere uma lacuna no uso de canções como recurso pedagógico, que poderia ser preenchida por meio da incorporação de uma variedade de gêneros musicais em atividades de ensino de história.

Nesse sentido, há um maior descaso ainda, por parte de muitos historiadores e dos docentes de história, com as músicas religiosas protestantes, e, conseqüentemente, com a cultura evangelical. Não é incomum, por exemplo, um desconhecimento ou mesmo uma estereotipização por parte desses profissionais em relação ao público evangélico, muitas vezes enclausurando-os num tipo de caricatura, esquecendo-se, porém, que na realidade, há uma diversidade imensa (de crenças, práticas, cultura) dentro de tal universo. Desse modo, penso que a música evangélica pode sim ser fonte de análise para se ter um maior entendimento sobre como o protestante pensa o mundo, e, no caso dessa pesquisa, especificamente como ele pensa a mulher. Desconsiderar o evangélico brasileiro é marginalizar cerca de um pouco mais de 42 milhões de indivíduos, sendo que, desse número, mais de 23

---

<sup>10</sup> Um exemplo de uma reformadora que fez uso de músicas para propagar as crenças religiosas reformadas foi Elisabeth Cruciger, uma poetisa e compositora alemã. Para uma breve biografia da mesma segue a referência ao lado. Elisabeth von Meseriz Cruciger (1500-1535). [www.hinologia.org](http://www.hinologia.org), 2022. Disponível em: <https://www.hinologia.org/elisabeth-cruciger/> Acesso em 20 de maio de 2023.

milhões são mulheres<sup>11</sup>. Ou seja, ao se deixar de lado o universo evangélico enquanto objeto de pesquisa, se reforça também um desconhecimento acerca do papel da própria mulher evangélica.

Como então as mulheres são vistas no ambiente de igrejas evangélicas contemporâneas? Como elas são retratadas nas músicas religiosas protestantes atuais? Essas são questões que se tornam relevantes em nosso estudo e que pretendemos investigar através da análise de algumas canções que servirão como fontes para compreender as representações das mulheres na música religiosa protestante brasileira.

## 1.5 AS MÚSICAS

As músicas escolhidas para serem analisadas nesse capítulo foram: 1. Uma mulher de fé, do cantor Kleber Lucas; 2. Guerreiras de Jeová, da cantora Deusiane Oliveira. Abaixo seguem as letras das referidas canções:

Uma mulher de fé (Kleber Lucas)

Uma mulher de fé move o coração do Rei  
Faz o deserto florescer  
Uma mulher de fé é incansável na esperança

Traz na lembrança o bem de Deus  
E não desistirá jamais  
Quando uma mulher decide orar  
E derramar o coração  
Aos pés do salvador Jesus  
Deus não negará o seu melhor  
A uma mulher de fé, uma mulher de fé

---

<sup>11</sup> Tal dado foi extraído da seguinte fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>  
Acessado em 28 de março de 2023.

Uma mulher de fé tocou no manto do Senhor  
E o impossível aconteceu e acontecerá  
Uma mulher de fé tocou no manto do Senhor  
E o impossível vai acontecer com você  
Quando uma mulher decide orar  
E derramar o coração  
Aos pés do salvador Jesus  
Deus não negará o seu melhor  
A uma mulher de fé, uma mulher  
Quando uma mulher decide orar  
E leva os sonhos ao Senhor  
E ora mesmo pra valer  
Deus responderá com o melhor  
A uma mulher de fé, uma mulher de fé.

Guerreiras de Jeová (Deusiane Oliveira)

Onde estão as mulheres guerreiras  
Do exército de Jeová?  
Levante aí a sua bandeira  
O general já deu ordem e é pra marcha  
São mulheres guerreiras de oração  
Mulheres cheias de unção  
As ungidas de Deus se reúnem aqui  
Atenção mulheres que eu quero te ouvir

Onde estão as guerreiras de Jeová  
Glória, glória  
Onde estão as ungidas de Jeová  
Glória, glória, glória, glória  
Onde estão as Herdeiras de Jeová  
Glória, glória  
Onde estão as escolhidas de Jeová  
Glória, glória, glória, glória

Rute você está pronta para marchar?  
 Sim, serei fiel as minhas companheiras  
 Eu não vou abandonar  
 Ester você está pronta para marchar?  
 Sim, a estratégia Deus já me deu eu vou orar  
 E Você Débora está pronta pra marchar?  
 Sim, com certeza, Deus comigo pode contar  
 Atenção Mulheres é tempo de guerrear

Macha mulheres cheias de unção  
 É tempo de guerra e de adoração  
 Se você adorar e glorificar a vitória  
 Deus vai te entregar  
 Macha mulheres cheias de poder Deus  
 É contigo você vai vencer  
 O grande eu sou vai na tua frente a  
 Vitória ele garante ele é o Deus dos crentes  
 Marcha Rute, marcha Ester, avante Debora  
 Deus contigo é  
 Marcha mulher, marcha mulher  
 Marcha mulher, mulher de fé

Antes da análise propriamente dita, cabe aqui enfatizar que a pretensão desse trecho é entendermos, a luz das canções, como as mulheres são representadas em músicas religiosas evangélicas contemporâneas, ou seja, como o protestante brasileiro entende a figura da mulher e seu papel no mundo. Um dado relevante é que a principal fonte epistemológica que molda a visão de mundo desse grupo é um texto, a Escritura. No entanto, algo que cabe salientar é que há diversidade de leituras em relação a tal texto e mesmo quanto a esse tema no meio cristão, sendo as principais correntes interpretativas a visão igualitarista e a complementarista da natureza humana. Dessa forma, qualquer que seja a maneira de se pensar mulher nas canções

abordadas, ela derivará de uma dessas lentes (igualitarista ou complementarista). Nesse caso, embora não seja tema da dissertação desenvolver tais conceitos e explica-los com profundidade, penso que seja necessário apresentar pelo menos uma definição prévia dessas duas correntes, pois, como já mencionado, ou uma ou outra estará como raiz ou pressuposto básico acerca do tema estudado.

De forma bastante objetiva, a corrente igualitarista argumenta que homens e mulheres são iguais em dignidade e que não há, em essência ou origem, papéis de gênero fixos. De acordo com tal perspectiva, homens e mulheres devem atuar no mundo e na igreja de acordo com seus dons e habilidades, e não com base em seu gênero. Como já citado, tal maneira de pensar homem e mulher deriva de certa exegese bíblica.

Já a perspectiva complementarista, que no Brasil é majoritária, argumenta também que homens e mulheres são iguais em dignidade, mas que Deus os criou para desempenho de papéis diferentes e complementares. É relevante frisar que aqueles que partem de leitura complementarista do texto bíblico não compreendem que ter papéis diferentes implica em um rebaixamento da mulher, pois como já dito, ambos seriam iguais em dignidade, pois são igualmente criaturas de Deus, a única distinção seria em relação aos papéis que, para eles, não significa que um sexo é superior ou inferior ao outro, sendo cada sexo igualmente valioso, mas com habilidades e papéis distintos.

Feito essa curta explicação, cabe aqui ao leitor ter ciência desta realidade: as canções, em alguma medida, refletirão uma dessas visões, pois com já é sabido, a cosmovisão de um protestante deriva do texto revelado, a Escritura (e essas são as duas principais correntes tradicionais de interpretação). Explicado tais pressupostos, partiremos para a análise das canções.

A análise da primeira canção, intitulada "Uma mulher de fé", do cantor Kleber Lucas, requer uma abordagem que não apenas explore os elementos musicais da obra, mas também leve em consideração o contexto sociocultural do artista que a produziu. Como tal, é importante discutir brevemente sobre o próprio Kleber Lucas, sua carreira e suas crenças. Esse seria um passo inicial que o professor de História poderia tomar em sala de aula.

Kleber Lucas é um renomado cantor, compositor e produtor musical da música evangélica brasileira. Além de atuar na área musical, ele também é pastor na Igreja Batista Soul, situada na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, e atualmente está cursando um doutorado em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu compromisso com questões sociais e políticas, incluindo a defesa dos direitos das mulheres, dos negros e da população LGBTQ+, é bem conhecido e parcialmente valorizado no contexto das igrejas protestantes brasileiras<sup>12</sup>. A informação concernente ao autor e intérprete da canção assume uma relevância significativa, uma vez que irá corroborar, conforme será abordado adiante, a capacidade da canção de, ao menos no meio eclesial, estabelecer um campo propício para a exploração do tema da igualdade de gênero, exercendo um papel encorajador e fortalecedor para as mulheres em sua contínua batalha diária.

Tendo em mente essas duas informações: 1. O autor da música é protestante, de linha batista; 2. Que ele se enquadra, em seu aspecto político, mais a esquerda em determinadas pautas, perceberemos então que suas músicas refletirão, em alguma medida, tais valores.

O segundo ponto a ser pensado diz respeito a uma contextualização da obra como um todo. A canção “Uma mulher de fé” faz parte do oitavo álbum do cantor Kleber Lucas, intitulado “Meu Alvo”. Tal obra foi lançada em outubro do ano de 2009 pela gravadora MK Music, sendo inclusive indicada ao Grammy Latino de melhor álbum de música cristã em Língua Portuguesa. Vale salientar que embora haja todo um aspecto religioso na construção do conceito de uma obra dita gospel, há também uma dimensão mercadológica. Alguns dados apontam, por exemplo, que somente o mercado gospel fatura, anualmente, 1, 5 bilhão de reais<sup>13</sup>. Assim, é possível afirmar uma dupla motivação com a produção e venda da obra: 1. Uma motivação religiosa (propagar suas crenças); 2. Uma motivação mercadológica, tendo em vista que tanto a

---

<sup>12</sup> Apontei a ideia de “parcialmente valorizado”, pois, geralmente, cristãos que são ligados a movimentos políticos progressistas são, muitas vezes, no Brasil, marginalizados, visto que cristãos conservadores, maioria no Brasil, entendem que há um distanciamento entre a visão de mundo progressista e a cosmovisão bíblica.

<sup>13</sup> Tal dado foi extraído da seguinte fonte: [https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/18/politica/1384814411\\_373235.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/18/politica/1384814411_373235.html), acessado em 28 de março de 2023

gravadora, quanto o próprio interprete visam atingir determinado público, os consumidores. A música então faz parte tanto de uma tradição cultural e religiosa da época, quanto de uma tradição do próprio mercado fonográfico gospel.

Feita essa breve contextualização acerca do autor e interprete da canção, bem como da própria obra ao qual a canção está localizada, há a necessidade de analisar a própria letra em si, pois é o que há de mais explícito sobre o que o autor deseja comunicar.

A canção "Uma mulher de fé" de Kleber Lucas apresenta a figura feminina como protagonista de forma explícita e central na música. Percebe-se, a partir da letra da canção que a mulher nela presente não é marginalizada ou menosprezada pelo autor, pelo contrário, ela é valorizada como uma figura forte e de grande importância. Porém, é válido salientar que essa figura feminina não é qualquer mulher, mas sim uma mulher que possui fé em alguém específico, ou seja, em Cristo, que é a figura central da religião cristã. Cabe aqui uma primeira observação quanto aos limites do que está sendo dito na letra: a canção não abarca todo o universo das mulheres, mas particularmente trata acerca de um recorte muito específico, a mulher cristã.

Para o autor da canção, amparado numa ideia bíblica, o que a mulher faz revela quem de fato ela é. E quais as ações que a mulher da canção realiza? Na primeira estrofe da canção ela realiza pelo menos quatro ações:

1. Move o coração do Rei
2. Faz o deserto florescer
3. Traz na lembrança o bem de Deus
4. Não desiste

Perceba que tal mulher é tão bem vista na canção que ela é capaz, por causa de sua fé, até mesmo de mover o coração de Deus, de trazer a lembrança o bem de Deus em relação a ela. Na segunda estrofe da canção a música explica que essa fé é demonstrada pelo ato de derramar coração aos pés do Cristo, de orar. Ela não aparece com alguém passiva na narrativa da canção, mas alguém ativa, protagonista.

Refletindo acerca desse primeiro da canção do Kleber Lucas, é possível observar que ele trata na letra de uma mulher guerreira, que não desiste, enfatizando principalmente a espiritualidade e confiança em Deus para superar

os desafios da vida. Enfim, na canção, ele exalta a mulher como uma figura de fé, força e coragem, tendo um papel essencial na obra de Deus. A manifestação desse fato se tornará notório mediante a apresentação de um exemplo de uma mulher, mencionado pelo próprio autor.

Um aspecto de relevância que merece ser abordado ao analisarmos o âmbito musical é a consideração da audiência para a qual a obra foi concebida e produzida inicialmente. No caso da canção de Kleber Lucas, é crucial não negligenciar essa informação. Ao responder de maneira objetiva a essa indagação, constata-se que a canção em questão foi concebida primordialmente para um público religioso que, teoricamente, possui familiaridade com as referências presentes na composição. Essas referências, por sua vez, são extraídas da fonte epistemológica central para os cristãos, a Bíblia. Esse aspecto assume relevância significativa, uma vez que a canção faz alusão a uma personagem bíblica e essa menção, registrada pelo autor na composição, não é mero adereço, mas se relaciona integralmente ao tema abordado na música.

Na terceira estrofe da canção o autor menciona um exemplo bíblico de uma mulher que teve fé e que foi protagonista de certa narrativa bíblica. O caso em questão é o exemplo da mulher do fluxo de sangue, mencionada nos textos de Mateus 9: 20-22; Marcos 5: 24-34 e Lucas 8: 43- 48. A história é tão relevante que os três evangelistas sinóticos fazem questão de contar o caso. Ao lidar com essa canção em um contexto de pesquisa ou ensino, é imperativo que o pesquisador ou professor dedique-se a uma investigação prévia com o intuito de compreender a narrativa do exemplo mencionado na composição. Caso contrário, a figura referenciada terá pouco significado para o ouvinte. Conforme já mencionado, seria pouco plausível acreditar que o autor da canção incluiu esse exemplo de maneira aleatória ou sem intenção. Nesse sentido, torna-se pertinente obter uma compreensão do conteúdo e contexto do exemplo mencionado.

O exemplo trazido à tona na canção trata-se do encontro de Jesus com uma mulher que sofria de hemorragia, também conhecida como refluxo de sangue. Essa mulher é apresentada como uma figura de destaque nos três relatos, evidenciando seu protagonismo na narrativa. Em todos os textos, a mulher é descrita como alguém que sofria de uma condição médica crônica,

que a impedia de ter uma vida normal. Além disso, a hemorragia a tornava impura de acordo com as leis judaicas da época, o que a isolava da comunidade e a fazia sentir vergonha. No entanto, a mulher demonstrou grande coragem e determinação ao buscar a cura através de Jesus. Ela sabia que tocar em Jesus seria suficiente para que fosse curada, mesmo que isso significasse desafiar as leis e enfrentar o escárnio da multidão. Em todos os relatos, a mulher toca em Jesus e imediatamente é curada. É interessante notar que em todos os textos, Jesus reconhece a fé e a determinação da mulher e a elogia por isso. Ele chama a mulher de "filha" e diz a ela que sua fé a curou. Essa é uma afirmação poderosa que reconhece o protagonismo da mulher na busca por sua cura, destacando a importância da fé e da determinação pessoal. Um trabalho que acaba por refletir sobre tal narrativa é a dissertação de Carolina Bezerra de Souza, intitulado Jesus e as mulheres no evangelho de Marcos: paradigmas de relações de gênero. Nele a autora nos dá um vislumbre de como as mulheres no evangelho de Marcos são descritas. Para ela há, em tal texto, “um padrão de relação de gênero igualitário através das cenas envolvendo Jesus e as mulheres, retirando as mulheres de um contexto de doença, opressão e exclusão e dando-lhes caracterização positiva” (2014, p. 7). Interessante também pensar que, para a autora, tal “modelo de relação de gênero pode ser um paradigma para as relações de gênero de hoje e ajudar no combate a violência contra a mulher muitas vezes legitimada com textos e tradições bíblicos” (2014, p. 7).

Ainda em sua dissertação, Souza destaca que a mulher de Marcos 5: 24-34 “era impura e por isso segregada, discriminada e marginalizada” (2014, p. 82). A autora destaca que tudo que ela tocava ficava impuro e, dessa forma, ela enfrentava as consequências de uma “dolência social”. Além da experiência da degradação, “ela era responsável pela não contaminação dos outros” (SOUZA, 2014, p. 82). É de suma importância ressaltar a relevância do exemplo apresentado por Kleber Lucas, uma vez que essa mulher em particular constitui um caso emblemático que evidencia de maneira clara como a fé possui implicações tangíveis na esfera da vida cotidiana. Souza enfatiza que “ao tocar Jesus, ela comunicaria sua impureza ritual a um homem sagrado, portanto sua ação de tocar clandestinamente o manto de Jesus era considerada de grande atrevimento, transgredia a lei sobre a pureza” (2014, p.

83). A conduta desta mulher, portanto, a define como alguém que desafia a ordem estabelecida.

Mas não somente a postura da mulher chama atenção no relato de Marcos. A reação de Jesus também é importante, pois revela sua conexão com grupos marginalizados da época e implicações benéficas dessa relação. Souza (2014) explica que

“O fato de Jesus querer tornar pública a história da mulher abre-lhe uma nova possibilidade: o falar em público que antes lhe era vedado. Ele não só deixa de censurá-la, mas parece ignorar leis de pureza. Os dois juntos subvertem o mito da contaminação, quebrando barreiras entre puros e impuros e entre homens e mulheres, determinadas por uma sociedade e uma religião patriarcal. Ao expor a história à multidão, fez que se soubesse que a mulher havia sido curada e que ele não ficou impuro ao ser tocado por ela. Esse gesto é encorajador, incentivava as pessoas a tomar coragem para mudar os padrões que as marginalizavam e construir uma nova maneira de viver e relacionar-se” (p. 84).

Em resumo, a história da mulher com hemorragia, trazida a tona na música do Kleber Lucas, é um exemplo de protagonismo feminino na narrativa bíblica. A mulher demonstra coragem, determinação e fé em sua busca por cura, desafiando as leis e a opinião da multidão. Jesus reconhece e elogia sua fé e determinação, destacando a importância da autonomia e do protagonismo feminino na busca por cura e transformação pessoal. Ela “deixara de ser marginalizada. Tinha a possibilidade de viver dignamente em uma comunidade onde seu corpo não era fonte de marginalização” (SOUZA, 2014, p. 85). O exemplo citado na terceira estrofe da canção revela o papel de destaque desempenhado pela mulher, cuja fé emerge como o elemento central para a perspectiva cristã de mundo.

A última estrofe da canção, que na realidade é o refrão, apenas reafirma o conteúdo das demais estrofes, tratando acerca da fé dessa mulher que é evidenciada na oração e que é capaz de mover o próprio Criador em seu favor, não negando a ela o que há de melhor Dele.

Finalizado a análise da letra da canção, o último ponto a ser examinado é a própria melodia e ritmo da música. Para isso é necessário ouvi-la<sup>14</sup>. O link para acessar tal música na plataforma do Youtube é [https://www.youtube.com/watch?v=l69B6ISZ9E8\\_](https://www.youtube.com/watch?v=l69B6ISZ9E8_).

Algo rapidamente observável quando ouvimos a canção é que o autor abriu mão na produção da música de todo um aparato instrumental, dando, em lugar, a apenas o uso de um violão, optando pela simplicidade. Tal escolha não foi feita de forma aleatória, pois com uma melodia arrastada<sup>15</sup>, romantizada, o autor acaba evocando certo sentimentalismo que traz, como consequência, um reforço dessa celebração da mulher cristã. A melodia arrastada da canção acaba, portanto, por transmitir um efeito relaxante e contemplativo, que é característico da música gospel.

Em síntese, após essa breve análise, podemos afirmar que a canção de Kleber Lucas é um exemplo de um produto que transmite valores e conceitos teológicos de certas crenças cristãs, como, por exemplo, a crença da dignidade humana e do papel que todos têm a desempenhar na obra de Deus. A canção como um todo exalta a figura da mulher que, embora seja muitas vezes subestimada e desvalorizada, mesmo em certos meios cristãos, é vista aqui como um ser dotado de força e coragem. A canção em questão pode ser um potencial instrumento primário, em sala de aula, de uma forma de diálogo e de abertura para discussões mais amplas sobre questões de gênero e igualdade a partir do contexto religioso protestante.

A segunda música a ser analisada, exemplificando um possível caminho a ser traçado por um docente em sala de aula, é a canção “Guerreiras de Jeová” da intérprete Deusiane Oliveira. Seguiremos o mesmo roteiro que foi feita na primeira canção, analisando: 1. Contexto sociocultural da artista que a produziu; 2. Contextualização da obra ao qual a canção está inserida; 3. Análise da letra; 4. Análise da melodia e ritmo.

---

<sup>14</sup> No exemplo citado aqui, a canção em tese estaria sendo ouvida já no desenrolar de uma aula (tendo a análise do autor, contexto em que a obra foi criada e letra já tida feita). No entanto, ela pode ser ouvida na introdução da aula.

<sup>15</sup> Em linhas gerais, uma melodia arrastada é aquela que tem um ritmo lento e cadenciado, com notas prolongadas e um tempo mais relaxado.

Começaremos então tratando primeiro acerca de algumas informações elementares acerca da intérprete da canção.

Deusiane Oliveira é uma cantora evangélica pentecostal<sup>16</sup>. Apenas essa informação já nos informa bastante acerca do lugar ou ambiente religioso e, conseqüentemente, acerca dela, ao qual a cantora em questão faz parte. O que representa o “ser pentecostal”? De forma concisa, o pentecostalismo é um movimento religioso cristão que surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos, e se espalhou para muitos outros países do mundo. Nascimento (2021) aponta que

O movimento pentecostal eclodiu com a propagação da mensagem do “batismo no Espírito Santo”, doutrina continuísta, que ensina o revestimento de poder sobrenatural, vindo do céu como uma experiência distinta da conversão. Esse batismo, seria a porta de entrada, para os cristãos terem acesso aos demais dons espirituais narrados nos textos bíblicos. Ou seja, os pentecostais, são cristãos que acreditam na atualidade carismática do Espírito e na possibilidade de vivenciar a experiência ocorrida em Atos 2, no dia de Pentecostes. Por isso o termo: pentecostais. (p. 38)

No pentecostalismo, a música tem um papel muito importante no culto e na adoração a Deus. Binoti (2017) afirma que no culto pentecostal “a música assume um papel quase central” (p. 80). E, para além do ambiente dos templos, a autora também destaca “a relevância da música pentecostal ou gospel no cenário social brasileiro” (2017, p. 80). As igrejas pentecostais geralmente usam uma grande variedade de estilos musicais em seus cultos, incluindo hinos tradicionais, louvores contemporâneos, corais, e até mesmo alguns estilos musicais populares. Muitas igrejas pentecostais têm um coro ou grupo de louvor que lidera a música durante o culto, e os membros da congregação muitas vezes participam ativamente, cantando, dançando e levantando as mãos em adoração. A música é vista como uma forma de se

---

<sup>16</sup> Diferente do primeiro exemplo (Kleber Lucas), o pesquisador responsável pela dissertação não conseguiu encontrar informações de cunho biográfico sobre a cantora em questão.

conectar com Deus e de expressar a alegria da salvação e da presença divina. No Brasil, a maior igreja evangélica, em termo de número de fiéis, é a Assembleia de Deus<sup>17</sup>, denominação pentecostal.

Além dos pontos mencionados acima, o pentecostalismo também valoriza a espontaneidade no culto, e muitas vezes há momentos de adoração não estruturados em que as pessoas são encorajadas a expressar seus sentimentos a Deus em suas próprias palavras e canções. A música, portanto, é um elemento central e vibrante nas celebrações do pentecostalismo, tendo um estilo de culto que é bastante expressivo e emocional. No que diz respeito à visão da mulher no pentecostalismo, em geral, as mulheres têm um papel muito ativo e importante. Fernandes aponta que a história do pentecostalismo moderno foi marcado pela presença das mulheres. Ela afirma ainda que “essas desempenharam papéis importantes para o crescimento e desenvolvimento do movimento Pentecostal” (2006, p. 65). Muitas denominações pentecostais concedem às mulheres a possibilidade delas exercerem papéis de liderança na igreja, como pastoras, evangelistas, missionárias e líderes de ministérios. Algumas denominações também permitem que as mulheres preguem, ensinem e realizem outros ministérios na igreja. Em geral, a maioria das igrejas pentecostais valoriza o papel da mulher como um membro ativo da igreja e como um indivíduo capaz de exercer seus dons e talentos para o serviço de Deus. Principalmente no segmento musical do pentecostalismo, há uma forte representatividade feminina. Muitas das principais cantoras do gênero pentecostal são mulheres, como Cassiane, Damares, Lauriete, Eyshila, entre outras. É esse o contexto religioso da interprete da canção, Deusiane Oliveira.

O segundo ponto a ser analisado diz respeito a uma contextualização da obra como um todo. A canção Guerreiras de Jeová faz parte do álbum Comandante Supremo, lançado em 2018. Tal álbum se enquadra dentro do mercado de música pentecostal que é um setor da indústria fonográfica que engloba um gênero musical cristão que tem uma forte presença no Brasil, especialmente nas igrejas pentecostais e neopentecostais e que, como já citado, tem uma forte presença de mulheres enquanto protagonistas. A música

---

<sup>17</sup> Fonte: <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/gospel/2022/07/15050711-qual-a-maior-igreja-evangelica-do-brasil.html> Acessado em 29 de março de 2023.

analisada em questão, Guerreiras de Jeová, ultrapassou a marca de meio milhão de visualizações no canal do youtube da cantora.

Tendo em mente essas informações prévias sobre a obra e a autora, partimos então para a análise da letra da canção em si.

Assim como a canção de Kleber Lucas um primeiro elemento que chama atenção da música de Deusiane é o elemento fé, que, para a autora da canção, não é algo abstrato, mas sim algo que se materializa em ações. A comparação feita é clara: mulheres são guerreiras. Guerreiras que marcham, guerreiras que oram. Interessante perceber que a oração é algo presente nas duas canções, pois é justamente uma ação que demonstra que o indivíduo possui fé. Deusiane também coloca as mulheres como personagens ativas, que tem um papel a desempenhar na guerra do Senhor. Cabe aqui também a observação da limitação da canção quanto ao recorte do grupo de mulheres de que se está sendo tratado, pois, assim como na canção analisada anteriormente, essa também se restringe as mulheres cristãs e ao ambiente eclesialístico.

Quando analisamos a letra de uma música se faz necessário também conhecer o vocabulário do contexto ao qual o autor faz parte. E, uma expressão que se repete bastante na canção e que é própria do vocabulário pentecostal é a palavra "ungidas". O termo "ungido" tem origem na prática antiga de derramar óleo sobre a cabeça de alguém como um símbolo de consagração ou autoridade divina. Na Bíblia, a palavra "ungido" é usada para se referir a pessoas que foram escolhidas e consagradas por Deus para uma missão específica, geralmente ligada ao sacerdócio, profecia ou realeza. Na tradição cristã, a palavra "ungido" é frequentemente usada para se referir a Jesus Cristo, que é visto como o "Messias" ou "Cristo", que significa "o ungido". Isso significa que Jesus foi escolhido e consagrado por Deus para ser o Salvador e o Redentor da humanidade. Em alguns meios cristãos, o termo "ungido" também é usado para se referir aos líderes religiosos que são vistos como tendo sido escolhidos e capacitados por Deus para liderar e guiar sua comunidade. Na tradição pentecostal essa palavra é muito explorada, e é comum a mesma se referir a pastores e pregadores como "ungidos", para destacar a ideia de que esses líderes foram escolhidos por Deus para pregar e ensinar sua palavra. Sendo assim, é possível perceber que a mulher da canção desempenha um papel extremamente relevante e é muito bem vista, levando

em consideração que o termo em questão que é aplicado a ela, se aplica também até ao próprio Cristo.

Além do termo guerreiras e ungidas, a canção ainda atrela a figura da mulher a posição de herdeira e escolhida de Deus. Tais palavras também evidenciam o status relevante no qual a autora da canção posiciona as mulheres. Pode-se afirmar isso por pelo menos duas razões: 1. Elas são escolhidas pelo próprio Deus para a realização de uma obra; 2. Elas são herdeiras, logo, detentoras de todos os benefícios de Deus. Dessa forma, a mensagem de incentivo às mulheres é evidente na música, pois ela se destaca por meio de dois aspectos. Em primeiro lugar, o vocabulário empregado em relação à figura feminina é exaltador, exemplificado pela utilização da palavra "ungido". Em segundo lugar, é atribuído a elas um status privilegiado, associando-as às condições de herdeiras e escolhidas.

Algo também em comum com a primeira canção analisada é que assim como ocorreu com a música do Kleber Lucas, onde o autor se valeu de um exemplo bíblico de uma mulher que teve protagonismo em uma dada narrativa, a música Guerreiras de Jeová faz exatamente o mesmo, usando de exemplos de mulheres do Antigo Testamento para tratar acerca da importância desse grupo na obra de Deus. Os exemplos citados são o de Rute, o de Ester e o de Débora. Acreditamos, pela mesma razão que já foi mencionada na primeira análise, que é necessário dar um panorama, mesmo que breve, de quem são essas personagens para que o alunado tenha maior clareza daquilo que a canção está comunicando.

A primeira mulher evocada é Rute, uma personagem bíblica do Antigo Testamento, mencionada em um livro que recebe como título seu próprio nome, Rute. Ela é uma mulher moabita que se tornou conhecida por sua lealdade e devoção, protagonizando todo o enredo do livro. A segunda mulher mencionada na letra é Ester. Ela é uma personagem bíblica do livro de Ester, que conta a história de uma jovem judia que se torna rainha da Pérsia e salva seu povo do massacre planejado pelo vilão Hamã. Ela também protagoniza o enredo do livro e é considerada um exemplo de coragem e fé em Deus, e é celebrada durante a festa judaica de Purim. Ester é vista como uma figura importante no judaísmo e é lembrada por sua coragem e dedicação em salvar seu povo da opressão. Por fim, a última mulher mencionada é Débora. Ela

também aparece como uma figura importante da Bíblia, mencionada no livro de Juízes do Antigo Testamento. Ela era uma profetisa e líder do povo de Israel durante um período de opressão pelos cananeus. Ela foi escolhida por Deus para liderar o povo de Israel, mesmo em um tempo em que as mulheres não eram comumente aceitas como líderes políticos ou militares. Além de sua liderança política e espiritual, Débora também liderou o exército de Israel em uma grande batalha contra as forças cananeias lideradas por Sísera. Ela incentivou o general Baraque a liderar a luta, prometendo que Deus estaria ao lado deles na batalha. Com a ajuda de Deus, o exército de Israel foi vitorioso, e Sísera foi morto. A história de Débora é lembrada como um exemplo de coragem, sabedoria e liderança. Sua liderança e coragem inspiraram o povo de Israel a lutar contra seus opressores, e seu exemplo continua a inspirar as pessoas até hoje. Essas são as figuras que aparecem na letra da canção de Deusiane. Importante reiterar que, estudando detalhadamente as experiências de tais mulheres fica evidente como sua fé intrépida as impulsionou a transgredir as limitações impostas pela sociedade e a lutar por justiça. Elas foram escolhidas propositalmente, pois representam exemplos de mulheres da Bíblia que lideraram e batalharam em várias esferas da vida.

Por fim, o último ponto a ser analisado é a própria melodia e ritmo da música. Para tanto, se faz necessário ouvi-la. O link para acessar tal música na plataforma do Youtube é [https://www.youtube.com/watch?v=GfD0lwVdoOM\\_](https://www.youtube.com/watch?v=GfD0lwVdoOM_)

A primeira coisa a ser percebida ao ouvirmos a canção é que, dentro do universo do gênero gospel, ambas as canções (a de Kleber Lucas e a de Deusiane Oliveira) apresentam distinções quanto a ritmo e melodia, pois estas fazem parte de subdivisões diferentes, sendo a primeira um gospel contemporâneo, inclinado ao pop, enquanto que a segunda, Guerreiras de Jeová, se enquadra numa variação do gospel contemporâneo intitulado de música pentecostal. Tal subgênero incorpora elementos de diversos gêneros musicais, como pop, rock, soul e samba. Sendo suas músicas marcadas por melodias envolventes e letras que enfatizam a fé cristã, a adoração e a batalha espiritual. A música em questão apresenta uma combinação de instrumentos, incluindo teclados, guitarra elétrica, bateria, baixo e percussão. A cantora faz muito uso de uma técnica vocal chamada vibrato, tornando sua performance bastante enérgica. Todos esses elementos unidos foram postos para reforçar a

mensagem da letra: uma convocação das mulheres guerreiras. Em síntese, todo o conjunto de características que é a música apela para uma exaltação da figura feminina, evidenciando a coragem, determinação e resistência das mulheres em situações adversas. Portanto, a mensagem central da música é de exaltação e empoderamento das mulheres.

Enfim, os dois exemplos das canções nos servem, nessa pesquisa, por duas razões: 1. Refletir acerca de como o protestante pensa a figura da mulher na contemporaneidade. 2. Dá um exemplo prático de como analisar uma canção, o que pensamos ser uma habilidade básica para um docente que queira fazer uso de canções em aulas de História.

A conclusão quanto ao primeiro ponto é que, ambas as canções, demonstram uma visão positiva acerca das mulheres, o que revela que em certos meios protestantes há valorização da figura feminina. Chegamos a tal conclusão por meio da análise das duas canções escolhidas, pois ambas, em todo o conjunto do produto fonográfico, celebram e evidenciam o protagonismo das mulheres. Esse aspecto se torna evidente principalmente quando as letras das canções utilizam exemplos de mulheres que desempenharam papéis relevantes no enredo bíblico. Essas mulheres, como anteriormente mencionado, demonstraram ações e promoveram algum tipo de justiça em seus respectivos contextos, sendo motivadas principalmente pela fé.

No entanto, um ponto que demonstra certa limitação por parte das canções e que já foi mencionado durante as análises, é que, em ambas, o contexto dessas mulheres parece se restringir ao ambiente eclesial, pouco tratando acerca delas atuando fora do universo da igreja.

Claro que tais análises não visam encerrar a discussão sobre como a mulher é entendida no meio religioso evangélico brasileiro, pois não é possível apontar que todo protestante pensa de forma positiva a figura feminina. Como já foi citado, há todo um universo a parte quando tratamos de protestantismo (Igrejas históricas, pentecostais, neopentecostais, carismáticas, etc.). No entanto, acreditamos que tal análise é um ponto de partida bastante significativo para uma discussão sobre o assunto, bem como uma tomada de conhecimento acerca do fato de que há diversidade de pensamento no meio protestante em relação a questões de igualdade de gênero, pois apesar das limitações das canções em não abarcar o tema das mulheres fora do ambiente

eclesiástico, ao menos nesse meio, parece haver um apontamento para uma visão igualitária onde se há busca por justiça.

Um exemplo de tal busca, externo as análises da canção, mas que evidenciam essa visão positiva presentes nelas, é trabalhado por MEIRA (2016) em seu texto “O impacto do Cristianismo na Primeira Onda do Feminismo”, onde a autora deixa evidente “a influência do cristianismo igualitário sobre os movimentos de emancipação feminina que compuseram a Primeira Onda do Feminismo dos séculos XIX e XX nos EUA” (p. 419). Outro exemplo, agora contemporâneo, das implicações da fé protestante em relação à luta por justiça, é o Projeto Agostinhas<sup>18</sup>, um projeto de mulheres negras cristãs que buscam fomentar a discussão e o combate ao racismo. Um último exemplo é uma iniciativa promovida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia chamado “Quebrando o silêncio”, que, em suma, é “um projeto educativo e de prevenção contra o abuso e a violência doméstica promovido anualmente pela Igreja Adventista do Sétimo Dia em oito países da América do Sul, (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai) desde o ano de 2002” (ADVENTISTAS.ORG, 2013)<sup>19</sup>.

A conclusão quanto ao ponto dois, que diz respeito à análise das canções enquanto uma habilidade essencial dentro de um contexto do docente que deseja fazer uso delas é a de que as análises acima apontam um possível caminho que não limita o uso da canção ao mero exame da letra, mas que leva em consideração todo o contexto sociocultural do artista, a obra ao qual a canção está inserida e até mesmo a parte rítmica e melódica da canção. Consideramos tal caminho proposto como algo relevante, pois durante muito tempo a música era utilizada de maneira ilustrativa, apenas como um complemento para a aula ou para introduzir uma temática a ser trabalhada (HERMETO, 2012). Esse conjunto de fatores serve para dá uma ideia ao estudante sobre a mentalidade do autor da canção em relação ao tema

---

<sup>18</sup> O Projeto Agostinhas é um exemplo das implicações práticas da fé protestante, onde motivadas pelas suas crenças religiosas, mulheres negras lutam em favor de justiça social. Para saber mais sobre o projeto segue o link do canal do Youtube: <https://www.youtube.com/@projetoagostinhas3235>  
Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/mulher/projeto/quebrando-o-silencio/>  
Acesso em 02 de outubro de 2023.

abordado, e, conseqüentemente, do contexto social/religioso ao qual ele está inserido, acerca do imaginário que está envolto da figura da mulher.

Em uma aula de História o docente pode, portanto, levar tais canções como um ponto de partida para discussão sobre mulher no contexto religioso, despertando os discentes para um engajamento e estimulando-os ao pensar criticamente sobre questões importantes. Para isso, o processo que foi feito nos exemplos acima é um possível caminho, um exemplo de processo cuidadoso que leva em consideração não somente a análise da letra, mas também o contexto histórico (o que inclui o contexto do próprio autor/intérprete), melodia, ritmo, etc., fazendo com que o estudante obtenha uma compreensão mais completa e profunda do tema estudado. Finalizamos com a citação de Napolitano, concordando com ele que a música reflete nossa visão de mundo e sensibilidades.

Entre nós, brasileiros, a canção ocupa um lugar muito especial na produção cultural. Em seus diversos matizes, ela tem sido termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas sobretudo das nossas sociabilidades e sensibilidades coletivas mais profundas. (Napolitano, 2005, p. 78)

Nesse primeiro capítulo, portanto, exploramos o uso da canção enquanto uma ferramenta eficiente no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de História. Fizemos tal coisa por meio de um levantamento bibliográfico de autores que já trataram do assunto, através também da análise de duas dissertações do ProfHistória, bem como por meio de análises de canções evangélicas contemporâneas, onde visamos identificar a representação da figura da mulher em tais produtos, dando assim um exemplo de como o docente pode manusear tais canções em uma aula.

## 2. A ATUAÇÃO DE ARGULA VON GRUMBACH E MARIA DENTIÈRE NA REFORMA DO SÉCULO XVI

Este capítulo discorre acerca da importante atuação de Argula von Grumbach e Maria Dentièrre, grandes mulheres escritoras apologetas, na Reforma religiosa do século XVI. Atrelado a essa discussão, o capítulo ainda se propõe a esclarecer as principais ideias resgatadas pela Reforma que acabaram por motivar os papéis desempenhados pelas mulheres referidas acima.

### 2.1 A INCLUSÃO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO E NO ENSINO DE HISTÓRIA

Durante a maior parte do século XX o ensino de história no Brasil se reduziu ao mero incentivo de memorização de nomes, datas, fatos e lugares, tendo por cosmovisão oficial a perspectiva de uma classe dominante. O professor de história, nesse contexto, não se preocupava em problematizar os fatos, mas limitava-se, em suas aulas, apenas em celebrar os grandes feitos e personagens. Tal realidade se dava, em grande medida, pela influência do positivismo.

O positivismo emerge como uma das correntes filosóficas que se originam do iluminismo. De acordo com tal perspectiva, “a única verdade é a forma de conhecimento resultante de conclusões científicas” (OLIVEIRA e SILVA, 2017, p. 3). Até mesmo as chamadas “ciências humanas” deveriam trilhar tal direção, pois para os pensadores positivistas

“as ciências humanas devem seguir o mesmo caminho das ciências naturais e iniciar a construção de um conhecimento real, útil, certo, preciso e sistematizado. Segundo a lógica positivista o conhecimento não tem nenhuma relação com a teologia ou com a metafísica, ignorando quaisquer formas de pensamento que não pudessem ser realmente comprovadas” (OLIVEIRA e SILVA, 2017, p. 4).

Nesse sentido, a visão de história sob a ótica positivista implicava na premissa de que o pesquisador, enquanto aquele que busca a verdade, não deveria se envolver com o objeto investigado. Seu compromisso residiria em apenas relacionar, observar e explicar uma dada realidade por meio do método científico. FAUSTINO e GASPARIM apontam que

“A produção do conhecimento histórico, resultante dessa escola de pensamento, valorizava a seleção de um grande número de fatos bem respaldados por documentos, de onde se retiravam ou resgatavam os acontecimentos do passado que deveriam servir para a compreensão da sociedade do presente. A reflexão ou o recurso à interpretação mostrava-se inútil e prejudicial, podendo deturpar o fato e introduzir a especulação” (2001, p.160).

Tais autores ainda apontam que “no final do século XIX até a primeira metade do século XX, os conteúdos da História era compostos de exaustivas narrações das origens das grandes nações e dos feitos dos grandes estadistas” (FAUSTINO E GASPARIM, 2001, p. 157, 158). Essa era a preocupação dos historiadores positivistas. Nessa perspectiva, a produção histórica se limitava ao aspecto político, associando-se diretamente ao Estado, limitando-se a uma história nacional e internacional. E essa realidade não se fazia presente apenas no modo como os pesquisadores da época produziam história, mas acabou por afetar o modo como a história era ensinada em sala de aula. Na realidade, a princípio, toda a preocupação do fazer e ensinar história estavam ligados intimamente à construção e elaboração da imagem daqueles que supostamente foram responsáveis por formar a nação. “A história ensinada era a história exclusiva da elite branca” (Mathias, 2011, p. 42).

Os conteúdos ensinados não visavam o debate ou discussão, mas apenas a assimilação, memorização e reprodução daquilo que era transmitido em sala de aula. Nessa pedagogia tradicional, o professor assumia uma postura bastante autoritária, sendo considerado o único detentor de saberes. Ele ensinava (transmitia informações) e o aluno aprendia (reproduzia fielmente as informações transmitidas). Nessa perspectiva, Moreira e Vasconcelos explicam que nesse contexto

[...] o estudo da História passa a ser entendido como uma memorização de nomes, datas, fatos e lugares. É importante saber, por exemplo, que o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República em 15 de novembro de 1889, no Rio de Janeiro. As motivações que levaram o Marechal Deodoro a esse gesto são deixadas em segundo plano ou sufocadas sob a imagem do proclamador da República como um “herói nacional” [...]. O que importa são os nomes, as datas, os fatos e os lugares a serem memorizados (2007, p. 39).

No Brasil, o ensino de história teve por pilar uma tentativa de construção dos agentes responsáveis por formar a nação. Tais agentes, claro, reduziam-se a uma elite masculina branca. Toda a história era pensada a partir da perspectiva desse grupo. Era uma história feita por poucos e para poucos. Nesse modelo, como é perceptível, diversos grupos foram, então, marginalizados, não levados em consideração. Nele, foi-se produzindo uma história de uma única voz e, conseqüentemente, muitas outras foram sendo silenciadas. Tal realidade, tanto da produção quanto do ensino de História no Brasil, veio a sofrer mudanças consideráveis, em parte<sup>20</sup>, a partir da influência daquilo que chamamos de História Cultural. A presente pesquisa firma-se justamente nessa corrente historiográfica, preocupada, essencialmente, com a chamada “história vista de baixo”. O foco adotado no trabalho se dará na história das mulheres, tendo em vista que elas, vítimas de todo um sistema excludente (inclusive historiográfico) tiveram suas narrativas marginalizadas.

De forma geral, podemos apontar que a História Cultural é “história escrita como uma reação deliberada contra o paradigma tradicional” (Burke, 1992, p. 10). Tal perspectiva rejeita, por exemplo, a ideia tradicional e reducionista de que a história diz respeito essencialmente à política. Aquela maneira de pensar história associando-a diretamente ao Estado, limitando-a a uma história nacional e internacional, é desaprovada pela nova história cultural.

---

<sup>20</sup> O pesquisador reconhece a relevância das contribuições de outras correntes historiográficas para a inclusão de grupos historicamente marginalizados, frente ao enfoque positivista predominante. No entanto, é importante ressaltar que o objetivo do capítulo não é realizar um panorama abrangente das diversas correntes historiográficas existentes e suas respectivas contribuições. Em vez disso, o foco recai em estabelecer um contraponto entre a visão positivista e a perspectiva da História Cultural.

Na realidade, para ela, toda e qualquer atividade humana tem história, logo, com esse novo olhar, houve uma ampliação dos sujeitos e objetos históricos. A “infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade, a leitura, a fala e até mesmo o silêncio” (Burke, 1992, p. 11), tudo passou a ser entendido como algo possível de ser estudado pela história. Na contramão da história tradicional, comumente concentrada naquilo que era entendido como os grandes feitos dos grandes homens, a nova história cultural preocupou-se em investigar aqueles que foram silenciados, atentando-se para “uma história vista de baixo”. Uma consequência disto para o ensino de história, é que, de acordo com Mathias, é somente a partir da inclusão desses temas que “o ensino de história angariou a tarefa de capacitar o aluno a questionar sua própria historicidade e refletir sobre a natureza histórica do mundo, noutros termos, torná-lo crítico” (MATHIAS, 2011, p. 47).

Meneses (2018, p. 23) também confirma essa nova realidade ao dizer-nos que

Para tanto, após transformações no meio acadêmico, consequências da mobilização dos sujeitos, incluindo as mulheres, em movimentos sociais que exigiam a equidade de direitos entre os indivíduos, a historiografia adquiriu uma nova roupagem, passando a considerar a relevância de todos os atores sociais nos processos históricos vivenciados pelas sociedades.

Como já dito, a emergência da História Cultural terminou por alargar os temas e abordagens dentro do universo historiográfico. E, de acordo com Sobreira e Medeiros, “dentre tantas renovações, a história das mulheres articulou-se na onda de pensar outros sujeitos na história, sujeitos até então marginais e excluídos (2016, p. 5). Mendes, Aquino et al. confirmam tal realidade ao apontarem que é nessa ebulição de novos objetos e de novas abordagens que a história da mulher ganha espaço e vez (2015. p. 2). Também nessa direção, Soihet e Pedro também declaram que é no “ desenvolvimento de novos campos tais como a história das mentalidades e a história cultural que é reforçado o avanço na abordagem do feminino” (2007, p. 285). Desse

modo, a temática das mulheres como tema de estudo na historiografia é bem recente, o que, por si só, demonstra um descaso pelo qual as mulheres passaram na história. Michelle Perrot, exímia historiadora das mulheres, aponta para um silenciamento delas na história quando diz que

“O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio das mulheres, na igreja ou templo... Silêncio nas assembleias políticas povoadas de homens que as tomam de assalto com sua eloquência masculina.” (2005, pág. 9, 10)

A mesma pesquisadora, em outra obra, ainda reitera tal fato afirmando que “no campo da História, vale destacar que as mulheres estiveram, até recentemente, fora da produção historiográfica” (2007, p. 16). Concordando com ela, Moreira aponta que “o lugar reservado para as mulheres é como um parêntese da história geral, passando a ocupar as margens dos livros didáticos, sem promover de fato o protagonismo da história das mulheres” (2018, p. 31).

As mulheres, sempre deixadas à sombra, quando apareciam, ocupavam lugar secundário ou marginal nas narrativas escritas pelo mundo acadêmico e ensinadas no contexto escolar. Concordamos com Gagnebin, quando afirma que “o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda” (GAGNEBIN, 2006, p. 54). Sendo assim, se buscou, nessa pesquisa, compreender o lugar e atuação das mulheres na história. Mais especificamente, se buscou conhecer as mulheres no contexto da Reforma Protestante, pois se entende que

“a maior parte dos historiadores modernos que tratam da Reforma raramente menciona as mulheres, e são poucos os estudos sociais que tentam avaliar o papel feminino nas mudanças religiosas do século 16” (SALVIANO, 2021, p.19).

A maioria dos livros didáticos voltados para o ensino básico, os quais derivam de estudos acadêmicos, quando tratam o tema da Reforma, reduzem os sujeitos que participaram ativamente desse processo a nomes como os de

João Calvino, Filipe Melâncton, Ulrico Zuínglio ou ao próprio Martinho Lutero. Mas onde estavam as mulheres em meio a tal revolução? Será que nesse movimento apenas os homens atuaram de forma significativa? De acordo com Kirsi Stjerna “ao contrário do que, sugerem os livros de história tradicionais, as mulheres no século XVI tiveram um papel significativo na divulgação e na implementação da teologia evangélica” (STJERNA, 2017, p. 49).

Ou seja, a autora aponta que assim como ocorreu com outras narrativas históricas, sucedeu o mesmo no movimento da Reforma, as mulheres foram silenciadas. Dessa forma, tal trabalho se preocupou, nesse primeiro capítulo, em realizar um levantamento biográfico de nomes como os de Argula Von Grumbach e Maria Dentiere, mulheres que tiveram bastante relevância no contexto da Reforma e que, infelizmente, tiveram seus nomes esquecidos no ensino da dita história oficial. Entretanto, antes de adentrarmos na vida dessas mulheres, se faz necessário entender as ideias que motivaram suas atuações no contexto em que viviam.

## 2.2 IDEIAS TÊM CONSEQUÊNCIAS: O RESGATE DE DOCTRINAS REALIZADO NA REFORMA

Quando estamos lidando com qualquer que seja o tema, penso que um primeiro passo relevante a ser dado para que as coisas sejam inteligíveis é deixar evidente os principais conceitos que aparecem em nosso texto. E, nesse caso, um primeiro que desejo expor é o da palavra Reforma. Afinal de contas, do que tal pesquisa se refere ao mencionar tal palavra? O erudito e historiador Alister MacGrath, em sua obra “O pensamento da Reforma”, explica, logo no início do livro, que o termo Reforma é usado em diversos sentidos. Ele explica que “como empregado na literatura histórica, o termo Reforma geralmente se refere a quatro elementos: o luteranismo, a Igreja Reformada, a Reforma radical (geralmente chamada de anabatismo) e a Contrarreforma” (2014, p. 22). Ou seja, tal palavra, em seu sentido mais abrangente, remete aos quatro movimentos citados acima. No entanto, o mesmo autor explica que a expressão Reforma é também, “usado tradicionalmente, num sentido um tanto

mais restrito para indicar a Reforma Protestante, desse modo excluindo a Reforma Católica” (MCGRATH, 2014, p. 22). Ainda assim, MacGrath faz uma última distinção, particularizando ou categorizando o movimento. Ele aponta que, “em algumas obras eruditas, o termo Reforma é usado para indicar o que às vezes se denomina de Reforma magistral ou Reforma principal” (MCGRATH, 2014, p. 22). Essa expressão está ligada diretamente as igrejas luterana e reformada, excluindo o anabatismo. Esclareço, desde então, que todas às vezes em que a palavra Reforma aparecer nessa pesquisa, estará sempre associada para indicar aquilo que MacGrath denominou de Reforma magistral<sup>21</sup>.

É possível afirmarmos que a Reforma do século XVI ocupou-se, de forma central, de ideias religiosas. MacGrath, no livro “Origens intelectuais da Reforma”, aponta que, na Reforma, “encontrava-se presente um elemento inflexivelmente religioso, apesar de haver, também, dimensões políticas, sociais e econômica” (MACGRATH, 2007, p. 12). Em suma, tais ideias religiosas baseavam-se em duas principais fontes específicas: a Bíblia e os teólogos cristãos dos primeiros cinco séculos. Ele aponta que “cada linha do movimento da Reforma considerava a Escritura como a pedreira de onde suas ideias e práticas eram talhadas” (MCGRATH, 2014, p. 113). Além disto, a Reforma também é devedora, intelectualmente e culturalmente, do humanismo renascentista. O lema “ad fontes”, oriundo de tal movimento, retrata bem o fascínio pela Antiguidade que era tão distintivo dessa época. “Aplicado à igreja cristã, o lema “ad fontes” significou um retorno direto aos documentos principais do cristianismo: os escritores patrísticos e, sobretudo, o Novo Testamento” (MCGRATH, 2014, p. 60).

Procedente dessas fontes, os reformadores resgataram algumas ideias que, segundo eles, fundamentavam a verdadeira religião cristã. Delumeau

---

<sup>21</sup> A expressão "reforma magistral" está associada diretamente às igrejas luterana e reformada, excluindo o anabatismo. MacGrath (2014) explica que o termo magistral “ressalta o modo pelo qual os principais reformadores desenvolveram um relacionamento geralmente positivo com as autoridades seculares, tais como príncipes, magistrados, ou conselhos municipais. Enquanto os reformadores radicais consideravam que tais autoridades não tinham direitos ou autoridade dentro da igreja, os reformadores principais argumentavam que a igreja era, pelo menos em certo sentido, sujeita as agencias seculares do governo” (p. 22).

aponta para a ênfase de três doutrinas principais do protestantismo, são elas: “a justificação pela fé, o sacerdócio universal, a infalibilidade apenas da Bíblia” (DELUMEAU, 1989, p. 59). É significativo termos clareza de cada uma dessas ideias, pois, como veremos, são elas que pulsionaram ou motivaram as mulheres da época a saírem do ambiente doméstico/privado a se aventurarem para espaços que, até então, eram dominados unicamente por homens.

A primeira ideia que destacamos que foi proclamada pelo movimento da Reforma é o conceito de justificação pela fé. Em síntese, tal termo pode ser descrito da seguinte maneira: justificação é a ação de Deus em tornar justo, por meio da vida e sacrifício de Cristo, o pecador arrependido. MacGrath explica que “por meio da obediência na cruz, Cristo obteve perdão e absolvição para os pecadores” (2014, p. 140). E é por causa da ação de Cristo que “os culpados podem ser purificados dos seus pecados e ser justificados aos olhos de Deus. São absolvidos da punição e recebem o status de serem justos diante de Deus” (MCGRATH, 2014, p. 140). É esse conceito bíblico que está no centro do projeto da Reforma.

É importante dizer que tal doutrina impactou extremamente as pessoas daquele período porque tal ideia não era um mero conceito abstrato, mas tinha relação direta com as expectativas e anseios do povo. Lindberg explica que “em seu cotidiano, o homem medieval se via cercado, por toda parte, de imagens que lhes serviam de aviso sobre a vida eterna e como alcança-la” (2017, p. 86). Segundo ele

“o indivíduo medieval não compartimentava a vida nas esferas sagrada e profana. Desse modo, os livros dos leigos eram evidentes na fonte da cidade e na prefeitura, talhados em portas e pintados em paredes, tanto de casas quando de edifícios públicos. Seja onde as pessoas andassem, trabalhassem e se reunissem para tratar de notícias e boatos, haveria lembretes religiosos de sua origem e de seu destino, quer fosse o céu, quer fosse o inferno” (2017, p. 86, 87).

Como escapar do inferno e ser salvo era uma questão presente e fundamental para os indivíduos na transição da Idade Média para a Moderna. Lindberg aponta que “o pecado, a morte e o diabo eram motivo de grande

preocupação no estágio da vida e da mentalidade do fim da época medieval” (2017, p. 49). E, naquele contexto, a igreja não era uma instituição social periférica, pelo contrário, ela estava no centro da vida social, espiritual e intelectual da Europa Ocidental. MacGrath explica que “os que buscavam o consolo do céu ou o perdão dos pecados não podiam garantir esses benefícios sem a intervenção e a interposição da instituição da igreja e de seus ministros autorizados” (MACGRATH, 2012, p. 43). Ou seja, a Igreja era quem detinha a resposta e autoridade para sanar tal angústia. Afinal de contas, como ser salvo? Um dos caminhos oferecidos pela Igreja Católica Apostólica Romana para lidar com tal questão era pelas chamadas indulgências. Reeves, tratando sobre as práticas de indulgências, explica que

“No catolicismo romano medieval, quando um pecador queria confessar a um sacerdote, este exigia a realização de muitos atos de penitência. Todo pecado sem penitência nesta vida sofreria consequências no purgatório. A boa notícia consistia na vida dos santos tão bons que eles não só obtiveram méritos bastantes para entrar direto no céu, evitando o purgatório, como também obtiveram mais mérito que o necessário para entrar no céu. Esse excesso de mérito da parte deles era guardado, por assim dizer, no tesouro da igreja, do qual apenas o papa detinha as chaves. O papa poderia, assim, conceder uma dádiva de mérito (indulgência) para qualquer alma que considerasse digna, acelerando sua jornada pelo purgatório, ou até mesmo pulando todo o purgatório (com a indulgência “plena” ou plenária). No início, as indulgências plenárias foram oferecidas aos participantes da Primeira Cruzada, mas logo doações em dinheiro foram consideradas atos penitenciais suficientes para merecer a indulgência. Tornava-se cada vez mais claro na mente das pessoas: um pouco de dinheiro poderia assegurar benção espiritual” (2016, p. 35, 36).

Dessa forma, a doutrina da justificação pela fé acabou por abalar todo um sistema que havia sido estabelecido pela Igreja. Não haveria mais a necessidade das ditas indulgências, pelo contrário, agora bastava “reconhecer que Deus fornece tudo o que é necessário para a justificação, de modo que tudo o que o pecador precisa fazer é receber” (MACGRATH, 2014, p. 147).

A segunda doutrina essencial apontada por Delumeau é a do “sacerdócio universal”. Para ele, no fim da Idade Média, passou a se ter certa depreciação do sacerdócio. Ele aponta que

“A sociedade rural da alta Idade Média permitia o desabrochar de uma cristandade comunitária fortemente dominada pela hierarquia eclesiástica e pelas abadias. Pelo contrário, a ascensão da burguesia e do artesanato, e mais geralmente do elemento laico, numa civilização mais urbana, o aparecimento do luxo, a afirmação de um certo sentimento nacional, a geral confusão dos espíritos num clima de insegurança, em suma, os defeitos da Igreja engendraram, no final da Idade Média, uma espécie de anarquismo cristão. Numa esfera de confusão das hierarquias e dos valores, os fiéis não distinguiram mais tão nitidamente como no passado o sacro do profano, o padre do leigo (1989, p. 70).

De forma concisa, os reformadores questionavam o poder eclesiástico, pois o que imperava naquele momento era a crença de que apenas o magistério da Igreja poderia interpretar as Escrituras. Bayer afirma que o ministério da palavra foi confiado a todo batizado e não apenas a uma classe específica de pessoas. Para ele

“De acordo com 1 Pe 2.9s, todo batizado está autorizado e tem o dever de proclamar o ato de libertação de Deus acontecido em Jesus Cristo. A palavra não depende do ministério, mas o ministério depende da palavra vocacionadora –assim como todos os ministérios na igreja dependem da palavra vocacionadora. A palavra já é o fundamento da criação; ela também é o fundamento da nova criação, da comunidade dos santos. Portanto a palavra nunca é posse da igreja ou de alguma forma integrada nela ou subordinada a ela; ela é, antes, o fundamento da igreja”. (2007, p. 186-187).

Obviamente, tal doutrina também abalou os fundamentos da Igreja Católica medieval. Derivado de tal ideia, agora as pessoas poderiam consultar a Deus individualmente, sem a necessidade de se dirigir aos padres. Até mesmo os reis poderiam consultar a Deus sobre as questões de seu reino, sem as limitações impostas pelas decisões e interpretações da Igreja. Ideias têm consequências!

Por fim, a última crença essencial derivada da Reforma é a da “infallibilidade da Bíblia”. Delumeau aponta que “os fiéis tinham necessidade de se apoiarem sobre uma autoridade infalível” (1989, p. 76). “Mas onde achar essa infalibilidade tranquilizadora quando se duvidava do padre? Em quem depositar uma fé segura?” indaga o autor. E ele mesmo responde: “A Bíblia se tornava assim o último recurso, mas também a rocha que as tempestades humanas não submergiriam” (1989, p. 76). A Reforma pode ser facilmente retratada como um movimento de retorno ao texto. Os reformadores apontavam enfaticamente a importância de se estudarem as Escrituras. Mcgrath destaca que

“A primeira geração de protestantes via o retorno à autoridade suprema da Bíblia como correto do ponto de vista teológico e libertador da perspectiva eclesiástica. Podia-se resistir a autoridade do papa, até mesmo miná-la, por meio da asserção programática de que, em última instância, todos estão sob a autoridade da Palavra e têm de ser julgados por ela” (2012, p. 246)

Fundamentado nessas três ideias: 1. Doutrina da justificação pela fé; 2. Doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes; 3. Doutrina da infalibilidade da Bíblia; a Reforma impactou a Europa Ocidental do século XVI. Lindberg explica que

“Alguns legados do desmembramento medieval do corpus Christianum foram quase imediatamente aparentes- como o surgimento da confessionalização- enquanto a ação cataclísmica de outros, como o pluralismo teológico, exerceu influência a longo prazo. De um modo ou de outro, porém, legados da Reforma afetaram todos

os aspectos da vida e do pensamento moderno. Descrições e análises desse legado preenchem mais prateleiras de bibliotecas que a maioria de nós é capaz de imaginar” (2017, p. 407).

As ideias resgatadas e propagadas pelo movimento da Reforma tiveram um efeito abrangente e transformador nos âmbitos político, educacional, econômico, cultural e outros, durante aquele período histórico. Como veremos, tais princípios exerceram um impacto significativo na vida de mulheres da época. Impulsionadas por essas crenças, elas ultrapassaram os limites tradicionalmente atribuídos aos espaços femininos, adentrando esferas que eram consideradas predominantemente masculinas. Essa atuação pioneira resultou em mudanças sociais significativas.

### 2.3 A ATUAÇÃO DE ARGULA VON GRUMBACH E MARIA DENTIÈRE NA REFORMA RELIGIOSA DO SÉCULO XVI

Como já citado nesse capítulo, “ao contrário do que sugerem os livros de história tradicionais, as mulheres no século XVI tiveram um papel significativo na divulgação e na implementação da teologia evangélica” (STJERNA, 2017, p. 49). O movimento da Reforma acabou por impactar também o lugar e papel da mulher naquele período. A esfera doméstica, único lugar da mulher na época, foi, pouco a pouco, violada por algumas mulheres. Essas que “ultrapassaram esta esfera foram consideradas subversivas e sofreram retaliações por tentarem ocupar lugares ditos masculinos” (MACHADO, 2022). A proposta do texto que se segue abaixo não é traçar uma biografia exaustiva das reformadas, mas compreender, por meio de uma curta narrativa da vida das escritoras apologetas Argula von Grumbach e Maria Dentièrre, o impacto que elas causaram nas reformas religiosas do século XVI. Começaremos então por Argula.

## 2.4 ARGULA VON GRUMBACH

Argula Von Grumbach é “considerada a primeira mulher reformada da Europa e uma verdadeira apologeta” (SALVIANO, 2021, p. 29). Em um período em que o lugar da mulher era restrito ao lar, Argula aparece como precursora, das mulheres que também ocupariam a esfera pública. Ela se colocou no ambiente público para defender suas crenças e convicções religiosas, derivadas dos escritos dos reformadores, como Lutero, e de sua dedicação ao estudo da Bíblia. “Ela entrou para a História como a pioneira da literatura escrita por mulheres no protestantismo” (SALVIANO, 2021, p. 29). Essa era Argula, mulher que, apesar das circunstâncias contrárias de sua época ao seu desenvolvimento, movida pela sua cosmovisão, saiu e, de forma subversiva ao sistema, encarou os “grandes” daquele período.

É necessário discorrer, juntamente com as informações do impacto que ela exerceu no período, alguns dados relevantes de sua própria história.

“Argula Stauff von Grumbach nasceu, em 1492, em Beratzhausen (Baviera-Alemanha), como filha de Bernhardin von Stauff e Katharina Thering, pertencentes as famílias nobres empobrecidas” (ULRICH, 2016, p; 84). É significativo saber o lugar de origem de Argula, pois o ambiente e posição de onde ela fez parte lança muito luz sobre sua formação. Por conta de seu lugar privilegiado, vindo de família nobre (embora empobrecida), ela teve, desde muito nova, acesso a livros.

Naquele período, “o caminho para as meninas receberem educação era o convento ou serem acolhidas por algum parente nobre que oferecesse educação em sua casa” (ULRICH, 2016, p; 85) Ela, desde muito nova, aprendeu a ler e escrever, sendo presenteada por seu pai, aos 10 anos de idade, com uma Bíblia, na época, um artefato raro e caro. Tal fato chama bastante atenção, pois a interpretação da Escritura, o estudo da Bíblia, era, geralmente deixada unicamente para o clero. Tal realidade era tão forte que Argula foi “desaconselhada por monges franciscanos que achavam que a leitura seria confusa para uma criança”. (SALVIANO, 2021, p. 29, 30). Na realidade, para aquele contexto, aprofundar-se no caminho de amar os livros

“qualificaria uma mulher como perigosa e impura” (STJERNA, 2017, p. 51) Dessa forma, o que vemos até então é a figura de uma garota, que, pelo seu lugar social, teve algumas vantagens, principalmente no quesito relacionado a educação (leitura e escrita), mas que, ainda assim, era desestimulada aos estudos por parte daqueles que compunham a igreja, pois até aquele momento a interpretação do texto sagrado era limitado a um grupo específico, o clero, não se permitindo, ou desestimulando-se uma autonomia por parte daqueles que compunham os fiéis da Igreja. No caso de Argula havia, porém um agravante. Ela não somente não compunha o clero, ela era mulher.

No entanto, contrário à vontade da igreja da época, Argula, ao ter contato com os escritos dos reformadores, e percebendo que eles sempre faziam alusão as Escrituras, passou a lê-las incessantemente. Ao perceber que conseguia compreender os escritos dos reformadores, e enxergar que tais textos sempre se remetiam as Escrituras, entendeu que nada a impedia de entender também o texto sagrado. Passou então a estudá-los (as Escrituras) com afinco. Pode não parecer para um leitor moderno que tal fato (uma mulher tendo acesso a Bíblia e interpretando-a por si só) seja algo muito relevante, no entanto, o é. Uma das maneiras que a igreja fazia uso para manter-se no poder durante a idade média era justamente ter o monopólio do uso do texto. Dar acesso direto ao texto era dar poder para o fiel. Mas, como vimos, uma das características da Reforma, era um convite a todo cristão a uma aproximação mais pessoal com a Escritura, terminando por democratizar o estudo e interpretação do texto. Com o advento da Reforma, não somente uma classe poderia ter acesso ao texto, mas absolutamente todos, inclusive as mulheres. Não é a toa que com o aparecimento da Reforma, há uma revolução inclusive no âmbito educacional, pois para ter acesso ao texto sagrado as pessoas deveriam saber ler. A alfabetização que, até então, era privilégio de poucos, pouco a pouco, em razão da Reforma, popularizou-se.

Salviano comenta ainda outro fato que foi de suma importância para o desenvolvimento da reformadora. Ela narra que aos “16 anos, Argula ingressou na corte em Munique como dama de companhia da duquesa Kunigunde, irmã do Imperador Maximiliano e esposa do duque Alberto IV”. (2021, p. 30) Tal fato contribui também para sua formação, dando base para futuramente vir a se tornar quem foi, pois na “convivência com as filhas do casal, recebeu uma

formação a que somente famílias com boas condições financeiras tinham acesso” (2021, p. 30).

No ano de 1516, “Argula casou-se com Frederico von Grumbach, a quem conheceu na corte.” (SALVIANO, 2021, p. 30). Ela passou por sérios problemas advindos desse casamento, pois Argula, nesse momento já era considerada alguém que tinha abraçado as ideias reformadas, e seu esposo “era um católico que se contentava com a igreja papal”. (SALVIANO, 2021, p. 30). Tal divergência religiosa não era algo frívolo, pois a depender da reação do marido nessa circunstância, “as mulheres assumiam um risco significativo, um risco que poderia significar uma punição física, exílio, separação de seus filhos e filhas, ou divórcio e, com tudo isso, a possibilidade da pobreza” (STJERNA, 2017, p. 50).

Um fato que marcou o período, e também a própria vida de Argula, foi uma polêmica envolvendo a Universidade de Ingolstadt. “Em 1522, foi proibido na Baviera ler ou mesmo discutir qualquer texto ou ensinamento de Martinho Lutero” (ULRICH, 2016, p; 85) Argula então “ficou sabendo que a instituição havia condenado o professor Arsacio Seehofer por divulgar as ideias reformistas” (SALVIANO, 2021, p. 32). Ela, discordando da postura tomada na Universidade, reagiu escrevendo uma carta pública para a instituição, defendendo Arsacio e ainda desafiando os professores da universidade a um debate público sobre os pontos que levaram o professor a condenação por heresia. Ela, por meio desta carta pessoal endereçada a reitoria e professores da universidade, bem como ao regente Guilherme da Baviera, solicitava “explicações quanto ao afastamento do professor” (ULRICH, 2016, p; 85). Nessa carta, Argula “citou mais de oitenta textos bíblicos e fez comparações lógicas para combater a decisão tomada pela universidade” (SALVIANO, 2021, p 33).

Para um leitor moderno tal atitude possa não aparentar nada excepcional, mas na verdade, ele foi percebido como algo completamente contracultural, inusitado no momento. Há algumas razões para isso. Primeiro porque percebemos uma mulher com capacidade teológica abastada, coisa que naquele período era algo completamente incomum, pois, como vimos, a teologia era restrita a uma classe específica de pessoas. Mas não somente o conhecimento teológico, mesmo habilidades comuns como leitura e escrita

eram presentes principalmente no universo masculino. E, nesse caso, temos um exemplo de uma mulher letrada, que dominava os conceitos teológicos e suas implicações ou aplicações para a vida comum. Segundo, porque “era um fato inédito uma mulher se intrometer em política e religião” (SALVIANO, 2021, p 32). Se já era novidade uma mulher dominar a área da teologia, o que dirá de fazer-se uso desse conhecimento para moldar a sociedade da época, confrontando-a. Deifelt afirma que “no século XVI, o espaço ocupado pelas mulheres era bastante restrito: casa, convento, ou prostíbulo”<sup>22</sup>. O que a sociedade esperava de uma mulher naquele momento era que, no máximo, caso ela obtivesse algum conhecimento teológico, era que, ela restringisse esse saber ao ambiente privado, mas Argula, movida pelas suas convicções evangélicas, desbravou o universo público. Ela “indignada, refutou duramente a prisão e o exílio do professor, alegando a necessidade de obedecer as Escrituras, e não as tradições da igreja” (SALVIANO, 2021, p 33).

O que motivou tal mulher a desafiar o status quo da época? “Argula argumentou que Mateus 10: 32 referia-se ao sacerdócio de todos os crentes e não simplesmente ao sacerdócio de todos os homens” (SALVIANO, 2021, p. 32). A Igreja Católica, na Idade Média, restringia a tarefa de preservação e propagação do evangelho a um grupo seletivo: homens que compunham o clero. O sacerdócio universal ou sacerdócio de todos os crentes, conceito fundamental do protestantismo, afirmava justamente o contrário: todos os cristãos são convocados a exercerem tal tarefa, inclusive as mulheres. Logo, a postura subversiva de Argula ao desafiar o reitor e professores da Universidade de Ingolstadt, foi motivada pela sua cosmovisão cristã reformada, que afirmava que homens e mulheres foram criados a imagem de Deus, sendo igualmente dignos e que, ambos são convocados a desempenharem um papel na propagação do evangelho. “A questão em jogo para Argula era a integridade da própria Palavra de Deus – a fonte da verdade” (STJERNA, 2017, p. 54) Tal perspectiva foi trazida a tona novamente no movimento da Reforma.

Obviamente, por ser mulher e leiga, Argula teve “seu pedido de diálogo negado pela reitoria” (SALVIANO, 2021, p. 33). No entanto, ela não

---

<sup>22</sup> DEIFELT, Wanda. Um olhar feminino sobre a Reforma Protestante. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/561775-um-olhar-feminino-sobre-a-reforma-protestante-entrevista-especial-com-wanda-deifelt>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

desanimou-se e continuou a lutar por aquilo que entendia que era justo, publicando dessa vez seus textos como cartas panfletárias. Seus escritos, num curto espaço de tempo, alcançaram cidades como “Breslau, Augsburg, Erfurt, Straburg, Stuttgart, Leipzig, Nadler e Braunschweig” (ULRICH, 2016, p; 85, 86) Em um período em que havia-se proibido a circulação dos escritos de Lutero na região da Baviera, “as cartas em defesa da Reforma de Argula circularam por vários territórios, cidades e reinos” (ULRICH, 2016, p; 86). De acordo com Salviano, “estima-se que foram reproduzidos mais de trinta mil exemplares em apenas dois meses” (2021, p 33). Ou seja, assim como outros reformadores, Argula foi responsável por propagar as ideias reformadas por meio de literatura. Ela foi alguém, uma mulher, que saiu para o ambiente público, para tornar-se uma apologeta cristã.

Argula não se limitou ao caso específico da universidade, mas em outro momento também “escreveu cartas abertas ao duque da Baviera e ao conselho municipal de Ingolstadt, que foram impressas e amplamente distribuídas” (SALVIANO, 2021, p 33). Diante apenas desse curto relato descrito, devemos indagar: como é possível que uma mulher com tamanha relevância, que, em sua época, produziu textos propagadores das ideias reformadas tão influentes, não ser lembrada nos livros de história ou em qualquer tipo de texto que trate do tema? Conhecer tal biografia enriquece o conhecimento que temos desse movimento e ainda nos abre os olhos para a realidade de que mulheres tiveram papéis importantíssimos em eventos que impactaram toda a nossa sociedade ocidental. Ela foi protagonista, não a pouco custo, dessa reforma religiosa.

Por qual razão digo “não a pouco custo”? Pois bem, primeiro houve um total descaso e indiferença para com a reformadora, pois “nem a universidade nem o duque lhe deram qualquer resposta” (SALVIANO, 2021, p. 34). A sociedade da época e a religião cristã institucionalizada afirmavam que determinados campos do conhecimento como a teologia não deveriam ser ocupados por mulheres, muito menos quando pensamos em uma teologia pública. Burmann aponta que foi “no processo de institucionalização” que “a Igreja assumiu estruturas epocais, que excluíram as mulheres do âmbito da atuação público-organizacional” (2017, p. 66). Uma evidência disto é que, “depois que Argula escreveu sua terceira carta em 27 de outubro à cidade de Ingolstadt para pedir apoio, o Prof. Hauer da Universidade Católica de Johan

Eck proferiu o seu terceiro e mais "venenoso" sermão" (STJERNA, 2017, p. 53). Em seu discurso ele tratou sobre as "desgraçadas crianças de Eva", chamando-a de uma "mulher maligna, diaba arrogante, puta herética" (STJERNA, 2017, p. 53). Tais palavras deixam claro essa exclusão e marginalização das mulheres.

Mas não somente isso, uma segunda reação aos escritos de Argula foi que, como coerção, "seu marido, Frederico, perdeu o emprego" (SALVIANO, 2021, p. 35). A justificativa do seu afastamento era que ele não era capaz de silenciar sua esposa no que diz respeito à publicação das cartas e tal incompetência era vista pelos poderes religiosos e políticos como algo inadmissível. Seu marido, como um fiel católico que era, obviamente discordava das ideias e da postura da esposa, e chegou a "receber a possibilidade de ser perdoado ante a lei se a matasse" (SALVIANO, 2021, p. 35). No entanto, apesar da alternativa dada, ele resolveu não fazê-lo. Como é perceptível, esse era o difícil cenário em que Argula se encontrava, mas, corajosa e fiel as suas convicções cristãs, enfrentou todo um sistema que a queria calar. Como dito, não a pouco custo, pois em decorrência de sua subversão aos líderes políticos e religiosos de sua época, ela e sua família sofreram "dificuldades financeiras, abalo no casamento e empecilhos ao estudo dos filhos" (SALVIANO, 2021, p. 35).

A Reforma não teria sido a mesma sem a força dessa mulher. Ela "rompeu com as fronteiras entre a sua vida privada como mulher e o mundo público, domínio dos homens" (ULRICH, 2016, p. 86) Ela foi uma grande apregoadora das ideias reformadas. "Suas cartas/panfletos ajudaram a divulgar o movimento reformador na Baviera" (SALVIANO, 2021, p 36). Como já dito, mesmo hoje não sendo recordada em muitos ambientes (nas universidades, escola de ensino básico e até mesmo em muitas igrejas protestantes), seus escritos na época foram amplamente reconhecidos e ganharam considerável popularidade entre os leitores da época. Milhares de cópias foram compartilhadas, pesando-se ainda que estas "foram lidas em voz alta para uma sociedade analfabeta", alcançando um número de pessoas muito maior que o dos textos físicos distribuídos.

Tal mulher inspirou e ainda inspira um luta por igualdade, inclusive no ambiente religioso. Encerro essa breve narração com um dado relevante que

demonstra que a história de Argula inspira ainda hoje a vida de outras mulheres, sendo assim importante, memorar a trajetória dessa mulher reformadora. No ano de 2005, a Igreja Evangélica Luterana da Baviera, região da personagem descrita, “criou a fundação Argula von Grumbach- Stiftung, que promove a igualdade de direitos de homens e mulheres na instituição” (SALVIANO, 2021, p. 36, 37). Tal fundação, inspirada pela narrativa e discurso de Argula, surgiu para “auxiliar nas discussões sobre as questões de igualdade e justiça de gênero no contexto da igreja e da sociedade” (ULRICH, 2016, p. 87).

## 2.5 MARIA DENTIÈRE

A segunda personagem que teve bastante relevância no contexto das Reformas Religiosas do século XVI foi Maria Dentièrre. É sobre ela que discorreremos nesse momento.

Maria Dentièrre nasceu por volta do ano 1495 na “cidade de Tournai, em Flandres, norte da Bélgica” (SALVIANO, 2021, p. 39). Assim como Argula, ela também veio de uma família católica nobre. Uma primeira distinção entre essa segunda reformadora apresentada é que, diferente de Argula que foi encaminhada para receber educação em uma família mais rica, esta foi levada à vida religiosa, ingressando, ainda jovem, “no convento agostiniano de Saint-Nicolas-dés-Prés, onde se tornou abadessa em 1521” (FERREIRA, 2020, p. 27, 28). Como dito anteriormente, esses eram os possíveis destinos para as mulheres: receber uma educação em uma família mais rica que a “adotasse” ou ser encaminhada para uma vida de estudos e celibato em um convento. Dentièrre trilhou pela sua opção.

Sendo levada para um convento, lá tinha livre acesso a biblioteca e acabou por conhecer as obras de Martinho Lutero, “que a levaram a uma profunda reflexão e a busca da salvação exclusivamente em Cristo” (SALVIANO, 2021, p. 39). É justamente por conta de seus estudos e sua nova fé reformada, que ela acabou por optar abandonar o convento e a vida

celibatária e abraçar a realidade do casamento. Sendo bastante instruída, assim como Argula, ela também foi uma proclamadora das verdades levantadas pelo movimento da Reforma. Vale salientar que, tanto Argula, quanto Dentièrre, exemplos dados nessa pesquisa, são exceções e não regra quanto à questão da educação, pois a maioria das mulheres que tinham acesso aos estudos. A maior parte das mulheres “recebiam o básico de instrução para a leitura e contas simples, já que sua formação era voltada para os afazeres domésticos” (Ferreira, 2020, p. 19).

Para Dentièrre, assim como o foi com Argula, “o sacerdócio universal de todos os crentes claramente incluía as mulheres” (SALVIANO, 2021, p. 40). Ela advogava que, se as mulheres “tivessem acesso a Bíblia, poderiam interpretar e pregar a mensagem evangélica da salvação” (SALVIANO, 2021, p. 40). Ou seja, Dentièrre, como uma reformadora, defendia que as mulheres, assim como os homens, tinham total habilidade cognitiva e de comunicação, para compreender e divulgar as verdades bíblicas. Para ela tais atividades não eram destinadas a apenas um grupo seletivo, assim como apregoava a Igreja Católica, mas Cristo havia convocado a todos que pela fé cressem.

Fugida do convento e refugiada na região de Estrasburgo, Dentièrre acabou por conhecer seu primeiro marido, “o pastor Simon Robert, ex-padre agostiniano” (SALVIANO, 2021, p. 41). Ela era uma mulher tão talentosa que acabava por ajudá-lo em seu trabalho pastoral, inclusive no que diz respeito às traduções de textos bíblicos, pois ela era versátil na língua hebraica. Posteriormente, após a morte do seu companheiro, ela acabou por se casar novamente, agora com um diácono chamado Antoine Froment e, com ele, se mudou para a cidade de Genebra. Nessa cidade Dentièrre acaba por aprender ainda mais sobre a doutrina dos reformadores e “levantou a bandeira em defesa da mulher protestante no ministério da pregação pública” (SALVIANO, 2021, p. 41). É nessa cidade também que Dentièrre tem contato com uma figura significativa da história do protestantismo, o reformador João Calvino.

Salviano, em sua obra aponta que

As principais obras de Dentièrre foram: *L'abécédaire ou grammaire élémentaire* em francês (Uma gramática francesa elementar),

primeira gramática escrita em francês; *La guerre et deslivrance de la ville de Genève* (A guerra e a libertação da cidade de Genebra), um relato histórico considerado o primeiro do gênero a ser impresso depois que a cidade aderiu a Reforma; *L'Epistre très utile* (A epístola muito útil), que foi considerada um tratado teológico; e o prefácio de um sermão de Calvino sobre roupas femininas” (2021, p. 42)

Dentière, assim como Argula, foi uma singular erudita de sua época, propagando suas crenças, apesar de todos os empecilhos, por meio de seus escritos e de sua pregação pública. Um dado significativo que aponta para um dos empecilhos que ela sofreu e que indica uma marginalização da figura da mulher no campo teológico, é que o seu texto “A guerra e a libertação da cidade de Genebra”, a princípio não foi assinado como sendo de autoria de Dentière, pois ela “temia que seu relato não fosse apreciado pelos líderes protestantes se tivesse sido escrito por uma mulher” (SALVIANO, 2021, p. 43). Sendo assim, no subtítulo ela acabou por informar que a obra teria sido escrita por um comerciante local. Foi apenas no século 19 que tal texto foi atribuído a figura de Dentière.

No século XVI, debates em torno da filosofia, teologia e outras áreas não faziam parte do dia a dia das mulheres. Primeiro pela razão que já foi exposta: a maior parte das mulheres não recebia educação profunda. Mas segundo porque, mesmo que tivessem uma formação robusta, ainda lhes era imposto um silenciamento por questões religiosas e culturais do período. Na realidade, “o pensamento religioso da época inclinava-se para um pensamento de desconfiança daquilo que era relacionado ao feminino” (FERREIRA, 2020, p. 19).

Na obra “A epístola muito útil”, escrita para a rainha Margarida de Navarra, existe uma sessão destinada a *défense des femmes*. Nela, Dentière, “argumentou a favor de uma participação mais ativa das mulheres na sociedade e na igreja, com o mesmo acesso aos estudos que os homens” (SALVIANO, 2021, p. 43). Como é possível perceber, tanto Argula, como Dentière, motivadas por suas interpretações da Escritura, crendo que os textos apontavam para uma universalização de um chamado aos estudos e propagação do evangelho, buscaram modificar a igreja e sociedade para que

não houvesse mais uma exclusão e silenciamento das mulheres. Elas lutaram a favor de uma igualdade e maior participação desse grupo no universo teológico. Para Dentièrre, “o meio eficaz de as mulheres se libertarem da opressão e buscarem sua identidade é por meio do conhecimento das Escrituras Sagradas” (FERREIRA, 2020, p. 32)

Como é sabida, a história é feita de rupturas e permanências. E, sendo assim, apesar de o movimento protestante reformado ter alargado a proximidade do povo comum ao texto bíblico, “muitas mulheres era impedidas de participar dos debates públicos e deviam manter posição de silêncio” (SALVIANO, 2021, p. 44). Como é notório, a partir das Reformas religiosas houve alguns avanços significativos na sociedade, como a democratização ao acesso ao texto sagrado. Houve um empenho pela tradução da Escritura para o idioma do povo, houve uma revolução em termos educacionais, estimulando a alfabetização para o povo iletrado poder ler o texto por conta própria, etc. No entanto, ainda havia muito a avançar. Ainda restava o fato de haver uma exclusão das mulheres em certos ambientes e em certas atividades, e isso era uma herança que persistia em permanecer. Entretanto, é justamente nesse contexto que mulheres como Dentièrre apareceram. A escrita dela “foi tão forte na defesa da importância do papel das mulheres e da necessidade de instrução para elas” (SALVIANO, 2021, p. 44). Salviano deixa claro isso ao evidenciar que em sua obra “A epístola muito útil”, Dentièrre faz referência a “nós, mulheres”, deixando explícito que ela se vê dentro de uma categoria específica (2021, p. 44, 45). O texto em questão oferece uma exposição sobre a importância das mulheres que fizeram parte das narrativas bíblicas e ainda faz uma denúncia do “discurso dicotômico sobre os sexos, muito difundido na época, segundo o qual as mulheres seriam infinitamente mais propensas ao erro, pois descendiam de Eva” (SALVIANO, 2021, p. 45). Como já expressado nesse texto, o Cristianismo institucional acabou por reproduzir uma postura de marginalização da figura da mulher, no entanto, alguns autores não enxergavam tal conduta no cristianismo descrito na narrativa bíblica. Argula e Dentièrre faziam essa leitura do texto sagrado. Não enxergando, por parte do Cristo, uma aceção de pessoas.

O professor e teólogo Claudir Brurmann aponta que uma “releitura atenta dos Evangelhos, Atos dos Apóstolos e das Epístolas torna evidente que

as mulheres estiveram presentes e atuantes nos primórdios da história cristã” (2017, p. 67). Para ele, elas aparecem como “protagonistas no movimento de Jesus, bem como lideraram o surgimento e a consolidação de comunidades cristãs em diferentes locais” (2017, p. 67). Para o autor ainda, “o processo de canonização dos textos não eliminou esse protagonismo, embora as interpretações ao longo da história do Cristianismo tenham valorizado pouco essa presença e atuação das mulheres” (Brurmann, 2017, p. 67). Seguindo essa mesma linha, a professora, teóloga e filósofa Wanda Deifelt, enumera diversas passagens em que há mulheres em papéis de protagonismo junto ao Cristo da Escritura. Dois deles podem ser aqui brevemente citados como 1. João 2. 1-12, onde a mãe de Jesus encoraja-o a resolução de um problema, provocando, inclusive, ao início de seu ministério público; 2. Em João 20. 1-18, onde Cristo revela-se como ressurreto primeiramente a uma mulher e apenas depois se revelou aos demais discípulos. Dentièrre, em oposição ao discurso comum da época em que se acusava a mulher de ser mais propícia a pecar, questionava o porquê de ser “necessário criticar tanto as mulheres, uma vez que nenhuma mulher jamais vendeu ou traiu Jesus?” (SALVIANO, 2021, p. 45). Ou seja, ela mudou “o discurso acusador em relação às mulheres, que tem Eva como exemplo e modelo do pecado, pela figura de Judas, um exemplo masculino de ambição e traição” (SALVIANO, 2021, p. 45).

Assim como ocorreu com Argula, a postura de Dentièrre de subversão acabou por lhe trazer algumas consequências. No caso dela, não somente sofreu perseguição por parte de católicos, mas até mesmo alguns protestantes discordavam de sua conduta. Salviano aponta que a obra “A epístola muito útil foi confiscada pelo governo da cidade” de Genebra (2021, p. 45). Não somente isso, pois até mesmo “o gráfico responsável, Jean Gérard, foi preso; e a maioria das cópias acabou destruída” (2021, p. 45). Durante muito tempo a importância de Dentièrre para o movimento da Reforma Protestante foi completamente apagada das páginas da história. Foi apenas no século XX, quando apareceram questionamentos sobre as mulheres da Reforma, que ela teve sua trajetória de vida redescoberta e sua relevância percebida.

Finalizo esse texto, assim como o fiz com a reformadora Argula, trazendo a tona um dado do presente que revela um vislumbre de mudança quanto à valorização dessas figuras importantes. Em 2002, “o nome de

Dentière foi gravado no Memorial da Reforma de Genebra ao lado dos nomes de Jan Hus e John Wycliffe e das estátuas de grandes vultos do movimento, como Calvino, Farel, Knox e Zuínglio” (SALVIANO, 2021, p. 47).

Ao explorar o impacto das Reformas Religiosas do século XVI na vida das mulheres, este estudo revelou como as doutrinas resgatadas nesse movimento tiveram implicações significativas em seus cotidianos e nas lutas por mudança social. Através da análise das crenças e princípios que permearam a Reforma, foi possível constatar como determinadas doutrinas acabaram por proporcionar às mulheres uma nova visão de si mesmas e de seu papel na sociedade.

A Reforma Protestante permitiu que as mulheres tivessem acesso ao conhecimento religioso e à participação ativa nas questões teológicas, desafiando as normas estabelecidas pela Igreja Católica Romana. Essa oportunidade de engajamento intelectual e religioso estimulou o despertar de vozes femininas, que se tornaram agentes de transformação em suas comunidades. Concordamos com Ulrich quando afirma que “as histórias das reformadoras e a sua atuação corajosa, criativa, sem dúvida, podem ser uma grande inspiração e força criativa para a atuação das mulheres no tempo presente” (2016, p. 91).

Em suma, o movimento da Reforma proporcionou às mulheres um terreno fértil para reivindicar sua voz e seu lugar na sociedade, estabelecendo um precedente para futuras conquistas em direção à igualdade de gênero.

### **3. EXPLORANDO A REFORMA PROTESTANTE ATRAVÉS DA ANÁLISE DE CANÇÕES E DA CRIATIVIDADE PARÓDICA**

O presente capítulo aborda o resultado final deste estudo dissertativo, composto por um conjunto de quatro oficinas que foram ministradas nos dias 15, 16, 17, 18 e 22 de agosto de 2023, direcionadas a duas turmas do 7º ano da Escola Municipal do Ensino Fundamental Professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque. O propósito global dessas oficinas consistiu na reflexão e avaliação da eficácia da análise de canções enquanto ferramenta pedagógica no âmbito do ensino da história. Além disso, visou orientar os estudantes na criação de uma série de paródias. A decisão de orientar os alunos na criação de paródias durante as oficinas fundamentou-se em uma abordagem pedagógica que busca promover a síntese e a reflexão aprofundada dos conceitos abordados. A elaboração de paródias exigiu por parte deles uma compreensão do evento histórico estudado e de suas nuances, a fim de traduzi-lo de maneira condensada e criativa. Além disso, a atividade incentivou a pesquisa detalhada, uma vez que os alunos precisaram extrair elementos relevantes para a construção de suas paródias. O tema específico escolhido para ser abordado durante a realização das oficinas, bem como na produção das paródias, foi a Reforma Protestante, com ênfase na figura da reformadora Argula von Grumbach.

#### **3.1 A ESCOLA**

A instituição selecionada como o local para a implementação das oficinas foi Escola Municipal do Ensino Fundamental Professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque. Esta escola integra a estrutura da rede de educação básica sob a alçada da Secretaria de Educação do município de João Pessoa, no estado da Paraíba. Situada na Rua da Ação, Sn, no Bairro das Indústrias, a instituição abarca tanto os segmentos iniciais quanto os finais do ciclo do ensino fundamental. Além disso, abrange o segmento da Educação

de Jovens e Adultos (EJA), disponibilizado no período noturno, compreendendo também os anos iniciais e finais do referido ciclo de ensino. As turmas selecionadas da escola para a realização das oficinas foram o 7º ano A e C, ambas correspondendo ao turno matutino. A seleção dessas turmas foi primordialmente fundamentada no critério da compatibilidade com o recorte histórico abordado nas oficinas, a saber, a Reforma Protestante. Tal seleção alinha-se à orientação preconizada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que preestabelece a abordagem dessa temática específica durante o ciclo do 7º ano do ensino fundamental. Foi realizado um total de oito oficinas, divididas de maneira igual entre as duas turmas. Cada oficina teve a duração de 45 minutos.

### 3.2 CONCEITUANDO OFICINA E PARÓDIA

Faz-se necessário, neste ponto, antes de adentrarmos na exposição do delineamento e à execução das oficinas, proceder a uma elucidação acerca dos conceitos de oficina e paródia, os quais permeiam este capítulo final. Iniciaremos, primeiramente, pela definição de oficina.

Conforme apontam Anastasiou e Alves (2004)

“A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá.” (p. 95)

Nesse sentido, adotamos o método das oficinas precisamente em virtude de sua natureza interativa e colaborativa. Conforme delineado na citação em questão, a oficina se manifesta como um espaço no qual os alunos são desafiados a engajar-se de maneira mais profunda e autônoma com os conteúdos. A estrutura horizontal das interações promovidas nesse ambiente

favorece um cenário no qual o educador e os alunos colaboram mutuamente, compartilhando a responsabilidade pela construção do conhecimento.

Ainda tratando sobre as oficinas, Anastasiou e Alves (2004) afirmam que nelas “pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva.” (p. 95). Ou seja, dentro do âmbito da utilização de oficinas, emerge a possibilidade de empregar uma variedade de instrumentos a fim de otimizar a construção do conhecimento. E no contexto específico das oficinas ministradas nas turmas do 7º ano A e C da instituição educacional Professor Lynaldo Cavalcanti, conforme anteriormente delineado, o pesquisador utilizou canções e paródias como ferramentas pedagógicas.

No que tange ao segundo esclarecimento conceitual, a saber, a definição de paródia, compartilhamos da mesma compreensão de Silva (2021), quando afirma que a paródia é um

“canto paralelo, muito mais do que a simples modificação de uma estrutura já construída, ela é considerada uma arte literária que tem diversas funções de acordo com o interesse de quem a elabora: satirizar, ironizar, causar risos, transmitir informações” (p.21).

A paródia musical, portanto, consiste na elaboração de uma nova letra para uma música preexistente, preservando sua melodia, harmonia e ritmo. Essa prática pode assumir diversas funções e propósitos, sendo sua interpretação e significado dependentes da intenção e contexto do autor que a elabora. A paródia musical pode ser utilizada como uma forma de expressão criativa, humorística, crítica social, política ou como um meio de transmitir mensagens e ideias de maneira subversiva ou irônica. É através desse processo de reelaboração musical que são criados novos significados e sentidos, estabelecendo um diálogo intertextual entre a obra original e a paródia, e proporcionando uma experiência estética e comunicativa singular

aos ouvintes e participantes envolvidos. SOUSA (2016) explica que em uma paródia musical

“Escreve-se um novo texto (letra) para uma música (texto-base), mantendo-se seus aspectos melódicos, harmônicos e rítmicos, ou variando-se apenas pequenos elementos. Neste processo de retextualização, ocorre à alteração do sentido do texto, seja sob uma perspectiva cômica, seja para gerar um efeito provocativo ou crítico a algum tema” (p. 56).

A paródia, logo, quando utilizada como uma estratégia pedagógica pelo professor em sala de aula, tem como objetivo promover uma forma consciente de memorização, que vai além da mera repetição, permitindo aos alunos situarem-se temporal e espacialmente, estabelecendo conexões com uma ampla gama de temas históricos. O trabalho com paródias não se resume a tentar fazer com que os alunos memorizem conteúdos, mas é uma abordagem que busca conferir significado aos conhecimentos históricos, construindo narrativas a partir de interpretações e problematizações.

Ao utilizar a paródia como recurso didático, o docente busca engajar os alunos de maneira mais efetiva, estimulando sua criatividade e senso crítico. Através da recriação das letras das músicas, os estudantes são desafiados a relacionar os conteúdos históricos com o contexto contemporâneo, estabelecendo vínculos entre o passado e o presente. Dessa forma, a paródia funciona como uma ferramenta que contribui para a construção de uma compreensão mais profunda e contextualizada dos temas abordados em História, permitindo aos alunos desenvolver habilidades de análise, interpretação e reflexão crítica. SILVA (2021) explica que “parodiar é mobilizar conhecimentos e habilidades para uma determinada finalidade, é um convite de reflexão ao ouvinte” (p. 22). Sendo assim, a utilização de paródias não tem como objetivo abranger de forma total todos os conteúdos, nem buscá-los meramente na memorização mecânica dos ouvintes. Pelo contrário, ao fazer uso dessa estratégia, o professor almeja abordar os aspectos essenciais dos

temas, enriquecidos por reflexões, críticas e revisões presentes nas letras das paródias.

Ao empregar paródias como recurso pedagógico, o docente busca explorar e enfatizar os elementos centrais dos conteúdos abordados, oferecendo uma nova perspectiva que vai além da simples transmissão de informações. Nesse sentido, as letras das paródias são elaboradas de forma a promover a reflexão, convidando os ouvintes a questionar, analisar e revisitar conceitos e eventos históricos. Através da incorporação de elementos críticos, as paródias estimulam o pensamento reflexivo e a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem.

### 3.3 O PLANEJAMENTO

O primeiro passo no processo de criação deste produto, que incluiu as oficinas e a elaboração das paródias, foi o planejamento. Conforme destacado por Lopes (2014), o "planejamento é uma ferramenta fundamental e indispensável para garantir um ensino de alta qualidade" (pág. 11). Portanto, com o objetivo de desenvolver algo que efetivamente contribuísse para a formação dos estudantes envolvidos nas oficinas, bem como para os possíveis leitores deste trabalho acadêmico, o pesquisador dedicou-se a refletir e elaborar os planos de aula de forma cuidadosa.

Um aspecto inicial a ser abordado foi à determinação do número de oficinas necessárias para atingir os objetivos do docente-pesquisador. O primeiro passo envolveu a comunicação com a professora responsável pelas turmas destinadas à realização das oficinas, com o intuito de entender quantas aulas ela poderia disponibilizar sem prejudicar seu próprio planejamento. O pesquisador deparou-se com uma dificuldade inicial relacionada à distribuição das aulas ao longo da semana para cada turma envolvida. A professora explicou que cada turma tinha um total de quatro aulas semanais, sendo que, no caso dos 7º anos "A" e "C", essas aulas eram ministradas em um único período de 45 minutos por dia.

Inicialmente, a ideia era realizar apenas três oficinas, cada uma com a duração de 90 minutos (equivalente a duas aulas). No entanto, considerando a informação fornecida pela professora, foi necessário ajustar o planejamento e determinar que fossem realizadas quatro oficinas para cada turma. É importante ressaltar que, em minha perspectiva, não compreendo esse período de tempo como o ideal, mas, dadas as circunstâncias que envolviam a organização das aulas e a quantidade de momentos que a professora poderia ceder para a realização das oficinas, essa foi a melhor solução encontrada.

Quanto ao local onde as oficinas seriam realizadas, o pesquisador inicialmente tentou verificar a disponibilidade da sala de vídeo da instituição. Entretanto, após entrar em contato com a administração da escola, foi informado que essa sala já estaria sendo utilizada por outro professor nos dias em que as oficinas estavam planejadas. Como não havia outra opção viável de espaço disponível na instituição para abrigar as oficinas, foi decidido que elas aconteceriam nas salas de aula de cada turma.

É importante também observar que, na perspectiva do pesquisador, tal ambiente não era o ideal, uma vez que algumas atividades seriam realizadas em grupo. A configuração idealizada seria aquela em que as cadeiras já estivessem dispostas de maneira adequada para evitar perda de tempo organizando o espaço pedagogicamente. No entanto, dado que essa opção não estava disponível, a organização da sala precisaria ser realizada durante as próprias oficinas. Acreditamos que iniciar o planejamento considerando aspectos fundamentais, como espaço e tempo, é essencial para o sucesso das atividades propostas.

Outra consideração relevante no processo de planejamento envolveu a definição dos objetivos que o pesquisador pretendia alcançar com cada uma das oficinas. Esses objetivos foram detalhados nos planos pedagógicos correspondentes. Além disso, houve a necessidade de determinar as fontes que serviriam como base para as oficinas. Optou-se por utilizar trechos de autores que foram utilizados no segundo capítulo desta dissertação, com foco principalmente nos escritos de MacGrath e Salviano.

Após realizar uma pesquisa na plataforma do YouTube, foi escolhida a canção "Tese 95" do cantor paraibano João Manô para a primeira oficina. Nela, a canção seria objeto de análise para se compreender a temática da Reforma.

Além disso, o pesquisador desenvolveu uma paródia baseada na vida de Argula von Grumbach, utilizando a melodia da canção "Domingo de manhã" de Marcos e Belutti. Tal paródia seria usada para se pensar sobre a atuação de Argula no movimento da Reforma. Antecipadamente, o pesquisador providenciou os recursos necessários para as oficinas, o que incluiu a impressão dos textos, impressão das letras da canção e paródia, bem como o download da canção Tese 95 e do playback para a paródia.

O objetivo da primeira oficina, conduzida em ambas as turmas (7<sup>o</sup> A e C), residiria em analisar, juntamente com o alunado, as principais ideias presentes no movimento da Reforma Protestante, a partir da canção intitulada "Tese 95" do cantor paraibano João Manô. Em síntese, o problema levantado pelo pesquisador a ser abordado nessa oficina (e, por extensão, pelo conjunto das oficinas em geral) seria: é possível compreender a temática da Reforma Protestante a partir da análise de uma canção? Como delineado anteriormente, a duração de cada oficina será estruturada com base em um período de 45 minutos.

Em linhas gerais, os procedimentos a serem tomados durante a realização dessa primeira oficina deveriam perpassar pelos seguintes passos:

1. O pesquisador informará a temática geral das oficinas, explicando que esta concerne ao conteúdo da Reforma Protestante, e, logo em seguida, exporá aos docentes a problemática a ser investigada, indagando se seria possível compreender tal tema por meio da análise de uma canção;
2. Posteriormente, para fins de sondagem, o pesquisador, por meio da dinâmica "Tempestade de ideias ou brainstorming", verificará o conhecimento prévio dos alunos acerca do assunto Reforma Protestante;
3. O passo seguinte seria o da audição, ou seja, os alunos ouviriam a canção "Tese 95" do intérprete João Manô;
4. Após a audição, junto com o alunado, a canção seria analisada, levando-se em consideração a sua integralidade, ou seja, investigando-se quem é o intérprete, o contexto em que a obra foi criada, a letra, ritmo e melodia;
5. Em seguida, o tema da Reforma Protestante, presente na canção, seria discutido em conjunto com outras fontes selecionadas: citações de Alister MacGrath acerca da Reforma;
6. Por fim, a oficina deverá ser finalizada por meio de uma avaliação de aprendizagem, questionando o que os alunos aprenderam acerca da

temática Reforma Protestante através da análise da canção. Tal avaliação também se dará por meio da dinâmica “Tempestade de ideias”.

No que concerne ao objetivo da segunda oficina, este consiste em compreender a figura de Argula von Grumbach e a sua atuação no movimento da Reforma. Para tanto, a proposta é abordar o tema a partir da análise de uma paródia autoral produzida pelo próprio pesquisador.

Os procedimentos a serem adotados nessa oficina incluem: 1. Apresentar a temática da oficina ao alunado; 2. Realização da audição da paródia; 3. Organizar a turma em grupos para a análise da paródia, orientando-os na interpretação da letra por meio de perguntas-chave, tais como: a quem a paródia se refere? Quais foram as realizações da mulher mencionada na letra? Qual é a relação dela com a temática da Reforma Protestante?; 4. Incentivar os grupos ao compartilhamento das análises com o restante da turma; 5. Comparar o conteúdo da paródia com outra fonte, neste caso, citações da historiadora Rute Salviano sobre o mesmo tema; 6. Apresentar a proposta final de atividade para as oficinas, que consiste na criação de paródias em grupo com a temática seja a Reforma Protestante.

A terceira oficina terá por propósito orientar e auxiliar o alunado na produção das paródias temáticas. O procedimento adotado compreende as seguintes etapas: 1. Expor aos alunos o processo detalhado de construção da paródia sobre Argula von Grumbach, paródia essa utilizada pelo docente na segunda oficina. Em essência, se explicará que o percurso trilhado pelo pesquisador envolveu escolher a canção a ser parodiada, pesquisar sobre o tema a ser abordado na paródia, selecionar, por meio de palavras-chave, aquilo que caberia ser incorporado na letra da paródia, integrar tais expressões ou frases na melodia da canção, resultando assim em uma nova letra, pesquisar rimas adequadas que se harmonizem com a melodia e, por fim, praticar o canto, considerando que a paródia será apresentada; 2. Dividir a turma em grupos; 3. Fornecer orientação a cada grupo no processo de seleção da canção a ser parodiada, na realização de pesquisa referente ao tema em questão, bem como na redação da letra a ser incorporada à canção escolhida.

Por fim, a última oficina se preocupará em proporcionar aos alunos a oportunidade de demonstrar sua compreensão aprofundada sobre a Reforma Protestante por meio da apresentação de paródias originais. Nela, se

estimulará a troca de experiências relativas ao desenvolvimento das paródias, abrangendo os desafios enfrentados durante o processo criativo, além das lições e conhecimentos assimilados ao longo desse percurso. A última oficina, portanto, irá propiciar o momento da exibição das paródias realizadas pelos grupos.

Cabe aqui ressaltar que qualquer plano pedagógico é flexível, e, portanto, ao longo das oficinas, é possível realizar modificações na ordem dos procedimentos ou adotar novas estratégias, conforme necessário. No entanto, acreditamos que o planejamento é o ponto de partida fundamental para uma prática pedagógica eficaz. Dessa forma, acredito que a descrição detalhada anterior, que inclui a exposição dos objetivos e da abordagem metodológica, proporciona ao leitor uma visão abrangente e panorâmica das oficinas.

### 3.4 APLICAÇÃO DAS OFICINAS E RESULTADOS

#### **Oficina 1 (turma do 7º ano “A”)**

No dia 15 de agosto de 2023, a primeira oficina foi implementada na turma do 7º ano “A” durante o segundo horário da manhã (07:45 - 08:30). Os cinco minutos iniciais foram dedicados para a apresentação do aplicador da oficina, juntamente com a exposição dos objetivos abrangentes das quatro sessões de oficinas planejadas e dos objetivos específicos delineados para a oficina inaugural em particular.

Após esta breve exposição, a turma foi instruída a formar duplas, sendo distribuída a cada uma delas uma folha contendo a letra da canção a ser ouvida e analisada. Antes de iniciar a reprodução da canção, foi apresentada à turma a seguinte indagação: "É possível aprender história por meio da escuta e análise de uma canção?" Foi requerido que os alunos que concordassem com essa indagação expressassem seus pontos de vista por meio do gesto de erguer as mãos, resultando em 18 alunos que o fizeram. Posteriormente, ao ser solicitado que os alunos que divergissem dessa perspectiva também se manifestassem com o levantamento das mãos, um total de 9 alunos aderiu a

essa visão contrária. Esse resultado inicial foi apresentado visualmente no quadro, proporcionando aos estudantes uma percepção coletiva em relação à posição predominante da turma sobre o tópico em questão. O número total de alunos presentes na primeira oficina foi de 27 alunos. Todos os estudantes participaram ativamente nessa fase inicial.

Esse acontecimento, na perspectiva do pesquisador, bastante positivo (considerando que a maioria dos estudantes respondeu afirmativamente a questão), pode ser atribuído, ao menos em parte, ao fato de que um docente particular da instituição já incorporava frequentemente a música em suas atividades pedagógicas. Essa informação foi extraída com base em comentários feitos por alguns alunos durante tal momento.

Em seguida a esse primeiro questionamento, os alunos foram também indagados sobre seus aprendizados acerca do tema da Reforma Protestante. A intenção era que eles fornecessem, em poucas palavras, uma síntese de suas recordações a respeito desse tópico. Nesse momento, tanto a docente titular da turma (presente na ocasião) quanto os próprios alunos afirmaram que o tema em questão já havia sido abordado no decorrer desse ano letivo. No entanto, chamou a atenção o fato de que nenhum dos estudantes conseguiu recuperar qualquer informação do conteúdo visto. Tal dado foi significativo para se ter clareza do ponto de partida para início das discussões na referida turma.

Após a fase de sondagem, com os alunos já estando com a letra da canção em mãos, reiterei o objetivo da primeira oficina, com o intuito de elucidar o propósito da atividade da audição. Solicitei então que se dedicassem à audição da canção, prestando atenção tanto à letra quanto ao ritmo e melodia. Ademais, expliquei a eles que um autor ou intérprete de uma canção também almeja comunicar uma mensagem por meio do aspecto instrumental (melódico e rítmico). Finalmente, tivemos a oportunidade de ouvir a canção. Caso o leitor queira ouvir ouvi-la, pode acessá-la através do link ao lado: <https://www.youtube.com/watch?v=zJ4eKyVDKHo><sup>23</sup>

Após a audição, questionei os participantes sobre sua familiaridade com a canção ouvida, obtendo uma resposta negativa de todos os presentes. Prossegui, então, indagando acerca das informações que puderam extrair da

---

<sup>23</sup> A letra da canção, em sua integralidade, segue no final da dissertação, nos anexos.

letra da canção, bem como sobre sua relação com o tema Reforma Protestante. Em resposta, a maioria dos alunos não apresentou bom feedback, no entanto, dois estudantes foram capazes de estabelecer uma associação: eles conectaram o título da canção com Lutero.

Cabe aqui também a informação que, de maneira antecipada, a docente titular já havia dito algumas informações acerca da turma, dentre as quais destacou o descompromisso com os estudos e a indisciplina. Tais informações se demonstraram verdadeiras até o presente momento da aplicação da oficina, pois além da pouca participação por parte dos estudantes, houve, por parte do pesquisador da oficina, alguma dificuldade em lidar com o barulho feito por parte considerável da turma.

Em seguida a indagação inicial que abordou as percepções coletivas dos estudantes sobre a letra da canção, foi-se levantado questões básicas, que incluíam, por exemplo: a autoria da composição musical, seu público-alvo e a mensagem veiculada por meio de sua letra (ou seja, o seu conteúdo temático). De prontidão, boa parte dos participantes identificaram o compositor e intérprete da canção como sendo João Manô, evidenciando assim certa atenção quanto ao documento fornecido a eles (a letra da canção), pois logo após o título da canção havia a presença do nome do intérprete. Mas quem seria João Manô? Tal figura foi o ponto de partida da análise da canção.

Solicitei então que realizassem breves consultas em seus celulares acerca do assunto. Como resultado dessas investigações, emergiram algumas constatações: 1. João Manô é um jovem vinculado ao movimento protestante (embora a denominação exata não tenha sido discernida); 2. Sua origem remonta à localidade de Jacaraú, situada no estado da Paraíba; 3. Ele integra o agrupamento denominado "Coletivo Candieiro," composto exclusivamente por indivíduos provenientes da região nordestina, que deliberadamente incorporam em suas produções elementos distintivos dessa localidade geográfica.

Quando perguntado onde localizaram tais informações os alunos informaram que pesquisaram no google e no instagram pessoal do cantor.

Após os alunos concluírem a orientação protestante do artista em questão, os questioneei se, no contexto de sua composição musical, ele possivelmente adotaria uma postura de apoio ou de crítica em relação ao movimento histórico da Reforma. Prontamente, os estudantes expressaram a

perspectiva de que o artista adotaria uma posição de apoio. Aproveitei esse momento para apontar que a canção abordava a dimensão religiosa do movimento da Reforma e que esse seria o recorte que iríamos refletir em sala. Em seguida, propus a realização de uma pesquisa para investigar a produção artística em questão, mais especificamente a canção em si. Indaguei sobre a época de sua concepção e o público principal para o qual fora originalmente destinada. Sugeri que uma possível fonte de informações fosse o canal oficial do Youtube do cantor. Nesse contexto, os alunos identificaram que a canção foi lançada em 2019, figurando como a faixa de abertura do álbum intitulado "Ecoar". Solicitei que analisassem os comentários presentes nessa plataforma virtual, com o objetivo de discernir o tipo de público que acompanhava ou apreciava a mencionada composição. Com base nos comentários, os quais eram predominantemente elogiosos e de natureza religiosa, os alunos concluíram que o público-alvo da canção era de cunho religioso.

Após a análise preliminar abarcando tanto o autor/intérprete quanto a obra em questão, adentramos na fase de exame detalhado das letras da canção, dedicando atenção específica a cada estrofe. Nesse contexto, destaquei inicialmente a primeira estrofe, onde se é dito o seguinte: "Estão tentando nos fazer pensar que por nossas boas obras chegaremos ao céu. Estão enlouquecendo ao ponto de falar que Deus precisa de rasas indulgências". A partir desse primeiro trecho verificamos a presença de uma afirmação que apontava para a tentativa de um grupo de induzir ao erro o conjunto ao qual o eu lírico da canção pertencia. Isso suscitou as primeiras indagações acerca dos agentes envolvidos na tentativa de engano, bem como a natureza desse engano em si. Alguns poucos discentes apontaram que, dado o título da canção e suas alusões a Lutero, a resposta poderia estar relacionada a ele. Em resposta a essas observações, estabeleci uma ligação entre a primeira estrofe e o contexto histórico da Reforma, no qual Martinho Lutero desempenhou um papel fundamental.

Nesse contexto, elucidei que, durante o século XVI, o grupo que procurava disseminar ideias enganosas estava vinculado ao clero católico, o qual, segundo a perspectiva de Lutero, havia se corrompido. O público alvo desse intento de engano consistia na população comum. Quanto ao teor específico do engano propagado, a própria letra da canção oferecia subsídios

para responder a essa indagação. Expliquei que a composição musical expressamente indicava a tentativa de persuadir o público de que a obtenção do paraíso celestial estava vinculada às boas obras por eles realizadas. Naturalmente, fez-se necessário elucidar o conceito das "boas obras" tanto no contexto da canção quanto no contexto mais amplo da Reforma. Um termo que emergiu proeminentemente do vocabulário empregado na canção foi "indulgências".

Indaguei aos estudantes se recordavam do significado da terminologia em questão, porém, a classe não apresentou uma resposta afirmativa. Nesse momento, fez-se necessário elucidar o conceito da palavra em pauta. Foi, portanto, explanado que o termo "indulgências" estava intrinsecamente vinculado à concepção de expiação, do perdão de pecados. Utilizando uma ilustração extraída de uma cena do filme "Lutero" (2003), efetuei a exposição sobre a acumulação de riqueza por parte da Igreja à época mediante a venda de indulgências. Sob essa perspectiva, as "boas obras" passavam a ser equiparadas à demonstração de fé ao adquirir tais indulgências, considerando que a Igreja, como representante divina na Terra, se arrogava a capacidade de absolver os pecados. O autor e intérprete da canção, de fato, chega a lançar acusações de insanidade ao clero, devido à promoção desse engano.

Em seguida, procedemos à análise da segunda estrofe da composição, identificando a reiteração da ideia central expressa na primeira parte da canção. Nela se é dito o seguinte: "Estão tentando nos convencer que por nossa força braçal abriremos os portões. Estão perdidos e cegos ao dizer que tudo que Deus tem pra você é condição". O engano delineado pelo autor das "95 teses" remetia à noção de que a salvação estava condicionada à aquisição de indulgências como prerrogativa estabelecida por Deus. Aproveitei essa ocasião para expor o contraste entre a concepção de "salvação por meio de obras", ensinada pela Igreja Católica Medieval, e a concepção de "salvação pela fé", advogada pelos reformadores. Nesse momento, forneci as duplas uma folha adicional contendo citações de historiadores que abordavam o tema da Reforma, com o intuito de instigar uma comparação entre as ideias manifestadas nas duas estrofes da canção e as observações nas citações de historiadores. Solicitei que procedessem à leitura atenta e à análise, bem como expliquei o texto dado e questionei se identificavam quaisquer discrepâncias ou

contradições. A resposta obtida foi negativa. Todos afirmaram que a canção era fiel àquilo que estava expresso nas citações dos historiadores.

A partir desse ponto introduzi uma definição concisa do movimento da Reforma, fundamentada tanto na exploração da canção como nas citações previamente lidas. Em síntese, foi apontado que a Reforma se delineou como um movimento de matiz religioso que anelava corrigir distorções doutrinárias, as quais foram discernidas através do estudo, principalmente, do Novo Testamento, texto sagrado para os cristãos.

Prosseguimos, então, com a análise do refrão, onde uma distinção entre o emprego das palavras "tolo" e "justo" se tornava evidente. Nesse trecho da canção se é dito o seguinte: "Seja considerado tolo todo aquele que disser: Paz! Paz! Sem que haja paz! Seja considerado justo todo aquele que disser: Cruz! Cruz! Sem que haja cruz!". Neste ponto, suscitei a indagação de acordo com a reflexão proposta pela canção até o presente momento: quem seriam os indivíduos representados pelo "tolo" e pelo "justo" na perspectiva do compositor? Inicialmente, os discentes não conseguiram oferecer uma resposta, no entanto, ao esclarecer o contexto da declaração do autor em relação à noção de redenção, em especial no que concerne à comercialização de indulgências, eles conseguiram discernir a conotação de que o compositor estava direcionando sua crítica àqueles que comercializavam a salvação, propagando a ilusão de que esta poderia ser adquirida por meio da compra de indulgências ou méritos pessoais.

Para ilustrar, introduzi uma analogia na qual imaginei um indivíduo que negasse a ocorrência de um tiroteio em uma escola, apesar da evidência clara da situação. No exemplo, tal pessoa que nega a realidade dos fatos e sustenta que tudo está em estado de tranquilidade seria caracterizada como "tolo". Paralelamente, o indivíduo que perpetua a ideia de que a obtenção da paz divina depende da aquisição de indulgências, propagando, assim, uma paz fictícia, emerge como o "tolo" do refrão. Esse seria o tolo para o autor/intérprete. Por contraste lógico, concluímos que o "justo" é representado por aquele que compreende que a salvação reside na fé na cruz, uma premissa explícita no conteúdo da canção.

Por último, imergimos no epílogo da composição, no qual se delineia uma evidente alusão à figura de Martinho Lutero, e assim concluímos nossa

análise da letra da canção. O trecho em questão expressa: “Mas à luz de velas um homem lê: Que o justo viverá pela fé. O justo viverá. O justo viverá pela fé. O justo viverá”. Nesse instante, o tempo da aula já estava encerrando, impossibilitando-me de finalizar a análise integral da canção, uma vez que restava pendente a consideração da melodia e ritmo. Expliquei, então, que faríamos tal desfecho na oficina seguinte.

### **Oficina 1 (turma do 7º ano “C”)**

A oficina 1 foi realizada na turma do 7º ano C no dia 16 de agosto de 2023, durante o quarto horário (09:30 às 10:15). O texto presente não tem a intenção de descrever o desenrolar da oficina, considerando que este foi essencialmente igual ao conduzido na turma do 7º ano A. O propósito desta seção reside então na delimitação das contribuições, respostas e feedback provenientes do grupo mencionado (7º C), no contexto da oficina ministrada. Pensamos que tal descrição também desempenhará o papel de permitir uma comparação entre os níveis de envolvimento das duas turmas, considerando suas distinções e características singulares.

Um aspecto importante que distingue a turma do 7º ano C, frente à turma anterior, foi que eles, durante toda a oficina, demonstraram maior participação e entusiasmo. No que diz respeito à primeira pergunta (se era possível aprender história a partir da análise de canções), observou-se que 32 estudantes afirmaram ser possível adquirir conhecimento histórico por meio da audição e análise de uma canção, enquanto apenas uma estudante expressou uma visão contrária, argumentando que isso não era viável. Em relação à segunda pergunta (o que eles se recordavam da temática Reforma Protestante), a turma também demonstrou um nível superior de conhecimento sobre o tópico (comparado a turma anterior), associando a Reforma a Martinho Lutero, à Igreja Católica e à corrupção na igreja. Ainda afirmaram também ter ouvido em suas aulas acerca da palavra indulgência, no entanto, não conseguiram explicar com clareza o que ela significava.

Após a audição da canção, todos os participantes afirmaram não conhecer a canção "Tese 95". Nesse ponto, questionei-os sobre onde poderiam encontrar informações sobre o intérprete da canção, e eles prontamente sugeriram as seguintes fontes: Google, Instagram e YouTube. Solicitei então que realizassem uma rápida pesquisa sobre João Manô. Como resultado dessa investigação, eles concluíram que o cantor é um jovem paraibano, evangélico, casado e estudante universitário, atualmente cursando letras. Um fato também interessante, é que alguns alunos apontaram que mesmo antes da pesquisa, já haviam percebido o sotaque nordestino do cantor.

Quando questionada sobre o público-alvo primário da canção, a turma prontamente respondeu que se destinava aos evangélicos. Alguns perceberam tal fato analisando os comentários da canção na plataforma do Youtube do cantor. Além disso, eles concluíram também a perspectiva da canção abordava a Reforma do ponto de vista protestante. Ao analisar a primeira estrofe da canção em resposta à primeira pergunta (quem estava tentando promover engano, de acordo com o autor da canção), uma aluna mencionou que as pessoas católicas estavam tentando manipular o pensamento das pessoas. Foi esclarecido pelo docente, então, que o autor da canção identifica parte do clero católico como o grupo que estava tentando enganar.

Também na turma do 7º ano C não foi possível finalizar a análise integral da canção, ficando para a oficina seguinte o estudo da parte rítmica e melódica.

## **Oficina 2 (turma do 7º ano “C”)**

A segunda sessão da oficina ocorreu em 17 de agosto, das 07:00 às 07:45, com a turma do 7º ano C. Iniciamos com uma breve revisão do conteúdo abordado na oficina anterior e prosseguimos com a conclusão da análise da canção intitulada "Tese 95", pois, devido às limitações de tempo, não foi possível concluir todo o planejamento previamente estabelecido na oficina. Nessa etapa, promovemos novamente à audição da canção, solicitando, no

entanto, que os alunos observassem principalmente aspectos como melodia, ritmo e instrumentos utilizados na composição.

Após a audição, indaguei se os alunos haviam identificado o gênero musical da canção. Em sua maioria, eles apontaram que reconheceram principalmente o refrão como sendo característico de um estilo musical semelhante ao rock. Quando indaguei sobre as razões para essa percepção, eles mencionaram especificamente a presença da batida da bateria como fator determinante. Além disso, solicitei que compartilhassem suas emoções e impressões ao ouvir a melodia e o ritmo, e eles utilizaram palavras como "força", "forte" e "agitação" para descrever suas sensações. Após um breve período de reflexão acerca desse trecho da canção, chegamos à conclusão de que a palavra que melhor expressava essas impressões era "intensidade". No entanto, como os alunos não conseguiram analisar os outros segmentos da canção, expliquei que ela apresentava uma estrutura melódica dividida em três partes distintas.

Busquei fazer com que os alunos percebessem que a primeira parte da melodia apresentava um ritmo mais lento, e que o autor da canção, nesse trecho, estava criando uma atmosfera carregada de tensão. Essa característica musical coincidia com a mensagem da letra da canção, que abordava o tema do engano e das tentativas de iludir através de ideias falsas. A segunda parte da melodia correspondia ao refrão, que, como os alunos identificaram com precisão, era o momento de maior intensidade melódica na canção. Essa seção alinhava-se com a parte da letra em que o autor se tornava mais explícito, ao fazer uma distinção entre os "tolos" e os "justos". Por fim, a última parte melódica da canção transmitia uma sensação de leveza e calma. Esse trecho fazia alusão ao momento em que Lutero, ao ler as Escrituras, deparava-se com a ideia de que a justiça derivava da fé, e não das obras.

Cada trecho da canção foi revisitado e o docente aplicador da oficina orientou os alunos a identificarem os elementos musicais, incentivando-os a reconhecer como esses elementos contribuem para a eficácia da comunicação da mensagem transmitida. Em cada segmento apresentado, foi solicitado aos alunos que refletissem sobre a conexão proposta pelo docente entre a melodia, o ritmo e a letra da canção. Em resposta, os alunos unanimemente expressaram que compreenderam tal relação. Após essa etapa, o facilitador da

oficina lançou a pergunta aos alunos se eles concordavam que a Reforma Protestante poderia ser compreendida a partir da análise da canção do cantor João Manô, levando em consideração a reflexão sobre o autor/intérprete, a letra e os aspectos melódicos e rítmicos. Todos concordaram que, de fato, era possível entender a Reforma dessa maneira. Na perspectiva do pesquisador o momento foi altamente significativo e produtivo. No entanto, acreditamos que seriam necessárias mais aulas para uma análise mais aprofundada do tema, incluindo a exploração de outras canções.

Concluída a análise da canção, foi entregue aos alunos a letra de uma paródia produzida pelo próprio pesquisador. A canção parodiada foi "Domingo de manhã" de Marcos e Belutti<sup>24</sup>. A paródia<sup>25</sup> tinha por objetivo apresentar, de forma sintetizada e cantada, a personagem histórica chamada Argula von Grumbach.

Uma primeira indagação, levantada nesse momento da oficina, foi: "Vocês conseguem explicar o que é uma paródia?" Uma das alunas respondeu prontamente que "é quando você muda a letra de uma música". Concordando com a resposta da aluna, expliquei que, de maneira geral, uma paródia é um trabalho criativo que preserva a melodia e o ritmo de uma canção de referência, modificando apenas a letra. Aproveitei também o momento para oferecer algumas informações preliminares sobre a canção que escolhi para a paródia, incluindo um breve trecho cantado, a fim de verificar se os alunos a reconheciam. Apenas um pequeno número de alunos afirmou conhecê-la. Em seguida, levantei uma segunda pergunta relacionada ao contexto histórico abordado, ou seja, a Reforma Protestante, indagando: "Onde estavam as mulheres durante o período da Reforma? Elas desempenharam algum papel no movimento?" Essa pergunta tinha o propósito de estimular a reflexão dos alunos e destacar que esse seria o tema da paródia que estudaríamos. Após essa introdução, passamos à audição da paródia.

Antes de discutirmos o conteúdo da letra presente na paródia, decidi fornecer uma orientação do passo a passo sobre o processo de sua criação. Em essência, expliquei que o primeiro passo foi escolher a canção que seria alvo da paródia. Nesse estágio inicial, dei prioridade à melodia da canção, uma

---

<sup>24</sup> A letra da canção original se encontra em anexo.

<sup>25</sup> A letra da paródia se encontra em anexo.

vez que esta precisava estar alinhada com o conteúdo que eu desejava comunicar. No contexto do tema em questão, que envolvia a reconhecimento da figura de Argula e a valorização de seu papel na Reforma, optei por uma canção do gênero sertanejo. Essa escolha foi motivada por algumas razões fundamentais. Primeiramente, o pesquisador já estava familiarizado com a melodia da canção escolhida, o que facilitaria a adaptação da nova letra. Em segundo lugar, a canção selecionada, embora apresentasse um ritmo mais lento, por ser uma canção de declaração de amor, não possuía uma melodia melancólica; ao contrário, era mais alegre, o que se harmonizava com a letra que planejava criar.

Outro aspecto importante foi adquirir um conhecimento sólido sobre o assunto que pretendíamos abordar. Dado que a proposta era destacar a Reformadora Argula, expliquei aos alunos que busquei fontes de informação para estudar sobre sua história. Afinal, enfatizei a importância de compreender completamente o tema, pois ao criar uma canção sobre algo, é fundamental possuir um conhecimento substancial sobre o assunto em questão.

A etapa seguinte, também importante, na jornada do pesquisador envolveu a seleção do que deveria ser incorporado à letra da paródia. Expliquei aos alunos que optei por identificar palavras-chave que deveriam ser incluídas na letra, tais como "reformadora", "escrita", "Reforma", "Igreja", entre outras. Essas palavras-chave, de certa forma, tinham a finalidade de resumir o conteúdo estudado. O quarto passo consistiu em tentar integrar essas palavras-chave à melodia, criando frases que substituíssem a letra original da canção escolhida. O quinto passo envolveu a resolução do desafio de encontrar rimas apropriadas, recorrendo à internet para buscar sinônimos que pudessem substituir as palavras que não se encaixavam harmoniosamente na melodia. Por último, o sexto passo envolveu a prática do canto, uma vez que a paródia seria executada vocalmente.

Apresentei essa explicação do percurso da produção da paródia com o propósito de antecipar um esclarecimento sobre tal processo para o momento em que fosse solicitado que, em grupos, elaborassem suas próprias paródias. Após essa contextualização sobre a criação da paródia, demos início à análise da letra da paródia sobre Argula.

No que se refere à análise da letra, minha primeira abordagem foi questionar os alunos sobre as conclusões que puderam tirar da canção. O que eles conseguiram compreender? Algumas das respostas incluíram: "Trata-se de Argula Von Grumbach" (os alunos, a princípio, tiveram alguma dificuldade em pronunciar o nome), "Uma mulher que participou na Reforma" e "Uma mulher religiosa". Expliquei-lhes que a proposta da paródia era sintetizar um determinado tema, apresentando algumas das informações mais relevantes sobre ele. Portanto, a paródia é uma seleção, não abrangendo todos os detalhes. Essa explicação foi dada para destacar que, ao longo da análise, também forneceria informações adicionais às que já estavam presentes na letra.

Com base nisso, iniciamos a análise da primeira estrofe. O trecho em questão expressa o seguinte: "Argula von Grumbach/ Uma reformadora/ Motivada por suas crenças/ Tornou-se precursora". A conclusão da nossa discussão foi que, no início da paródia, encontravam-se as seguintes informações: 1. o nome da mulher; 2. A sua posição como reformadora; 3. O fato de ser uma precursora de algo, motivado por suas convicções.

Neste momento, de maneira direta, expliquei um pouco da biografia de Argula, especialmente contextualizando o ambiente histórico e cultural em que ela viveu, bem como ela teve contato com as ideias da Reforma. Esclareci para eles que sua atuação no movimento foi inteiramente impulsionada por suas crenças, que eram compartilhadas também por figuras como Lutero e outros reformadores.

Na segunda estrofe se é dito: "Sua história/ Deixou um grande legado/ Na Reforma ela lutou/ Sua escrita levava esperança a um povo fatigado". A primeira afirmação feita nessa parte foi que Argula deixou um significativo legado. Reconhecendo a importância do domínio do vocabulário relacionado à letra presente, questionei os alunos sobre o significado da palavra "legado" para verificar o entendimento deles. Uma das respostas fornecidas foi "algo que é passado de geração em geração". Confirmei positivamente a resposta e expliquei que, no contexto de Argula, esse legado estava associado à sua condição de pioneira no âmbito da escrita protestante, sendo a primeira escritora protestante.

A partir do conteúdo da segunda estrofe da canção, enfatizei que a escrita de Argula inspirava esperança nas pessoas de sua época. Nesse momento, reiterei o contexto da Reforma como pano de fundo. Além disso, esclareci que o conteúdo de seus escritos estava relacionado a questões teológicas, uma vez que ela, como outros reformadores, baseava sua visão de mundo principalmente na Bíblia, considerada Escritura Sagrada.

Outro aspecto que compartilhei com os alunos sobre o legado de Argula é que, além de ser uma pioneira na escrita, o fato dela ser uma mulher envolvida em questões teológicas e defender ativamente a participação das mulheres em espaços que historicamente lhes eram negadas, também representava uma contribuição significativa a ser considerada. Esse momento da oficina foi crucial para refletir sobre o tempo presente. Ainda hoje, as mulheres enfrentam algum tipo de marginalização? Ao questionar a turma, a maioria confirmou que sim, afirmando que as mulheres ainda enfrentam desafios significativos nos tempos atuais. Nesse contexto, expliquei que a figura de Argula serve como um modelo de uma mulher que lutou pelo que acreditava, desafiando as normas estabelecidas. Esse aspecto que aborda sua subversão está presente na terceira estrofe da canção.

Foi aberta uma discussão também acerca de alguns eventos que destacaram a ousadia de Argula ao desafiar o status quo, bem como alguns dos desafios que ela enfrentou devido a sua postura. Além disso, achei necessário explicar a palavra "apologeta", que aparece na letra da paródia. No entanto, quando questionados, alguns alunos demonstraram familiaridade com o termo, afirmando que ele "estava relacionado à defesa ou apologia de algo". Em seguida, expliquei que a apologia que Argula fazia se referia à figura de Cristo (conforme mencionado no refrão da canção). Assim como outros reformadores, ela contestava o que considerava um ensinamento equivocado da Igreja Católica e escrevia sobre Cristo como a fonte do perdão dos pecados, em contraposição às indulgências.

Por fim, alcançamos o refrão da canção, o que nos levou a uma discussão sobre o conteúdo presente em sua escrita e pregação. O trecho em questão expressa o seguinte: "Pregava com coragem, questionava a Igreja/ Sem hesitação, escrevia com paixão/ Apontava para a cruz/ Motivo do perdão". Em resumo, concluímos que esse conteúdo estava relacionado à salvação pela

fé e à ênfatização de Cristo como o único caminho, em oposição às indulgências que eram promovidas pela Igreja Católica. Concluímos a oficina com uma reflexão sobre o presente: será que nos dias atuais, especificamente no contexto religioso, as mulheres avançaram e conquistaram maior liberdade? As respostas variaram consideravelmente, e alguns dos participantes, incluindo os evangélicos presentes na sala, expressaram suas opiniões. Houve respostas otimistas, como "Sim, professor, hoje em dia temos mais liberdade" e "podemos participar em todas as atividades nas igrejas", bem como respostas mais negativas, como "na igreja, ainda ensinam que o lugar da mulher é apenas em casa cuidando dos filhos". Concluímos então que, no contexto eclesiástico, ainda há bastante tensão acerca do tema, pois, se de um lado há, em muitos ambientes, um espaço acolhedor onde mulheres participam plenamente de todas as atividades da igreja, ainda há, em muitos contextos, ecos de uma tradição conservadora, e, sendo assim, desafios a serem ainda superados. Dessa forma, pudemos refletir sobre as continuidades e mudanças ao longo da história, identificando avanços e também permanências.

## **Oficina 2 (turma do 7º ano "A")**

A segunda oficina destinada aos alunos do 7º ano A ocorreu em 17 de agosto de 2023, durante o quinto período da manhã (10h15 às 11h00). Similar ao que foi realizado na turma 7º ano C, a mesma atividade foi conduzida com a turma do 7º ano A. Portanto, não se faz necessário repetir a explicação detalhada das etapas da atividade, uma vez que já foi previamente delineada. No entanto, é pertinente apresentar as observações relevantes feitas pelo aplicador da atividade em relação ao desempenho dos estudantes nesta segunda oficina.

Iniciamos, então, a oficina com uma breve recapitulação dos tpicos discutidos na oficina anterior e após, procedemos  audição da canção "Tese 95" com o objetivo de analisar sua melodia e ritmo. A primeira questão levantada foi se os alunos conseguiam identificar o gênero musical da canção reproduzida. Ao contrário dos estudantes do 7º ano C, que foram capazes de identificar o gênero presente no refrão da canção, os alunos da turma do 7º

ano A não conseguiram fazê-lo. É relevante destacar uma dificuldade enfrentada pelo aplicador da oficina em relação ao comportamento desta turma, pois ela, durante grande parte da atividade, se mostrou bastante agitada. E, tal agitação, acabou por contribuir para uma dificuldade de concentração dos alunos na audição atenta da canção.

No que diz respeito à segunda questão, que abordava as emoções e sensações experimentadas pelos alunos ao ouvir a canção, os estudantes da turma não conseguiram expressar seus sentimentos em resposta. É de suma importância destacar essas reações negativas, visto que ao compararmos com a turma do 7º ano C, observamos respostas divergentes frente à mesma atividade. Enquanto a turma do 7º ano C demonstrou, ao longo das sessões da oficina, um envolvimento mais ativo e até mesmo entusiasmado, os alunos do 7º ano A apresentaram, em grande parte do tempo, uma postura desatenta e agitada. É evidente que tais comportamentos exerceram influência sobre os resultados obtidos. Além disso, o pesquisador também enfrentou dificuldades relacionadas à estrutura das aulas nas turmas, que eram ministradas apenas uma vez por dia. Pois, levando-se em consideração o tempo gasto para chamar a atenção dos alunos, especialmente na turma do 7º ano A, restava pouco espaço de tempo para uma aplicação eficaz do planejamento estabelecido.

Após concluir a análise da melodia e ritmo na primeira parte da oficina, foi prosseguida a segunda etapa, na qual exploramos a contribuição de Argula von Grumbach para o movimento da Reforma. Introduzimos essa seção com uma pergunta retórica inicial: "Onde estavam as mulheres na Reforma Protestante?" Essa pergunta foi formulada para estabelecer uma conexão com a paródia que seria apresentada posteriormente.

Antes de prosseguir com a audição da paródia, decidi questionar os alunos sobre o entendimento deles em relação ao conceito de paródia. Uma das alunas tentou explicar que uma paródia envolve "colocar uma nova letra na mesma música". Eu confirmei sua explicação de forma positiva e acrescentei que, na paródia, todos os elementos musicais originais são mantidos, com a única alteração sendo a letra da canção.

Outro aspecto observado pelo pesquisador responsável pela condução das oficinas foi que, em ambas as turmas, as alunas, em comparação com os

meninos, demonstraram consistentemente um maior interesse e disposição para compartilhar suas ideias e participar ativamente das atividades. Uma hipótese levantada pelo docente sugere que, dado o enfoque específico das oficinas na representação das mulheres, o tema pode ter despertado maior sensibilidade nas alunas, dada a sua conexão mais direta com suas próprias experiências e identidades.

Após esclarecer o conceito de paródia, procedi à explicação detalhada do processo de composição da letra para a paródia e, por fim, apresentamos a versão parodiada da canção, permitindo que os alunos a ouvissem.

No momento seguinte a audição da paródia, procedi com uma série de perguntas aos alunos para avaliar sua compreensão da letra. Alguns alunos compartilharam que entenderam que a paródia abordava a história de uma mulher chamada Argula e reconheceram que ela era uma escritora. Outros mencionaram que ela tinha uma postura crítica em relação à Igreja Católica. A partir das impressões dos alunos sobre o conteúdo da letra, iniciei uma explanação sobre a vida e o papel de Argula von Grumbach, utilizando as informações presentes na paródia como ponto de partida.

Seguiu-se o mesmo procedimento passo a passo e foram compartilhadas as mesmas informações apresentadas à turma do 7º ano C. Após a análise completa da paródia, os alunos foram questionados sobre a persistência da marginalização das mulheres nos dias atuais e se as crenças protestantes, que no século XVI representaram um avanço significativo ao proporcionar uma maior participação das mulheres na sociedade, resultaram em progresso e maior liberdade para elas na contemporaneidade. Diante dessas questões, os alunos, sobretudo as meninas, expressaram a percepção de que as mulheres ainda enfrentam preconceito e machismo nos tempos atuais. Alguns, no entanto, também notaram que, apesar dos desafios, houve melhorias ao longo do tempo em suas vidas. A partir dessas respostas, conduzimos uma reflexão coletiva sobre as questões abordadas e encerramos a oficina.

### **Oficina 3 nas turmas do 7º ano “A” e “C”**

A terceira sessão da oficina foi conduzida nas turmas do 7º ano A e 7º ano C no dia 18 de agosto. Na turma do 7º ano C, ocorreu durante o quarto período da manhã (das 09:30 às 10:15), enquanto na turma do 7º ano A, a oficina foi realizada no quinto período da manhã (das 10:15 às 11:00). Ela foi dedicada para a divisão dos grupos para a produção da atividade final: criação de paródias sobre a Reforma Protestante, bem como a pesquisa e confecção das letras das paródias.

O instrutor da oficina começou dando orientações gerais à turma, explicando a natureza da atividade e suas metas. Além disso, o pesquisador recapitulou o passo a passo utilizado na oficina anterior para a criação de paródias, destacando que esse era um dos caminhos possíveis para os estudantes, mas enfatizando que existem várias abordagens válidas na produção. Ele encorajou os alunos a explorarem recursos online para pesquisar informações sobre o processo de criação de paródias, deixando claro que a maneira como ele conduziu a atividade era apenas uma das muitas abordagens disponíveis.

Após essa explicação inicial, os alunos foram organizados em grupos, e a totalidade da aula foi destinada à criação das letras das paródias. Durante esse período, o pesquisador adotou uma abordagem onde o aluno teria maior autonomia, incentivando que eles trabalhassem de forma independente na elaboração das letras. No entanto, deixou claro que ele estaria disponível para oferecer orientação e assistência tanto em relação à pesquisa quanto à escrita, caso os alunos necessitassem e solicitassem.

Devido ao limitado tempo disponível (45 minutos), alguns grupos não conseguiram concluir a elaboração das letras durante a aula. Nesse caso, os alunos foram orientados a finalizar a atividade em casa e foram informados de que poderiam entrar em contato com o docente caso precisassem de orientação adicional ou sugestões, sendo que o pesquisador forneceu seu contato para esse fim. Ao término do tempo previsto para a aula, o pesquisador também discutiu com os alunos como seriam conduzidas as apresentações na próxima etapa da oficina.

#### **Oficina 4 nas turmas do 7º ano “A” e “C”**

A oficina 4, em ambas as turmas, foi dedicada para a apresentação das paródias produzidas pelos alunos, bem como uma discussão final e encerramento das atividades.

### 3.5 AS PARÓDIAS DO 7º ANO "A"

A última sessão de atividades na turma do sétimo ano "A" aconteceu em 22 de agosto de 2023, durante a segunda aula do dia (das 07:45 às 08:30). O principal foco dessa sessão foi à apresentação das paródias que a turma produziu.

Abaixo estão as letras das paródias que foram criadas, juntamente com uma descrição do conteúdo presente nelas.

#### **Grupo 1**

A primeira paródia foi baseada na melodia da canção "Libera ela" de Raffa Torres. Ela se enquadra no gênero pop.

#### **A paródia**

Ei, Igreja. Você vai enrolar o povo até quando  
Riqueza é só o que você tá acumulando

Eu só te falo que ganância não é tudo de mais importante que existe no mundo  
É preciso ensinar o que é correto  
Mas você não quer

Ensine logo o que é verdadeiro

Libere o povo

"Cê" tá enganando o povo

Ensinando o que é errado, e não tá nem preocupado

Libera o povo, ensine o que é correto  
O que é importante, que é ter fé em Deus

A letra da primeira paródia se concentra no evento da Reforma Protestante, não fazendo ponte com o tempo presente. Ela apresenta a Igreja Católica como uma instituição que estava envolvida em práticas enganosas e com acumulação de riqueza. O grupo também destacou que esse engano estava relacionado ao ensino proporcionado pela instituição religiosa. A paródia, portanto, tece uma crítica a tal postura. Além disso, a letra enfatiza a importância da fé em Deus como um aspecto fundamental para ser ensinado ao fiel. Não houve, no entanto, uma contextualização mais detalhada acerca do período ou cenário (político, social, etc.) onde tal acontecimento se desenvolveu. A letra esboça uma perspectiva protestante acerca das ações católicas.

## **Grupo 2**

O segundo grupo comunicou que não conseguiu terminar a paródia e, portanto, optou por não fazer a apresentação. O pesquisador tentou encorajá-los a pelo menos mostrar a parte da letra que tinham criado, mas a equipe recusou-se a fazê-lo.

## **Grupo 3**

A paródia foi baseada na melodia da canção “Caneta azul” de Manuel Gomes. Ela se enquadra no gênero Brega.

## **A paródia**

Reforma sim, Reforma não  
Quem vai vencer será Lutero ou os católicos?

Reforma sim, Reforma não  
Quem vai vencer será Lutero ou os católicos?

Lá no século XVI estava difícil, o povo pagava indulgência e era enganado  
Mas Lutero apareceu e apontou o erro e a Reforma aconteceu

A letra da paródia aborda a tensão entre Martinho Lutero e a Igreja Católica, ou seja, apontam as duas posições que disputavam poder no período da Reforma. Ela também explicita o período em que tal conflito ocorreu (século XVI) e o principal problema que motivou Lutero a lutar contra a Igreja, que foram as indulgências. A letra acusa a prática das indulgências ao engano e a algo que dificultava a vida das pessoas comuns da época.

#### **Grupo 4**

Nos momentos prévios da apresentação da quarta equipe, a turma acusou o grupo de não ter feito a paródia, mas de recorrer a uma IA, o ChatGPT, para a produção da letra. Quando questionado, o grupo confirmou. Diante do cenário posto, a equipe não apresentou, no entanto, o pesquisador manteve a letra no texto apenas para fins de registro.

Paródia baseada na música "Postulado e Calmo" (Léo Santana)

Reforma, Reforma, no século dezesseis  
Lutaram com coragem, reformando pra valer  
Lutero e a Igreja, nessa treta a gente vê  
Vem comigo, vamos aprender, se liga só, você vai entender!

Lutero era um monge, em 1517 a briga começou  
Nas 95 teses, suas críticas ele lançou  
Contra a Igreja Católica, ele protestou  
Tanta coragem, o povo todo então se inspirou!

Reforma, Reforma, no século dezesseis  
Lutaram com coragem, reformando pra valer  
Lutero e a Igreja, nessa treta a gente vê  
Vem comigo, vamos aprender, se liga só, você vai entender!

João Calvino, em Genebra ele mandou  
Uma teocracia, onde o Estado controlou  
Ideias protestantes, ele propagou  
A Reforma avançava, e o mundo mudou!

Reforma, Reforma, no século dezesseis  
Lutaram com coragem, reformando pra valer  
Lutero e a Igreja, nessa treta a gente vê  
Vem comigo, vamos aprender, se liga só, você vai entender!

Mas essa reforma também teve tretas, meu brother  
Entre católicos e protestantes, era fogo e fogo  
Guerras religiosas, causaram tanto horror  
A paz religiosa era o que a gente queria, por favor!

Reforma, Reforma, no século dezesseis  
Lutaram com coragem, reformando pra valer  
Lutero e a Igreja, nessa treta a gente vê  
Vem comigo, vamos aprender, se liga só, você vai entender!

Hoje em dia, lembramos desse tempo  
Reforma nos deu liberdade de pensamento  
Separação Igreja-Estado, novo fermento  
Mas também lembramos das lutas e sofrimento!

## **Grupo 5**

O quinto grupo comunicou que não conseguiu terminar a paródia e, portanto, optou por não fazer a apresentação. O pesquisador tentou encorajá-

los a pelo menos mostrar a parte da letra que tinham criado, mas a equipe recusou-se a fazê-lo.

## **Grupo 6**

A paródia foi desenvolvida utilizando a melodia da música intitulada "Pelado," interpretada pelo cantor Nattan. Ela pertence ao gênero musical conhecido como forró eletrônico.

### **A paródia**

Evangélicos contra católicos, é briga  
Eles pensam diferentes, mas precisam se respeitar

Ainda é possível respeito, é sim  
Essa divisão vem lá do passado, lá da Reforma

Faz tempo que aconteceu  
No século XVI foi que ocorreu  
Teve muita discussão  
Como alcançar a salvação

Uns diziam que: é só "cê" fazer o bem  
Outros diziam que só em Cristo tem salvação  
É preciso ter fé nele e pronto, e pronto, e pronto

A letra aborda a discordância de ideias/crenças entre católicos e evangélicos. Tais divergências, de acordo com a letra, existiram no passado e permanecem no tempo presente. Um ponto significativo da paródia é que ela conscientiza que, apesar das diferenças, se faz necessário respeito entre as religiões. A equipe demonstrou sensibilidade, uma vez que a letra menciona um tema bastante significativo em nossos dias: a importância da tolerância. Além disso, a paródia indica que essa divisão (sistemas de crenças distintas)

tem raízes no período da Reforma, especificamente no século XVI, e que a discussão estava centrada na questão da salvação, a Igreja Católica enfatizando a questão das obras e os protestantes a fé em Cristo.

### 3.6 AS PARÓDIAS DO 7º ANO “C”

A última atividade realizada com a turma do 7º ano C ocorreu em 22 de agosto de 2023, durante o quinto período de aulas, que compreendeu o horário das 10h15 às 11h00. Conforme mencionado anteriormente, esse momento foi reservado para que os alunos apresentassem as paródias que haviam criado em sala de aula.

Abaixo estão as letras das paródias que foram criadas, juntamente com uma descrição do conteúdo presente nelas.

#### **Grupo 1**

A primeira paródia foi criada com base na canção "Solteiro forçado", interpretada pela cantora Ana Castela. Ela pertence ao gênero musical sertanejo.

#### **A paródia**

A Reforma começou assim  
No século XVI

Um padre chamado Lutero começou a lutar  
Contra a Igreja Católica, tentou fazer ela mudar  
Contra a Igreja Católica, tentou fazer ela mudar

A igreja ensinava que para no céu chegar  
Bastava para ela pagar  
Lutero ensinava que para ser salvo

A fé ia nos ajudar

A igreja ensinava que para no céu chegar

Bastava para ela pagar

Lutero ensinava que para ser salvo

A fé ia nos ajudar.

Sola Fide, Sola Gratia, Sola Fide, Sola Gratia

Somente a fé em Cristo salva.

Sola Fide, Sola Gratia

Somente a fé em Cristo salva.

A paródia aponta o período em que a Reforma ocorreu, o século XVI, destacando a figura de Martinho Lutero. A letra também faz questão de evidenciar o lugar social de Lutero naquela sociedade: padre. Ainda se menciona a Igreja Católica e a tensão existente entre ela e o padre. A letra aborda a principal causa dessa tensão, afirmando que a centralidade da divergência dizia respeito ao falso ensino. A paródia não usa a palavra “indulgências”, mas acaba abordando o conceito ao mencionar o pagamento como meio de alcançar o céu. Em contraste, ressalta-se a ênfase de Lutero na importância da fé como requisito essencial para herdar a salvação. Também é notável o esforço da equipe no que diz respeito à pesquisa, uma vez que faz referência a dois dos “Cinco Solas”, que são declarações teológicas que resumem as principais ideias dos reformadores. A equipe destaca o aspecto religioso da Reforma Protestante ao enfatizar dois dos cinco pontos (Sola Fide e Sola Gratia).

## **Grupo 2**

A paródia foi baseada na melodia da canção “Asa Branca” de Luiz Gonzaga. Ela se enquadra no gênero forró.

## A paródia

Foi há muito tempo atrás  
Que uma Reforma aconteceu  
Na Europa, lá com Lutero  
Algo importante aconteceu.

A Igreja Católica no poder  
Estava vendendo as indulgências  
Lutero bravo, indignado  
Contra as mentiras, bem revoltado

As teses ele escreveu  
Na porta da igreja ele pregou  
Salvação só em Jesus  
Foi o que Lutero ensinou

Com ajuda dos príncipes  
Lutero teve proteção  
Ele ensinou que lá na Bíblia  
Ensinava o caminho de salvação

Ele queria mudar a Igreja  
Não queria se separar  
O padre só queria, queria muito  
A verdade restaurar

A letra da paródia abordou diversos aspectos relacionados ao contexto histórico, incluindo a menção ao continente europeu como o cenário em que os eventos da Reforma se desenrolaram. Além disso, destacou a figura do padre Lutero e abordou a problemática das indulgências. A letra também fez referência às teses escritas por Lutero, notando que ele as afixou na porta da

Igreja de Wittenberg (embora não tenha especificado onde se foi fixado, fica implícito para quem conhece o assunto que o lugar apontado é a Igreja de Wittenberg). Essas teses versavam sobre a questão da salvação em Cristo. Destaca-se o esforço da equipe no quesito pesquisa, uma vez que mencionou o papel político dos príncipes na proteção de Lutero, um aspecto que não foi abordado durante as oficinas. Além disso, a letra apontou que Lutero, inicialmente, não buscava uma ruptura com a Igreja, mas sim a restauração do que ele considerava verdadeiro a partir de sua perspectiva.

### **Grupo 3**

O terceiro grupo comunicou que não conseguiu terminar a paródia e, portanto, optou por não fazer a apresentação. O pesquisador tentou encorajá-los a pelo menos mostrar a parte da letra que tinham criado, mas a equipe recusou-se a fazê-lo.

### **Grupo 4**

A canção parodiada foi Love, Love de Melody e Naldo Benny. Ela se enquadra no gênero pop.

### **A paródia**

Vamos lá, vamos lá

Mulher pode sim falar, Mulheres fortes no passado

Na Reforma participaram, Na Reforma participaram

Na época da Reforma Argula apareceu

Contra todos ela lutou e a verdade venceu

Tendo fé ela escreveu

Fazendo o povo acreditar

Que a Igreja ensinava errado, que a Igreja ensinava errado

Mas que Lutero estava correto e a Bíblia apontava o caminho certo

Eu disse: Argula, Argula, Argula, Argula

Lutou com garra, garra, garra, garra

Mulher forte, forte, forte, forte

Reformadora

O aspecto a ser enfatizado na letra de tal paródia é que o grupo se dedicou ao tema da participação das mulheres na Reforma Protestante. A canção inicialmente destaca o direito das mulheres de se expressarem e utiliza o contexto da Reforma como um exemplo ilustrativo. Especificamente, a canção faz referência a Argula von Grumbach, uma figura que foi analisada durante nossa segunda oficina. Além disso, a figura de Martinho Lutero também é mencionada na canção. A letra da canção aponta os escritos de Argula von Grumbach, que inclui críticas ao ensinamento equivocado da Igreja e a promoção do ensinamento correto baseado na Bíblia.

## **Grupo 5**

A paródia foi baseada na melodia da canção “Erro gostoso”, da cantora Simone Mendes. Tal canção se enquadra no gênero sertanejo.

### **A paródia**

Na Reforma Protestante

As mulheres já lutavam

Conquistando seus espaços

Por igualdade brigavam

Nós mulheres vivemos uma luta constante

Mas com força e fé seguimos adiante

Mulheres unidas, sem jamais desanimar

Vamos nesse mundo conquistar o nosso lugar

É necessário revolucionar  
Por igualdade e também respeito lutar

Temos o exemplo de Argula  
Mulher forte, sensacional  
Nós podemos imitá-la  
Guerreando contra o mal

O quinto grupo, em sua letra, também abordou a temática das mulheres durante o período da Reforma Protestante. A canção trata dos desafios que as mulheres enfrentaram nesse contexto, destacando o desejo delas por igualdade. No entanto, a letra não especifica quais foram esses desafios ou os aspectos particulares da igualdade que buscavam. É importante observar que essa crítica não tem a intenção de diminuir a importância da contribuição do grupo, uma vez que compreendemos que uma paródia não pode abordar detalhadamente todo o conteúdo, e esse não é o objetivo desse gênero. No entanto, o comentário visa apenas destacar essa lacuna na abordagem. É evidente que o grupo demonstrou uma sensibilidade maior em relação ao tema na letra da música em relação ao grupo que o antecedeu, pois a letra não se limita aos desafios enfrentados pelas mulheres do passado, mas também retrata a situação atual, mencionando que as mulheres ainda enfrentam desafios e conflitos. A canção incentiva à unidade entre as mulheres e encoraja a não desistir da luta. A palavra "revolução" também é usada na letra, sugerindo a busca por uma mudança estrutural em direção à igualdade. Argula von Grumbach é citada como um exemplo a ser seguido na letra.

## **Grupo 6**

Nos momentos prévios da apresentação da sexta equipe, a turma afirmou que o grupo de não fez de fato a paródia, acusando-os de plagiarem da internet. Com a letra em mãos, o pesquisador fez uma rápida busca e identificou que a paródia foi plagiada de uma canal da plataforma YouTube.

Diante do cenário posto, a equipe não apresentou, no entanto, o pesquisador manteve a letra no texto apenas para fins de registro.

Paródia baseada na música “Só você” (Fábio Jr)

Religião agora vai mudar,  
Eu explico pra você.  
Regras católicas vão se perder,  
Lutero aparece.

A Igreja passa indulgências a vender,  
Lutero vai combater.  
E a burguesia sempre defendendo o seu,  
Lutero ela acolheu.

Nova Igreja ele vai fundar,  
Luterana eu já sei.  
E também vai agradar ao Rei,  
Seu poder eu aumentei.

E com Calvino vem a predestinação,  
Não sei se estou salvo ou não.  
Henrique VIII vai na Inglaterra fazer,  
Aumentar o seu poder.”

## **Grupo 7**

A paródia foi baseada na melodia da canção “No chão novinha” de Anitta e Pedro Sampaio. Ela é um híbrido de funk e pop.

### **A paródia**

As indulgências

Foram ensinadas  
 Pelos católicos  
 Sim pelo clero  
 Reforma, Reforma, Reforma  
 Protestante

Protestante, protestante, protestante, Reforma Protestante

Indulgencias não quero mais, não mais, não mais  
 Isso eu não quero mais, não mais, não mais

A letra da paródia aborda o tema das indulgências. Quanto a conteúdo, é possível perceber que, comparada as paródias anteriores, ela é a mais reduzida, fixando-se apenas na temática das indulgências. Atrela-se tal prática ao catolicismo da época da Reforma e é explícito também na paródia que tal atividade é entendida como algo ruim, pois o eu lírico da paródia não o quer mais.

### **Grupo 8**

A paródia foi baseada na melodia da canção “Sai da frente” de Juliette. Ela se enquadra no gênero pop (com elementos de forró).

### **A paródia**

Deixa eu te falar irmão  
 De uma grande confusão  
 Divisão lá na Igreja  
 Muita briga, discussão

Sai da frente, preciso te contar mais do que falam por ai  
 Navegando contra a corrente, hereges saiam da frente

Você quer saber, né

Do que tou falando, né  
É da Reforma  
Religiosa, né  
Então se liga, é importante  
Esse assunto, né  
No fim você entende

Até quando, não vão me dá ouvidos  
Até quando, a Igreja não vai mudar

Vai ter que se separar

A letra da canção inicialmente aborda a temática da divisão dentro da Igreja. É importante destacar que a palavra "herege" é mencionada em um trecho da música. Tradicionalmente, nos livros didáticos, essa palavra é discutida sob a perspectiva católica, referindo-se àqueles que discordavam dos dogmas estabelecidos pela Igreja Católica, sendo denominados como hereges. Entretanto, é interessante notar que, na paródia em questão, a palavra "herege" é utilizada de um ponto de vista protestante, onde os católicos são considerados hereges. Além disso, a letra da música também enfatiza a necessidade de separação, devido, principalmente, à resistência apresentada pela Igreja Católica em relação às mudanças propostas pelo movimento protestante.

### 3.7 O QUADRO GERAL

Após a apresentação das paródias, em ambas as turmas, restava pouco tempo até o fim do período de aula. No entanto, o docente aplicador das oficinas ainda conduziu uma discussão com os alunos sobre como foi o processo de criação das paródias. As principais respostas, de forma positiva, incluíram que a experiência foi "divertida" e que ela os fez "analisar o tema de uma forma diferente". Por outro lado, em um tom mais negativo, alguns alunos

mencionaram as "dificuldades em encontrar rimas adequadas para a letra" e também destacaram os desafios de trabalho em equipe, observando que muitos se distraíam com "conversas e brincadeiras".

Quando indagados sobre o motivo de escolherem determinados gêneros musicais, todos os alunos mencionaram que sua seleção foi baseada na "identificação pessoal". Através das paródias, tornou-se evidente o diversificado universo musical existente nas turmas, com quatro composições pertencendo ao gênero pop (sendo uma delas uma fusão de pop e funk), duas aderindo ao estilo forró, duas ao sertanejo e uma ao brega. Vale ressaltar que a contagem dos gêneros aqui não incluiu a paródia considerada plágio e a paródia gerada por inteligência artificial.

A hipótese do pesquisador de que o grau de engajamento das turmas nas primeiras atividades também influenciaria na etapa de apresentação se confirmou, pois no 7º ano C, seis dos oito grupos fizeram suas apresentações, enquanto no 7º ano A, apenas três dos seis grupos realizaram suas apresentações.

Em síntese, o pesquisador chegou à conclusão de que, de maneira geral, o resultado das oficinas foi positivo. Obviamente, é importante observar que alguns resultados não estavam dentro das expectativas, como a desistência de alguns grupos, casos de plágio e o uso indevido da inteligência artificial (ChatGPT). No entanto, ainda assim, tais dados são também resultados e foram devidamente registrados no texto.

Em termos gerais, as paródias apresentadas desempenharam eficazmente seu papel ao abordar aspectos significativos relacionados ao tema da Reforma. Além disso, algumas paródias foram além, explorando conexões com questões contemporâneas, como a tolerância religiosa e a busca por igualdade de gênero. Isso demonstra a capacidade de relacionar um tópico histórico com questões atuais e reais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim dessa dissertação, cabe aqui retomar os propósitos que impulsionaram sua escrita. O objetivo de tal trabalho de pesquisa foi o de examinar o potencial da utilização da canção enquanto recurso didático no ensino de História, com um enfoque específico na temática da Reforma Protestante. A primeira motivação para a escrita de tal tema foi justamente minha trajetória pessoal com a música, que, em alguma medida, facilitou a utilização desse tipo de linguagem em sala de aula na minha jornada enquanto docente. Tais experiências foram instigações para a escrita de tal texto. A segunda motivação se relaciona diretamente com a temática escolhida para ser trabalhada a partir do uso de canções: o movimento da Reforma Protestante, com foco na participação e influência de duas mulheres, Argula von Grumbach e Maria Dentièrre. Tal recorte foi escolhido dado à persistência da invisibilidade ou marginalização da figura da mulher no ensino de história, nesse caso, precisamente no tema da Reforma Protestante. E, como exposto na introdução, tal assunto também esteve ligado intimamente a minha trajetória pessoal.

A pesquisa partiu da ideia de refletir sobre a possibilidade do uso da canção enquanto uma ferramenta eficaz no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de história. Dada a multiplicidade de dificuldades encontradas por um docente em sala de aula e também a diversidade e singularidade que é cada turma ou mesmo é cada aluno, em hipótese alguma a intenção de tal dissertação foi afirmar que o simples uso da linguagem canção em sala solucionaria todo e qualquer problema ou alcançaria 100% dos alunos. Na realidade, o alvo de tal estudo, no que diz respeito à primeira parte (capítulo I), foi 1. Apontar para os docentes a canção como um recurso viável no processo de ensinar e aprender história. 2. Sugerir um possível passo a passo a ser tomado pelos docentes de como lidar com canções em sala de aula, de como analisá-las.

Penso que tais alvos foram alcançados, pois ao longo do primeiro capítulo, a partir de uma revisão ampla de literatura e também por meio da análise das dissertações do ProfHistória, ficou evidente para o leitor que a

canção tem total potencial de se tornar um excelente recurso para ser usado em uma aula de história, desde que o docente saiba lidar com tal linguagem.

No que tange a sugestão de apontar um caminho sobre o uso de canções, acredito também que a análise das duas canções evangélicas deixou claro essa possível trajetória, onde, basicamente, levaram-se em consideração os aspectos musicais da obra (gênero, melodia, ritmo), a letra da canção e o contexto sociocultural da própria produção e artista que concebeu ou interpretou a canção. Ou seja, se levou em conta a integralidade da canção para ser estudada em sala de aula.

Quanto à segunda parte da dissertação, considero também que a meta almejada foi atingida. Como parte do objetivo geral dessa dissertação era lidar com as mulheres no movimento da Reforma Protestante, dado a lacuna desse tópico presente no ensino de história, acredito que a apresentação das figuras de Argula von Grumbach e de Maria Dentière, em alguma medida, reduz esse problema. Ou seja, evidenciamos, a partir das duas biografias, que as mulheres tiveram sim uma participação efetiva no início do protestantismo. E não somente isso, concordando com Ulrich (2016), também entendemos que “as histórias das reformadoras e a sua atuação corajosa, criativa, sem dúvida, podem ser uma grande inspiração e força criativa para a atuação das mulheres no tempo presente” (p. 91).

Finalmente, em relação a terceira e última parte da dissertação, o trecho propositivo dessa pesquisa, obteve-se também resultados consideráveis. O propósito global das oficinas consistiu na reflexão e avaliação da eficácia da análise de canções enquanto ferramenta pedagógica no âmbito do ensino da história. Além disso, também visou orientar os estudantes na criação de uma série de paródias. O tema específico escolhido para ser abordado durante a realização das oficinas, bem como na produção das paródias, foi a Reforma Protestante, com ênfase na figura da reformadora Argula von Grumbach. Durante todas as oficinas os alunos realizaram atividades, tais como: audição de canções, debates, pesquisas e produção de paródias.

A opção por trabalhar com oficinas e com as análises de canções e também de paródias, estimulou o alunado a uma postura mais ativa no processo de construção do conhecimento. Claro que, como destacado no terceiro capítulo, tal abordagem não conseguiu atingir a totalidade dos alunos.

No entanto, como também descrito, foi percebido que a maioria dos alunos se empenhou bastante, destacando-se principalmente o grupo das meninas, que se sensibilizaram mais com a temática.

Desmembrar uma canção com os alunos foi uma experiência muito enriquecedora. À medida que íamos questionando a canção e, juntos, pensando possíveis respostas, foi possível perceber a eficácia da metodologia, pois 1. Os alunos estavam de fato presentes na aula. Participaram, questionaram, emitiam opinião. 2. O tema discutido a partir da canção e da paródia foi criando sentido para eles, fato que foi demonstrado principalmente no processo de produção das paródias.

As produções dos alunos foram justamente o ponto alto das oficinas. Observar toda a movimentação em sala de aula durante o processo de produção e todo o entusiasmo das apresentações é parte significativa do resultado, difícil de mensurar em uma dissertação.

As paródias apresentadas abordaram aspectos importantes da temática trabalhada em sala. Tal dado por si só já demonstra que de fato houve um engajamento por parte dos estudantes durante a realização das oficinas (ouvindo atentamente as explicações, levantando dúvidas, pesquisando, emitindo ponto de vistas, etc.) e também durante o processo de produção da própria paródia. A partir das análises da produção das paródias, no que diz respeito ao conteúdo presente nas letras elaboradas, foi possível perceber um extrapolar daquilo que havia sido exposto durante a realização das oficinas. Alguns alunos conseguiram até mesmo tecer conexões das discussões com alguns temas sensíveis da contemporaneidade, como, por exemplo, a questão da intolerância religiosa, problema que existe até mesmo dentro do próprio cristianismo (entre protestantes e católicos e vice-versa). Além disso, houve paródias que também trataram do tópico da busca pela igualdade de gênero, fazendo ponte entre a luta das mulheres do passado e as dificuldades que elas ainda precisam lidar no tempo presente.

Enfim, encerro tal dissertação grato pelas experiências enriquecedoras vivenciadas, especialmente durante o período de aprendizado mútuo com os alunos do 7º ano “A” e “C” da escola Lynaldo Cavalcante. Os resultados foram muitos: engajamento, aprendizagem, produção e, porque também não pontuar, diversão.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula, v. 3, p. 67-100, 2004.

ANDRADE, Mário de. Pequena História da Música. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

AZAMBUJA, Luciano de. LEITURA, CANÇÃO E HISTÓRIA MUNDO LIVRE S/A CONTRA O “IMPÉRIO DO MAL”. Santa Catarina, 2007. Dissertação (Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão), Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

BAYER, O. A Teologia de Martim Lutero: uma atualização. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

BARROS, J. D. História e música: considerações sobre suas possibilidades de interação. Revista História & Perspectivas, [S. l.], v. 31, n. 58, 2019. DOI: 10.14393/HeP-v31n58-2018-2.

Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/36121>. Acesso em: 20 fev. 2023.

BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

Binoti, Janete Jâne. A MÚSICA PENTECOSTAL: UM ESTUDO DE CASO NA SEDE DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS DE BRUSQUE, SANTA CATARINA. v. 5 n. 1 (2017): Dossiê: Pentecostalismo e Reforma.

Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/542>

Burmann, Claudir. Protagonismo feminino, igreja e mulheres no ministério da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: a propósito dos 500 anos da Reforma. *Protestantismo em Revista* | São Leopoldo | v. 43, n. 1 | p. 65-82 | jan./jun. 2017 Disponível em: <<http://periodicos.est.edu/index.php/nepp>>

Burke, Peter; 1937- O que é história cultural?/Peter Burke; tradução: Sérgio Goes de Paula.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Burke, Peter (org.). *A Escrita a história: novas perspectivas*; tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CHAVES, E. A música caipira em aulas de História: questões e possibilidades. Curitiba, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Paraná. 2006.

DEIFELT, Wanda. Mulheres pregadoras: uma tradição da Igreja. *Theophilos: Revista de Teologia e Filosofia*, Canoas, v. 1, n. 2, p. 353-372, 2001. p. 354-355.

DEIFELT, Wanda. Um olhar feminino sobre a Reforma Protestante. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/561775-um-olhar-feminino-sobre-a-reforma-protestante-entrevista-especial-com-wanda-deifelt>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

Delumeau, Jean. Nascimento e afirmação da Reforma/ Jean Delumeau; tradução de João Pedro Mendes. - - São Paulo: Pioneira, 1989. - -(Biblioteca Pioneira de ciências sociais. História. Série "Nova Clio"; 30)

Faustino, R. C., & Gasparin, J. L. (2008). A influência do positivismo e do historicismo na educação e no ensino de história. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 23, 157-166. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v23i0.2765>

Felizardo, Sara Menezes. As mulheres na história dos livros didáticos de história de ensino fundamental II das escolas municipais de Cruz das Almas/BA. Dissertação de Mestrado Profissional em Ensino de História. Salvador. P. 126. 2018

Ferreira, Larissa Cristhina Giron. Letras que subvertem: expressões da religiosidade feminina na Europa do século XVI. Revista Espacialidades [online]. 2020.2, v. 16, n. 2, ISSN 1984-817X

Fernandes, Rubeneide Oliveira Lima. Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo. 2006.

FERREIRA, Antonio Martins. Como usar a música na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

Gagnebin, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer / Jeanne Marie Gagnebin — São Paulo: Ed. 34, 2006. 224 p.

HARTIER, Roger. A História Cultural: Entre práticas e representações. Algás: DIFEL, 1982.

HERMETO, Miriam. Canção popular brasileira e ensino de História: Palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Jesus, Monaquelly Carmo de J58d Desvendando a história por meio do forró em sequências didáticas : laboratório a partir da prática em turmas de ensino fundamental / Monaquelly Carmo de Jesus ; orientador Fábio Alves dos Santos — São Cristóvão, 2018.

KUYUMJIAN, Marcelo. A música no ensino de história: história, cultura e sociedade. São Paulo: Annablume, 2005.

Lindberg, Carter. História da reforma/ Carter Lindberg; tradução Elissamai Bauleo. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

Linnekan de Sousa Nascimento, M. (2021). O PENTECOSTALISMO NA HISTÓRIA DA IGREJA: DE JERUSALÉM À AZUSA. *Teologia Em Revista - Revista Acadêmica Da FAESP*, 1(02). Recuperado de <https://teologiaemrevista.emnuvens.com.br/teologia/article/view/37>

Lopes, Ângela Tenilly Ribeiro. L85i A importância do planejamento para o sucesso escolar. / Ângela Tenilly Ribeiro Lopes. Redenção, 2014.

MacGrath, Alister E., 1953- Revolução protestante/ Alister MacGrath; tradução Lena e Regina Aranha.- Brasília, DF: Palavra, 2012.

McGrath, Alister E. O pensamento da Reforma/ Alister E. McGrath; traduzido por Jonathan Hack.- São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

MacGrath, Alister. Origens intelectuais da Reforma/ Alister MacGrath (tradução Susana Klassen). São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MACHADO, GISLAINE. MARIE DENTIÈRE: UMA PROTESTANTE ENTRE OS PROTESTANTES. In: Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, 2022. Anais do VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e IV Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, 2022.

Manoel, Diogo Silva. MÚSICA PARA HISTORIADORES: [RE]PENSANDO CANÇÃO POPULAR COMO DOCUMENTO E FONTE HISTÓRICA. Anais do XIX Encontro Regional de História. Profissão Historiador: Formação e Mercado de Trabalho. Juiz de Fora- 28 a 31 de julho de 2014.

Mathias, Carlos Leonardo Kelmer. O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica. *História Unisinos* 15(1): 40-49, Janeiro/Abril 2011.

MEIRA, Vanessa Raquel de Almeida. O IMPACTO DO CRISTIANISMO NA PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 3., 2016, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016. | p.419-428

Mendes, Priscila Caroline Mendes; Aquino, Adriana Duarte Borges et al. História cultural e sua influência na produção historiográfica sobre as mulheres. FEPEFG. Minas Gerais, 2015.

MOREIRA, Claudia R. B. S.; VASCONCELOS, José Antonio. Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de História. Curitiba: Ibpex, 2007.

Moreira, Viviane da Silva. Ensinar mulheres na História: abordagens biográficas. Dissertação de Mestrado em Ensino de História. Florianópolis. P. 127. 2018.

NAPOLITANO, Marcos. História e música. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Napolitano, Marcos N216h História & música – história cultural da música popular / Marcos Napolitano. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120p. (Coleção História &... Reflexões, 2).

Oliveira Neto, J.B. Silva, E. S. AS PRINCIPAIS METODOLOGIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: POSITIVISMO, MARXISMO E ESCOLA NOVA. v. 5 n. 1.2 (2017): REDIVI - Revista de Divulgação Interdisciplinar [Seção: Núcleo das Licenciaturas].

Palermo, Silas. A Reforma Protestante e a Música. FIDES REFORMATATA XXIII, Nº 1 (2018): 19-33.

PERROT, Michele. Minha História das Mulheres. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

Perrot, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história/ Michelle Perrot: tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP; EDUSC, 2005. 520 p.; 23 (Coleção História)

Pires, Débora Costa História da música: antiguidade ao barroco. / Débora Costa Pires. – Indaijal: UNIASSELVI, 2019. 253 p.; il. ISBN 978-85-515-0260-0 1.Música – História - Brasil. II. Centro Universitário Leonardo Da Vinci.

Souza, Carolina Bezerra de. Jesus e as mulheres no Evangelho de Marcos [manuscrito]: paradigmas de relação de gênero / Carolina Bezerra de Souza. – 2014.

Reeves, Michael. A chama inextinguível: descobrindo o cerne da Reforma/ Michael Reeves, tradução Josaiás Ribeiro Cardoso Júnior- Brasília, DF: Editora Monergismo, 2016.

Salviano, Rute; Pinheiro, Jaqueline. Reformadoras: mulheres que influenciaram a reforma e ajudaram a mudar a igreja e o mundo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: GodBooks; Thomas Nelson Brasil, 2021.

Santos, Wesley Herculano dos. Guia de possibilidades para o uso da música no ensino de história: a relação interdisciplinar entre música e história a partir das dissertações do profhistória/ Wsley Herculano dos Santos. – 2022.

Silva, Débora Costa e. O que é canção, por Luiz Tatit. Disponível em: [https://www.digestivocultural.com/blog/post.asp?codigo=1567&titulo=O\\_que\\_e\\_cancao,\\_por\\_Luiz\\_Tatit](https://www.digestivocultural.com/blog/post.asp?codigo=1567&titulo=O_que_e_cancao,_por_Luiz_Tatit)

Acesso em 24 de setembro de 2023.

Silva, Maria Fabíola da. Cantando a História : Produção de paródias no ensino de História / Maria Fabíola da Silva. — 2021.

Sobreira, Dayane Nascimento; Medeiros, Maria do Socorro da Silva. Nova História cultural e feminismos: entre coloridos e possibilidades. Anais XII CONAGES. Campina Grande: Realize Editora, 2016.

SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana Maria. A Emergência da Pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: Revista Brasileira de História. São Paulo. Vol. 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

Souza, Carolina Bezerra de. Jesus e as mulheres no Evangelho de Marcos [manuscrito]: paradigmas de relação de gênero / Carolina Bezerra de Souza. – 2014.

Sousa, Iskaime da Silva. Paródia e gênero no Ensino Fundamental II: discutindo imagens a partir de retextualização de letras de Funk/ Iskaime da Silva Sousa.- Cajazeiras, 2016.

Stjerna, Kirsi. TEOLOGIA DA REFORMA NAS MÃOS DE ARGULA VON GRUMBACH; tradução de Alex Blasi de Souza. Coisas do Gênero | São Leopoldo | v.3 n. 2 | p. 49 - 58 | jul.- dez. 2017.

Ulrich, Claudete Beise. A atuação das mulheres na reforma protestante do século XVI. Estudos de Religião, v. 30, n. 2. 71-94. Maio-ago. 2016.

**ANEXOS**

- Letra da canção "Tese 95"
- Letra da canção parodiada: Domingo de Manhã
- Paródia sobre Argula Von Grumbach
- Solicitação de autorização para pesquisa acadêmico-científica
- Planos de aula

Tese 95 (João Manô)

Estão tentando nos fazer pensar  
Que por nossas boas obras  
Chegaremos ao céu  
Estão enlouquecendo ao ponto de falar  
Que Deus precisa de rasas indulgências

Estão tentando nos convencer  
Que por nossa força braçal  
Abriremos os portões  
Estão perdidos e cegos ao dizer  
Que tudo que Deus tem pra você é condição

Quando sobe prega o que não interessa  
E diz que ganha mais aquele que oferta  
Mas, e a verdade onde está?  
E há música em tudo e pouco tempo sobra  
Para se pregar o que de fato importa  
Estão adoecendo em comoção

Seja considerado tolo  
Todo aquele que disser: Paz! Paz!  
Sem que haja paz!  
Seja considerado justo  
Todo aquele que disser: Cruz! Cruz!  
Sem que haja cruz!

Mas à luz de velas um homem lê  
Que o justo viverá pela fé  
O justo viverá  
O justo viverá pela fé  
O justo viverá

Domingo de Manhã (Marcos e Belutti)

Tá com voz de sono  
Foi mal se te acordei  
Desligue e volte a dormir  
Depois me ligue aqui

Eu nem sei  
O que faria nesse inverno  
Qualquer coisa que não fosse com você  
Me causaria tédio

Poderia estar agora no espaço  
Em um módulo lunar, oh, que chato  
E se eu tivesse agora velejando  
Num barquinho no Caribe, Deus me livre  
Poderia estar agora num hotel mil estrelas em Dubai

Mas eu, eu, eu

Prefiro estar aqui te perturbando  
Domingo de manhã  
É que eu prefiro ouvir  
Sua voz de sono  
Domingo de manhã  
Domingo de manhã

Paródia sobre Argula Von Grumbach (Baseada na melodia da canção de  
Domingo de Manhã de Marcos e Belutti)

Argula von Grumbach  
Uma reformadora  
Motivada por suas crenças  
Tornou-se precursora.

Sua história  
Deixou um grande legado  
Na Reforma ela lutou  
Sua escrita levava esperança a um povo fatigado.

Defendeu que a Palavra, que a Bíblia é a única regra de fé, ela disse  
Que mulher também podia no campo da teologia atuar, e pregar  
Enfrentou marido, clero, liderança e sociedade.

Apologeta, ela, sim

Pregava com coragem, questionava a Igreja  
Sem hesitação, escrevia com paixão  
Apontava para a cruz  
Motivo do perdão

## Planos de aula

**Oficina 01**

Direcionamento: 7º ano A e C

Habilidade BNCC (EF07HI05) Identificar e relacionar as vinculações entre as reformas religiosas e os processos culturais e sociais do período moderno na Europa e na América.

Objetivo: Analisar, junto com o alunado, as principais ideias presentes no movimento da Reforma Protestante, a partir da canção “Tese 95”.

Duração: 45 minutos

Procedimentos/estratégias:

- Apresentar o tema geral (Reforma Protestante) e explicitar os objetivos almejados para o corpo discente ao longo do transcurso das oficinas.
- Sondar o conhecimento prévio dos alunos acerca do tema por meio da dinâmica “Tempestade de ideias ou brainstorming”.
- Ouvir a canção “Tese 95” do intérprete João Manô.
- Analisar, junto com o alunado, a canção, levando em consideração quem é o intérprete, o contexto em que a obra foi criada, a letra, ritmo e melodia.
- Discutir o tema Reforma Protestante a partir da canção.
- Comparar a letra da canção com trechos (citações) selecionados de Alister E. MacGrath acerca da Reforma.
- Finalizar a oficina por meio de uma avaliação de aprendizagem (Tempestade de ideias).

**Oficina 2**

Direcionamento: 7º ano A e C

Habilidade BNCC (EF07HI05) Identificar e relacionar as vinculações entre as reformas religiosas e os processos culturais e sociais do período moderno na Europa e na América.

Objetivo: Compreender quem foi Argula von Grumbach e sua atuação no movimento da Reforma a partir da escuta e análise de uma paródia.

Duração: 45 minutos

Procedimentos/estratégias:

- Apresentar o tema (Argula von Grumbach e sua atuação na Reforma Protestante) e explicitar os objetivos almejados para o corpo discente ao longo do transcurso da presente oficina.
- Ouvir a paródia “Argula von Grmbach”, baseada na melodia da canção “Domingo de manhã” da dupla Marcos e Belutti.
- Dividir a turma em grupos para análise das paródias.
- Estimular o compartilhamento das análises realizadas por cada grupo.
- Refletir sobre o tema a partir das análises feitas pelo alunado.
- Comparar as ideias presentes na paródia com trechos (citações) selecionados sobre o tema da autora Rute Salviano.
- Apresentar a proposta final de atividade: criação de paródias em grupo que tratem da Reforma Protestante.

### **Oficina 3**

Direcionamento: 7º ano A e C

Habilidade BNCC (EF07HI05) Identificar e relacionar as vinculações entre as reformas religiosas e os processos culturais e sociais do período moderno na Europa e na América.

Objetivo: Orientar e auxiliar o alunado na produção de paródias que tratem sobre a temática Reforma Protestante.

Duração: 45 minutos

Procedimentos/estratégias:

- Apresentar aos alunos o processo detalhado da construção da paródia sobre Argula von Grumbach empregado pelo docente aplicador das oficinas.
- Dividir a turma em grupos.
- Fornecer orientação a cada grupo no processo de seleção da canção a ser parodiada, na realização de pesquisa referente ao tema em questão, bem como na redação da letra a ser incorporada à canção escolhida.

### **Oficina 4**

Direcionamento: 7º ano A e C

Habilidade BNCC (EF07HI05) Identificar e relacionar as vinculações entre as reformas religiosas e os processos culturais e sociais do período moderno na Europa e na América.

Objetivo: Proporcionar aos alunos a oportunidade de demonstrar sua compreensão aprofundada sobre a Reforma Protestante por meio da apresentação de paródias originais.

Duração: 45 minutos

Procedimentos/estratégias:

- Incentivar a troca de experiências relativas ao desenvolvimento das paródias, abrangendo os desafios enfrentados durante o processo criativo, além das lições e conhecimentos assimilados ao longo desse percurso.
- Propiciar o momento da exibição das paródias realizadas pelos grupos.
- Discussão final e encerramento das oficinas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA  
(PROFHISTORIA)

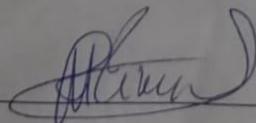
SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-  
CIENTÍFICA

Através do presente instrumento, solicitamos do (a) Gestor (a) da Escola Municipal do Ensino Fundamental Professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, autorização para realização de oficinas pedagógicas integrantes da pesquisa de dissertação do acadêmico Manuel Machado Gonçalves Ramos, orientado pelo Prof<sup>o</sup> Dr. Paulo Maia Roberto de Azevedo Maia, tendo como título "Cantando a Reforma Protestante: o protagonismo das mulheres no início do movimento". NÃO HAVERÁ EXPOSIÇÃO DO ALUNADO. As oficinas pedagógicas deverão ser realizadas em turmas do 7º ano no mês de agosto do presente ano (2023). A presente atividade é requisito para a conclusão do curso do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal da Paraíba.

João Pessoa, 08 de agosto de 2023.

Deferido

Indeferido



Assinatura e carimbo do gestor

José Manoel Alves de Lima  
Gestor Administrativo  
P.d. 7860-3